

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NICOLE XAVIER DA CUNHA MINVIELLE

**CASAMENTO INFANTIL DE MENINAS SÍRIAS NOS CAMPOS DE REFUGIADOS
NA JORDÂNIA: INTERESSES PRÁTICOS DE GÊNERO E/OU VIOLÊNCIA DE
GÊNERO?**

Brasília
2022

NICOLE XAVIER DA CUNHA MINVIELLE

**CASAMENTO INFANTIL DE MENINAS SÍRIAS NOS CAMPOS DE REFUGIADOS
NA JORDÂNIA: INTERESSES PRÁTICOS DE GÊNERO E/OU VIOLÊNCIA DE
GÊNERO?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de
Relações Internacionais como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Isabel Carvalho Pinto

Brasília
2022

NICOLE XAVIER DA CUNHA MINVIELLE

**CASAMENTO INFANTIL DE MENINAS SÍRIAS NOS CAMPOS DE REFUGIADOS
NA JORDÂNIA: INTERESSES PRÁTICOS DE GÊNERO E/OU VIOLÊNCIA DE
GÊNERO?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de
Relações Internacionais como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Vânia Isabel Carvalho Pinto
(orientadora) – Universidade de Brasília

Prof. Dra. Sônia Hamid
– Instituto Federal de Brasília

Prof. Dr. Pascoal Pereira
– Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Brasília
2022

AGRADECIMENTOS

Termo de escrever os agradecimentos sentada em um abrigo emergencial para pessoas refugiadas venezuelanas em Boa Vista. Passando meu dia a dia com mulheres e crianças forçadas a se deslocar, agradeço primeiramente à elas, por me ensinar sobre resiliência, coragem, sororidade e empatia. Sob tais ensinamentos, absorvidos durante sete anos trabalhando com essa população, finalizo essa pesquisa.

Agradeço à Maria Joaquina, minha mãe e melhor amiga. No momento de medo que tive de me mudar para Brasília para buscar esse sonho, foi ela que me empurrou. “Vai com medo, mas vai”. Eu fui. E é por ela que me encontro aqui hoje. À nossa pequena família que nos adotou: Vic, Bebê Kong e Carmelo. Em especial, ao meu eterno Zé Pequeno, que faleceu em 2021, mas muito amor me deu para que eu chegasse até aqui ao longo dos anos que passamos juntos.

Às amoras (es) me acompanham de longe mas que irradiam amor até o centro-oeste do Brasil: Bruna Coelho, Gabriel, Izadora, Janylle, Kauane, Luiza e Nágila. Às amoras (es) brasilienses que vivenciaram o doce e o amargo cotidiano do mestrado: à todes que passaram pelo lar da 411, mas em especial ao José e Gabriela. Às mulheres que conheci na jornada do refúgio, Bruna Pereira e Juliana. Um especial obrigada ao Marcos Fillipe, que merece ser eternizado aqui por me inspirar leveza, tranquilidade, conversas, gargalhadas, amizade e amor.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de mestrado, ao Instituto de Relações Internacionais e a minha orientadora pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa.

Dedico esta dissertação à Maria Joaquina, mulher, mãe e melhor amiga e a minha vó Léa. A dedico também “à todas as mulheres que já se definiram pela dor” (Ryane Leão, 2022).

*Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
[...]
Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar
(Mulher do fim do mundo – Elza Soares,
2015)*

*They have no idea what it's like
To lose home and the risk of
Never finding home again
To have your entire life
Split between two lands and
Become the bridge between two countries
(Immigrant – Rupi Kaur, 2021)*

RESUMO

O casamento infantil possibilita explorar as vivências das meninas a partir da intersecção dos marcadores sociais de infância e gênero. Frente a dificuldade em acessar suas vivências, opiniões e subjetividades, o objeto de análise dessa pesquisa são as narrativas dos atores internacionais que atuam e acessam a crise síria na Jordânia sobre o casamento infantil. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo responder à pergunta de pesquisa: Por quê o casamento infantil é percebido como um interesse prático de gênero das meninas e suas famílias, se é considerado uma violência de gênero pelos atores internacionais? Nossa hipótese foi que, devido às condições nos campos de refugiados, as meninas e suas famílias vêem o casamento infantil como uma forma de atingir seus *interesses práticos de gênero* de proteção física, social e econômica. No entanto, o casamento infantil gera consequências negativas para as meninas e desrespeita os *interesses estratégicos de gênero* de alcançar o empoderamento e igualdade de gênero, a longo prazo. Para explorar essa complexa relação, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos os conceitos teóricos de *interesses das mulheres e interesses de gênero* de Maxine Molyneux, a metodologia de estudo de caso e o método de codificação. No segundo, conceituamos infância, meninas e casamento infantil no sistema internacional e humanitário e apresentamos os resultados quantitativos da codificação sobre o casamento de meninas sírias em campos na Jordânia. Por fim, no terceiro capítulo, analisamos os padrões de características, causas, consequências, denúncias e programas do casamento infantil na comunidade refugiada síria a partir do uso das categorias teóricas de *interesses de gênero*. Como resultados, observamos que: 1) Não foi possível acessar os *interesses* das meninas dissociados dos interesses de suas famílias, devido ao seu silenciamento. Bem como, a falta do recorte de idade na teoria de Maxine Molyneux, dificultou as discussões sobre agência e interesses das meninas; 2) Os atores internacionais são propensos a evidenciar as vozes das meninas quando condizem com os *interesses estratégicos de gênero*, como a consentização sobre as consequências negativas do casamento infantil e os benefícios dos programas de consentização e combate ao casamento infantil dos organismos internacionais. Mas silencia as meninas quando é para evidenciar os *interesses práticos de gênero* que não correspondem aos *interesses estratégicos de gênero*, de justiça social, proteção à infância e igualdade de gênero, mas parecem atender à interesses percebidos como urgentes e necessários pelas meninas e suas famílias.

Palavras-chaves: Casamento infantil; Interesses de gênero; Campos de refugiados; Jordânia; Crise síria.

ABSTRACT

Child marriage makes it possible to explore girls' experiences from the intersection of two social markers of childhood and gender. Facing the difficulties to access their experiences, thoughts and subjectivities, the object of analysis of this research is child marriage narratives of the international actors that act and assess the Syrian humanitarian crisis in Jordan. Therefore, this research aims to answer the research question: Why is child marriage perceived as a *practical gender interest* by women and their families, is it considered gender violence by international actors? Our hypothesis was that, given the conditions in the refugee camps, girls and their families see child marriage as a way to achieve their practical gender interests of physical, social and economic protection. However, child marriage has negative consequences for girls and disrespects the *strategic gender interests* of achieving long-term gender empowerment and equality. To explore this complex relationship, the work was divided into three chapters. In the first, we present Maxine Molyneux's theoretical concepts of *women's interests and gender interests*, the case study methodology and the coding method. In the second, we conceptualize childhood, girls and child marriage in the international and humanitarian system and present the quantitative results of the coding on the marriage of Syrian girls in camps in Jordan. Finally, in the third chapter, we analyze the patterns of characteristics, causes, consequences, complaints and programs of child marriage in the Syrian refugee community using theoretical categories of gender interests. As a result, we concluded that: 1) It was not possible to access the interests of girls dissociated from the interests of their families, due to their silencing. As well, the lack of age category in Maxine Molyneux's theory made discussions about agency and girls' interests difficult; 2) International actors are likely to highlight girls' voices when they are in line with *strategic gender interests*, such as raising awareness of the negative consequences of child marriage and the benefits of international organizations' awareness-raising and anti-child marriage programs. But it silences girls when it is to highlight the *practical gender interests* that do not correspond to the strategic interests of gender, social justice, child protection and gender equality, but seem to meet interests perceived as urgent and necessary for girls and their families.

Keywords: Child marriage; Gender interests; Refugee camps; Jordan; Syrian crisis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Temas x Descrição dos temas.....	36
Quadro 02 – Categorias das características do casamento infantil.....	60
Quadro 03 – Categorias das causas do casamento infantil.....	64
Quadro 04 – Categorias das consequências do casamento infantil.....	70
Quadro 05 – Categorias relatos e denúncias sobre casamento infantil.....	73
Quadro 06 – Categorização programas, ações e monitoramento do casamento infantil.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Tema dos códigos x Fonte autora.....	37
Tabela 02 – Códigos x Fonte Autora x Natureza da Informação.....	54
Tabela 03 – Códigos x Fonte autora x Localização.....	55
Tabela 04 – Códigos x Fonte Autora x Categoria.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Frequência códigos x Fonte autora.....	37
Gráfico 02 – Frequência produção documentos x ano.....	54
Gráfico 03 – Frequência x Fonte autora x Categoria.....	57

LISTA DE SIGLAS

ACNUR – Agência da ONU para Refugiados
AWO – *Arab Women Organization*
EJC – *Emirate Jordanian Camp*
FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
NHF – Noor Al Hussein Foundation
GAGE – *Gender and Adolescence Global Evidence*
GNB – *Girls Not Brides*
HRC – *Human Rights Council*
IASC – *Inter-Agency Standing Committee*
IFC – *International Finance Corporation*
ILO – *International Labour Organization*
IMC – *International Medical Corps*
IRC – *International Rescue Committee*
IRIN – *Integrated Regional Information Networks*
KAP – *King Abdullah Park*
NAOC – *NATO Association of Canada*
NRC – *Norwegian Refugee Council*
OCHA – Coordenação de Assuntos Humanitários
OI – Organização Internacional
OIM – Organização Internacional das Migrações
OIT – Organização Internacional do Trabalho
OING – Organização Internacional Não Governamental
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PMA – Programa Alimentar Mundial
PRJ – Plano de Resposta da Jordânia
SRAD – *Syrian Refugee Affairs Directorate*
UNFPA – *United Nations Population Fund*
UNHCR – *United Nations High Commissioner for Refugees*
UNICEF – *United Nations Children's Fund*
USCDCP – *United States Centers for Disease Control and Prevention*
WASH – *Water, Sanitation and Hygiene*
WFP – *World Food Programme*
WRC – *Women's Refugee Commission*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 01 – PERSPECTIVA TEÓRICA E METODOLOGIA.....	22
1.1 “INTERESSES DAS MULHERES E DE GÊNERO”: DEFINIÇÕES E DISCUSSÕES.....	22
1.2 ESTUDO DE CASO E ANÁLISE QUALITATIVA DE DADOS POR KALPOKAITE E RADIVOJEVIC.....	31
1.3 CODIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA SÍRIAS REFUGIADAS NOS CAMPOS DA JORDÂNIA.....	35
CAPÍTULO 02 – O FENÔMENO DO CASAMENTO INFANTIL.....	40
2.1 MENINAS E CASAMENTO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL INTERNACIONAL.....	40
2.1.1 A RESPOSTA AO CASAMENTO INFANTIL EM UMA EMERGÊNCIA HUMANITÁRIA	47
2.2 RESULTADOS QUANTITATIVOS DO CICLO DE CATEGORIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO INFANTIL	50
2.2.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS	50
2.2.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS CÓDIGOS	53
CAPÍTULO 03 - CASAMENTO INFANTIL NOS CAMPOS DE REFUGIADOS SÍRIOS NA JORDÂNIA: INTERESSES DAS MENINAS E DAS FAMÍLIAS	59
3.1 CARACTERÍSTICAS DO CASAMENTO INFANTIL: PERFIL E CONTEXTO NA COMUNIDADE SÍRIA REFUGIADA.....	59
3.2 CAUSAS DO CASAMENTO INFANTIL: OS INTERESSES PRÁTICOS DE GÊNERO NAS NORMAS SÍRIAS E NA CONDIÇÃO DE REFÚGIO	64
3.3 CONSEQUÊNCIAS DO CASAMENTO INFANTIL: A VIOLAÇÃO DOS INTERESSES ESTRATÉGICOS DE GÊNERO DAS MENINAS SÍRIAS	69
3.4 DAS DENÚNCIAS AOS PROGRAMAS: PRIORIDADES DOS ATORES INTERNACIONAIS E ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE SÍRIA.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
APÊNDICE A	94
APÊNDICE B.....	97

INTRODUÇÃO

Na última década, o número de pessoas refugiadas duplicou de 10.5 milhões para 20.4 milhões¹, o que representa um aumento de 1% ao ano. Parte desse aumento se deve ao conflito sírio que deslocou mais de 12 milhões de pessoas: 6.6 milhões de deslocados internos e 6.6 milhões de refugiados (UNHCR, 2020a, p. 31; 35). A maior concentração migratória da população síria está na Turquia (3,6 milhões), no Líbano (855 mil), na Jordânia (665 mil), no Iraque (244 mil) e no Egito (130 mil), que juntos abrigam 5.4 milhões do total de sírios deslocados no mundo (UNHCR, 2021a). Assim, a emergência humanitária síria se tornou importante na política do refúgio pelos altos números e pela situação de refúgio prolongado², uma vez que o conflito e o deslocamento completaram uma década em 2021.

Dentre os países que acolhem pessoas sírias no Oriente Médio, optou-se pelo estudo da população infantil e feminina que reside nos campos de refugiados da Jordânia. Frente a dificuldade em acessar suas vivências, pensamentos e subjetividades, o objeto de análise dessa pesquisa são as narrativas dos atores internacionais sobre o casamento infantil. Mais especificamente, a partir dos documentos produzidos e distribuídos por atores internacionais que atuam e acessam a crise humanitária síria na Jordânia, o objetivo desta pesquisa é explorar a relação entre o casamento infantil como uma forma de meninas e famílias atingirem os interesses práticos de gênero na condição de refúgio e o casamento infantil como uma violência de gênero que vai contra os interesses estratégicos de gênero definidos pelos atores internacionais. Antes de adentrar no nosso estudo de caso, é necessário traçar um breve histórico e panorama sobre a resposta à crise de refugiados sírios neste país de acolhida. A Jordânia não é somente um dos países que mais recebem refugiados no mundo, ocupando o 11º no ranking, como também é o 4º país com o maior número per capita de refugiados. A chegada de 1.3 milhões de pessoas sírias, das quais 655 mil são refugiadas reconhecidas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) (MOPIC, 2020, p. 05), em uma região habitada por 7.2 milhões de pessoas em 2010, significou o crescimento de 9% da população³ em poucos anos (UNHCR, 2020a, p. 22-25). A Jordânia também abriga os maiores

¹ O cálculo foi feito com base nos Global Trends da última década, de 2010 a 2019. Os documentos podem ser acessados aqui: <https://www.unhcr.org/search?comid=56b079c44&&cid=49aea93aba&tags=globaltrends>.

² Definido quando uma população de mais de 25 mil pessoas está fora do país a mais de cinco anos sem acesso a soluções duradouras. Estima-se também que 78% dos refugiados se encontram em situações de refúgio prolongado, sem previsão de retornar para casa ou acessar soluções (UNHCR, 2020a, p. 22).

³ Dos 9.5 milhões de habitantes do país, 6.6 milhões eram jordanos e 2.9 milhões (30%) migrantes e refugiados, sobretudo sírios (1.2 milhões), egípcios (636 mil) e palestinos (634 mil) (GHAZAL, 2016, sem paginação).

campos de refugiados do Oriente Médio. Enquanto 10% dos refugiados sírios no Oriente Médio habitam em campos, na Jordânia este número sobe para 20% (WFP, 2017, p. 30).

O ACNUR define campos de refugiados como “instalações temporárias construídas para prover proteção e assistência imediata às pessoas forçadas a se deslocar de suas casas devido à guerra, à perseguição ou à violência” (UNHCR, 2021b, sem paginação, tradução própria). As instalações não têm como objetivo serem soluções ou residências permanentes, mas um local de fornecimento de itens básicos de sobrevivência (alimentação, água, abrigo e tratamento médico) (UNHCR, 2021b). Os campos normalmente são montados com autorização do governo, coordenação do ACNUR e atuação de agências da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organizações Internacionais Não Governamentais (OING) e tem como objetivo garantir a proteção e a segurança das pessoas durante a emergência. No entanto, à medida que os anos passam, torna-se difícil determinar o que é “emergência” diante de milhares de pessoas que permanecem no mesmo local, com oportunidades limitadas e vivendo sob autoridades internacionais (AGIER, 2008, p. 44-48).

Michel Agier (2008, p. 41;49) compreende o campo de refugiados como um deserto. No sentido literal, o antropólogo chama a atenção que os campos são estabelecidos em regiões afastadas de centros urbanos e não povoadas da África e da Ásia. No sentido figurativo, constitui um espaço transitório de espera entre o antes (da guerra e da violência) e o depois (a paz e o retorno) (AGIER, 2008, p. 39-40). Apesar da população enfrentar dificuldades de se integrar na comunidade de acolhida, os campos de refugiados também são microcosmos sociais, onde a vida continua. Os campos se tornam cidades semi-permanentes⁴, onde pessoas refugiadas residem, trabalham, estudam e sobrevivem com ajuda humanitária (OXFAM, 2019; AGIER, 2008, p. 41;69). Agier (2008, p. 44;62) conclui a definição de campo de refugiados como um espaço de gestão de populações indesejadas, pois alí as pessoas recebem assistência mínima para sobrevivência, ao mesmo tempo que são monitoradas e policiadas pelo governo do país de acolhida e pelos organismos internacionais competentes.

⁴ Shon (2018 *et al*, 2018, p. 03; 09) explica que os campos variam em tamanho, qualidade, localização e na autossuficiência (capacidade das pessoas em se sustentarem financeiramente e liderarem suas escolhas). Os autores diferenciam três tipos de campos. Os *tradicionais* possuem o mínimo de autossuficiência, o que significa que as pessoas só acessam o que as organizações humanitárias definem como itens básicos (proteção, alimentação, água, abrigo, segurança e saúde), e não serviços especializados, como trabalho e educação. Nos urbanos, existe um nível médio de autossuficiência pois já possui escolas, hospitais, sistema de segurança, casas pré-fabricadas, saneamento, eletricidade e comércio. Ainda assim, grande parte das pessoas dependem da ajuda humanitária. Por fim, os campos tem o potencial de serem cidades, mas não se desenvolvem como tal (AGIER, 2008, p. 58). As cidades-campos não existem na realidade, pois significaria o nível máximo de autossuficiência, naquela as pessoas teriam condições socioeconômicas descentes e sem depender das organizações (que apenas atuariam na criação de escolas, infraestrutura, trabalho, entre outros).

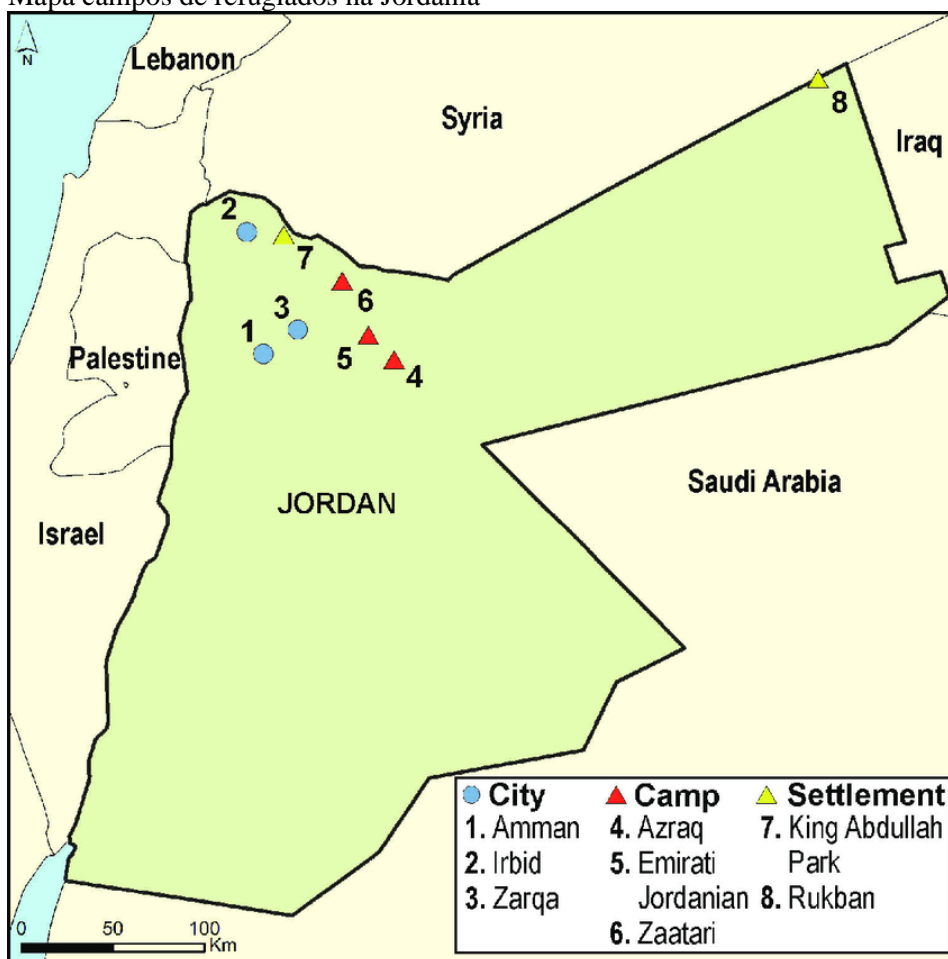
A Jordânia não é signatária da Convenção de 1951 ou do Protocolo de 1967. Isso significa que a categoria de pessoa refugiada não é reconhecida pelo governo, mas desde 1988, o país possui um memorando com o ACNUR no qual aceita acolher pessoas, nomeadas de *convidadas*. É dentro deste marco legal que, no final de 2011, as pessoas sírias começaram a atravessar a fronteira e chegar no norte da Jordânia, em Amman (29,5%), Mafraq (24,9%), Irbid (20.5%) e Zarqa (14.6%) (UNHCR, 2021a). A fim de prover assistência humanitária e registrar a população na chegada, organizações humanitárias se estabeleceram no território (LEDWITH, 2016, p. 48). É por este motivo que sabemos que as pessoas chegaram majoritariamente de Deraa, região sul da Síria que faz fronteira com a Jordânia, com uma população em sua totalidade árabe, rural (69%) e sunita (99%) (TILTNES; ZHANG; PEDERSEN, 2018, p. 21).

Frente ao enorme fluxo de pessoas na fronteira jordana e ao esgotamento do governo em prover serviços básicos, uma política específica para as pessoas sírias se tornou urgente (FRANCIS, 2015, p. 8; 20; AMNESTY INTERNATIONAL, 2014, p. 19). Por meio do financiamento anual de \$1.5 bilhões dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Alemanha e da Comissão Europeia, foi montada uma resposta humanitária, liderada pelo governo, em parceria com organizações não governamentais (ONG), OING e organizações internacionais (OI), denominada de Plano de Resposta da Jordânia (PRJ) (MOPIC, 2020, p. 03; BELLAMY, 2017, p. 49-51; FRANCIS, 2015, p. 07).

No primeiro ano da crise, houve relutância em trabalhar com campos de refugiados devido à experiência palestina, cujos campos foram construídos na década de 1950 e ainda se configuram como moradia de milhares de refugiados (DORAI, 2017, p. 05). No entanto, com a contínua chegada de pessoas, o PRJ construiu o campo Zaatari em nove dias na região de Mafraq, a apenas 10 quilômetros da fronteira com a Síria (LEDWITH, 2014, p. 14). Aberto em 28 de julho de 2012, para abrigar 20 mil pessoas, o campo se tornou um dos principais destinos e teve um crescimento expressivo em um curto período de tempo: em apenas 9 meses, em abril de 2013, atingiu seu ápice com 202 mil pessoas (SHON *et al*, 2018, p. 19; DORAÏ, 2018; UNHCR, 2018a). Em 2014, com a saída de pessoas para outras partes do país, as deportações e os retornos voluntários à Síria, o número de habitantes no Zaatari se estabilizou em 80 mil (UNHCR, 2021a; JIF, 2018; UNHCR, 2018a). Com o passar dos anos, de um complexo de tendas, o Zaatari se tornou o campo mais povoado do Oriente Médio e a quarta maior “cidade” da Jordânia, dividida em 12 distritos, nos quais 460 mil pessoas já residiram (UNHCR, 2021b, p. 01; SHON *et al*, 2018, p. 19; OXFAM, 2019; DORAÏ, 2018; WESTON, 2015; CRISP; GRISGRABER, 2014, p. 01).

Ao longo de uma década, outros cinco campos funcionaram na Jordânia. Em Irbid, foram estabelecidos o *Cyber City* e o *King Abdullah Park* (KAP), ambos já fechados. Em Zarqa, foi construído o Azraq, aberto em 30 de abril de 2014 para suprir a quantidade de pessoas que cruzavam fronteiras e para desafogar o Zaatari (UNHCR, 2020b, p. 01; DORAI, 2017, p. 06). Em 2017, o campo chegou a abrigar 42,5 mil pessoas, mas atualmente permanece com uma média de 35 mil pessoas. O *Emirati Jordanian Camp* (EJC) foi também construído em Zarqa e abriga 6.5 mil pessoas. Junto com o Azraq e Zaatari, são os três campos que ainda estão em funcionamento e, por isso, são nosso foco neste estudo (UNHCR, 2021a). Conforme o mapa abaixo, podemos observar que os campos se encontram todos perto da fronteira com a Síria.

Mapa campos de refugiados na Jordânia



Fonte: UNHCR

Os campos de refugiados ficaram sob a gestão do *Syrian Refugee Affairs Directorate* (SRAD), organismo criado pelo governo para coordenar a temática de pessoas refugiadas sírias. A SRAD passou a trabalhar em parceria com o ACNUR, e outras 40 ONGs, agências da ONU e OING no Zaatari e 33 no Azraq, para coordenar 7 setores humanitários: educação, saúde,

alimentação, WASH⁵, abrigo, meios de vida e proteção (GPC, 2021, p. 01; 2020b, p. 01). Essas áreas não foram definidas ao acaso, mas devido a pressão nos serviços públicos e o aprofundamento das necessidades humanitárias da população síria (MoPIC, 2020, p. 06). Para compreender melhor a realidade nos campos de refugiados, iremos contextualizar brevemente a situação das pessoas sírias, tendo esses setores como guia.

No que se refere a moradia, a qualidade difere geograficamente. Mafrq, onde estão assentamentos informais e campos de refugiados, é a região com as piores condições. Inicialmente, os campos de refugiados eram compostos por tendas provisórias que evoluíram para caravanas. Apesar das caravanas serem habitações semipermanentes e mais duradouras, elas são compostas por apenas um cômodo e tem a capacidade para, no máximo, seis pessoas (LEDWITH, 2014, p. 32). Isso significa que as pessoas estão em menores espaços nos centros urbanos e justifica o porquê, junto com as regiões de Irbid, Amã e Zarqa, 82% das pessoas refugiadas vivem em locais superlotados (UNHCR, 2018b, p. 20; MoPIC, 2020, p. 48; LEDWITH, 2014, p. 32; BUECHER, 2014, p. 19).

Os setores de WASH e alimentação são também desafiadores. A Jordânia é o terceiro país mais pobre em água do mundo, o que dificulta a produção de alimentos, de energia e de saneamento básico (FRANCIS, 2015, p. 10; 15). Na região norte, onde 123 mil pessoas nos campos de refugiados dependem do abastecimento de água diário, a demanda por água aumentou em 40% no país (MOPIC, 2020, p. 63). Como solução, o *United Nations Children's Fund* (UNICEF) liderou programas de construção de gasodutos para fornecimento e gestão de água, rede de esgoto e eletricidade para o abastecimento diário do Zaatari e do Azraq (UNHCR, 2021b, p. 05; UNHCR, 2020b, p. 04). O país também sofre com a escassez de alimentos tendo que importar 40% dos produtos consumidos pela população (MOPIC, 2020, p. 61). Tilnes, Zhan e Pedersen (2018, p. 59) apontam que 51% das pessoas nos campos sofrem insegurança alimentar e, como mitigação, o Programa Mundial de Alimentação (PMA) fornece assistência em dinheiro para a compra de produtos nos comércios locais. Ainda assim, as pessoas carecem de recursos próprios para a compra de alimentos (UNHCR, 2021b, p. 04; UNHCR, 2020b, p. 03; UNHCR, 2017a, p. 02).

Em uma pesquisa publicada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre o impacto sírio no mercado de trabalho jordanês, foi apontado que em Zarqa (onde encontra-se o Azraq e o EJC), 39% da população síria está desempregada comparada a 20,3% dos jordanos.

⁵ A sigla significa abastecimento de água, saneamento e promoção da higiene (*water, sanitation and hygiene* em inglês). O principal objetivo é promover práticas de higiene, fornecer água potável e instalações apropriadas, para reduzir os riscos de saúde pública (SPHERE, 2018, p. 96).

Em Irbid (onde encontravam-se o *Cyber City* e o KAP) as taxas são de 16.5% para jordanos e 25.5% para pessoas sírias. Em Mafraq (onde encontra-se o Zaatari), 18.9% para jordanos e 39.5% para sírios (MOPIC, 2020, p. 52). Assim, as taxas regionais se devem, em grande parte, às altas taxas de desemprego da população nos campos, onde apenas 44% dos homens e 8% das mulheres estão empregados. Em geral, 65% das famílias em 2017 relataram ter tido renda nos campos, comparada a 60% das famílias fora dos campos. No entanto, 83% destas pessoas receberam renda de organizações humanitárias (TILTNES; ZHAN; PEDERSEN, 2018, p. 43-44). Isso significa que enquanto nos centros urbanos os refugiados conseguem renda por meio do emprego formal (34%), nos campos a renda das pessoas continua condicionada às organizações internacionais, uma vez que as pessoas exercem cargos (técnicos como professores e assistentes sociais) para ONG e OI (15%)⁶. A economia também é criada por meio de pequenos negócios e serviços (DORAI, 2017, p. 09). No Azraq, existem duas áreas comerciais com mais de 200 lojas, das quais metade são de propriedade de sírios e a outra metade de jordanos (UNHCR, 2017a, p. 03; LEE, 2016). No Zaatari é possível encontrar mais de 2.500 lojas de eletrônicos e roupas, mercearias, padarias, restaurantes, cabelereiros e locais de socialização (DORAI, 2017, p. 09; WESTON, 2015). Para apoiar os meios de vida, organizações humanitárias gerem centros comunitários para capacitações laborais, educativas e eventos socio-culturais⁷ (UNHCR, 2021b, p. 02).

Em uma avaliação conduzida pelo *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR) (2017b, p. 04), 49% das mulheres haviam participado de alguma capacitação profissional, comparado a 18% dos homens. No entanto, a maioria não estava disposta a trabalhar fora devido às responsabilidades domésticas, ao envolvimento em atividades de renda no Zaatari ou pelo estranhamento de trabalhar fora de casa. Em geral, mulheres se envolvem em ofícios que possam ser realizados dentro de casa, como artesanato, alimentação, costura, entre outros. As mulheres de Daraa que trabalhavam com agricultura no país de origem, por exemplo, conseguem aumentar a renda devido à comercialização de alimentos produzidos em casa e vendidos nas feiras do campo (BELLAMY *et al*, 2017, p. 27). Assim, nas famílias chefiadas por mulheres existe diferença em relação a geração de renda. Nos campos, enquanto 27% das famílias chefiadas por homens vivem do dinheiro de organizações humanitárias, o

⁶ Fora do campo, as pessoas normalmente estão alocadas no setor ilegal e informal da economia (20%) (TILTNES; ZHAN; PEDERSEN, 2018, p. 110; BELLAMY *et al*, 2017, p. 26).

⁷ O Escritório de Emprego do Zaatari (EEZ), em parceria com a OIT e o Ministério do Trabalho, foi criado a fim de facilitar oportunidades de emprego, emitir autorizações de trabalho e apoiar com capacitações. Em 2021, o EEZ emitiu 13.220 autorizações de trabalho ativas (80% de homens e 20% de mulheres) (UNHCR, 2020c, p. 05) e permitiu às pessoas refugiadas empreenderem (UNHCR, 2021b, p. 02).

número aumenta para 56% das famílias chefiadas por mulheres (TILTNES, ZHAN E PEDERSEN, 2018, p. 46-7). Tais dados demonstram a desigualdade de gênero no acesso a renda, mas também, sinaliza a importância da ajuda humanitária para garantia de recursos de famílias monoparentais (BELLAMY *et al*, 2017, p. 25;33).

A saúde e a educação são dois grandes obstáculos para a população refugiada. A mudança demográfica populacional em um curto espaço de tempo pressionou os serviços de saúde (MOPIC, 2020, p. 31-35). De 2012 à 2014, as pessoas refugiadas receberam atendimento público gratuito. De 2014 a 2018, subsídios do governo para custear a saúde. Em 2018, somente as pessoas residindo nos campos continuaram a acessar serviços gratuitos (TILTNES; ZHAN; PEDERSEN, 2018, p. 67). Nos campos, 68% das pessoas com doenças acessam serviços baratos ou gratuitos de saúde básica e emergencial por meio de clínicas e hospitais que funcionam 24 horas todos os dias (UNHCR, 2020c, p. 03; 2020b, p. 03; TILTNES; ZHAN; PEDERSEN, 2018, p. 69). O conflito também impediu gerações de acessar a escola: 25% experimentaram dificuldades de acessar o ensino devido à saturação das escolas públicas, restrições financeiras, distância e violações de seus direitos, como o trabalho infantil (para meninos) e o trabalho doméstico e o casamento infantil (para meninas) (MOPIC, 2020, p. 40; FRANCIS, 2015, p. 08; LEDWITH, 2014, p. 48). Estima-se que 59% de meninos e meninas estão matriculados em escolas nos campos, número inferior aos das cidades que possuem um nível de frequência de 63% (TILTNES; ZHANG; PEDERSEN, 2018, p. 79). O Ministério da Educação da Jordânia, em cooperação com o UNICEF, atua por meio de 24 escolas no Zaatari e 15 escolas no Azraq, garantindo a frequência de 82% e 88% das crianças, respectivamente (UNHCR, 2020c, p. 01; SHON *et al*, 2018, p. 22; UNHCR, 2017a, p. 02; UNHCR, 2020b, p. 05; TILTNES; ZHANG; PEDERSEN, 2018, p. 11). As escolas são gratuitas, sendo os professores jordanos custeados pelos atores humanitários, e os turnos segregados: meninas de manhã e meninos pela tarde (LEDWITH, 2014, p. 48).

Perante o breve cenário apresentado, é possível observar que a vida nos campos de refugiados é repleta de desafios. Na moradia, na alimentação, na higiene, na saúde e na educação, as pessoas têm possibilidades limitadas e são, muitas vezes, dependentes dos serviços propostos nos campos de refugiados⁸. No âmbito da geração de renda, as possibilidades também são poucas e os recursos obtidos da assistência humanitária não são suficientes para que as pessoas vivam de forma autônoma. Assim, todas as pessoas que estão nos campos de refugiados

⁸ A Jordânia possui um dos melhores programas de proteção social da região do Oriente Médio e Norte da África, mas que não estava disponível às pessoas refugiadas até o ano de 2019 (MOPIC, 2020, p. 75; RÖTH; NIMEH; HAGEN-ZANKER, 2017, p. 04). Por isso, grande parte dos programas eram geridos e implementados por organizações humanitárias (RÖTH; NIMEH; HAGEN-ZANKER, 2017, p. 07).

são vulneráveis em algum grau, pois tem dificuldade em acessar plenamente seus direitos. Todavia, algumas populações enfrentam dificuldades específicas.

Em torno de metade de pessoas que vivem o deslocamento forçado, que abrange as pessoas refugiadas, solicitantes de refúgio, deslocadas internas, retornadas, apátridas e sobreviventes de desastres e tráfico humano, são crianças e jovens (ENSOR; GOZDAZIAK, 2016, p. 01; 12). Assim como os adultos, as crianças permanecem por anos nos campos de refugiados, o que significa que seu desenvolvimento perpassa as dificuldades em acessar educação, oportunidades de emprego e cidadania. Bem como, enfrentam violências físicas e psicossociais, como a dificuldade de criar raízes e senso de pertencimento (ENSOR; GOZDAZIAK, 2016, p. 10-11; HASSEL; KRAUSE, 2016, p. 213). Ao pensarmos nas meninas e nas mulheres, elas compõe metade dos contingentes de pessoas em situação de refúgio e enfrentam violações específicas. Mulheres enfrentam a violência de gênero, incluindo a falta de recursos financeiros, a violência doméstica e a psicoemocional (MOPIC, 2020, p. 71-74; BUECHER, 2014, p. 41). Crianças, especialmente as desacompanhadas ou separadas de um adulto, enfrentam a violência física e sexual, o abandono escolar, o trabalho, etc. Todavia, meninas estão mais vulneráveis a uma violação que perpassa a infância e o gênero: o casamento infantil (MOPIC, 2020, p. 73-74; HASSEL; KRAUSE, 2016, p. 214; UNHCR, 2020c, p. 02).

O casamento infantil é apontado como uma característica da crise síria e, durante os primeiros anos da operação, teve destaque em documentos, relatórios e notícias de jornais publicados por atores humanitários e pela mídia internacional. Ainda que, aparentemente, seja um tema frequentemente debatido, a maioria dos estudos no âmbito do refúgio tem estudado o deslocamento durante a infância ou a experiência das mulheres adultas, ignorando seus aspectos de inserção que afetam a figura da menina (ENSOR; GOZDZIAK, 2016, p. 01). Diante dessa lacuna, propusemos a seguinte pergunta de pesquisa: Por quê o casamento infantil é percebido como um *interesse prático de gênero* das meninas e suas famílias, se é considerado uma *violência de gênero* pelos atores internacionais? Nossa hipótese é que o fenômeno do casamento infantil desperta uma relação contraditória entre os interesses práticos de gênero e os interesses estratégicos de gênero. Por um lado, é caracterizado pelos aparatos internacionais como uma violência baseada no gênero e uma violação dos direitos da menina, sustentado por todo um aparato internacional de direitos da criança e da mulher. Por isso, contraria os interesses estratégicos de gênero de eliminar todas as formas de violência e de desigualdades entre as meninas e as mulheres. Ao mesmo tempo, o casamento infantil é um meio para satisfazer as necessidades práticas das meninas, das mulheres e suas famílias nos campos de refugiados, ou seja, da sobrevivência e da segurança física, social e econômica.

Com o objetivo de explorar a relação entre o casamento infantil como uma forma de meninas e famílias atingirem os *interesses práticos de gênero* na condição de refúgio e o casamento infantil como uma violência de gênero que vai contra os *interesses estratégicos de gênero* defendidos pelos atores internacionais, esta dissertação é estruturada em três capítulos. O primeiro é dedicado à apresentação da perspectiva teórica e da metodologia que guia esse trabalho. Na primeira seção, explicamos os conceitos teóricos de *interesses práticos* e *interesses estratégicos de gênero*. Na segunda, descrevemos a metodologia de estudo de caso e o método de codificação. Também explicamos o ciclo de inspeção pelo qual traçamos o caminho percorrido dos documentos sobre violência de gênero contra sírias refugiadas nos campos da Jordânia até a chegada no tema do casamento infantil.

O segundo capítulo tem como objetivo conceituar a infância, a menina e o casamento infantil. Partimos da ideia de que, apesar do casamento infantil existir em todas as sociedades durante todos os tempos históricos, sua construção conceitual se deu por meio das convenções internacionais contemporâneas (HORII, 2020c, p. 01). Também situamos os significados destes conceitos nas estruturas de uma operação humanitária e a importância que o fenômeno assume no humanitarismo. Na segunda seção, apresentamos os resultados do segundo ciclo de codificação e discutimos os resultados dos padrões quantitativos sobre o casamento infantil de meninas sírias em campos na Jordânia.

Por fim, o terceiro capítulo explora a relação entre o casamento infantil como uma prática na comunidade síria refugiada em campos na Jordânia e o casamento infantil como uma violência de gênero. Por meio dos resultados dos 249 códigos extraídos de 32 documentos de OI, OING e jornais da mídia internacional, discutimos a complexa relação entre os fatores que levam meninas e famílias a exercerem escolhas que nem sempre correspondem às ideias de justiça social, proteção à infância e igualdade de gênero empregadas pelos organismos internacionais. Mais especificamente, analisamos os padrões de características, causas, consequências, programas e denúncias do casamento infantil na comunidade síria refugiada a partir do uso das categorias teóricas de *interesses de gênero* e da contextualização sobre o casamento infantil no âmbito humanitário.

CAPÍTULO 01 – PERSPECTIVA TEÓRICA E METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é apresentar o conceito *interesses das mulheres e interesses de gênero* e as principais definições e discussões derivadas desta literatura. É discutida também a metodologia de estudo de caso e o método da codificação pelas quais as informações e dados foram identificados, coletados e analisados.

1.1 “INTERESSES DAS MULHERES E DE GÊNERO”: DEFINIÇÕES E DISCUSSÕES

Uma das primeiras pesquisadoras que se debruçou sobre o conceito *interesses das mulheres* foi Maxine Molyneux, em seu texto publicado em 1985. Na ocasião, a socióloga estava preocupada em analisar as alegações de que o governo sandinista da Nicarágua não representou os interesses das mulheres nas políticas públicas, mas reproduziu as mesmas subordinações de gênero do antigo governo (AZZOLIN; YANNOULAS, 2016, p. 20). Molyneux (1985) identificou três teses problemáticas na literatura sobre interesses. A primeira é que o gênero é o principal determinante na definição dos interesses das mulheres. Isso significaria que: a) no dia a dia, as mulheres agem e tomam decisões baseadas nos papéis e nas expectativas atribuídas à elas, colocando outras intersecções, como classe, raça e sexualidade em segundo plano e b) que as mulheres teriam consciência dos impactos das desigualdades de gênero e definiriam seus interesses a partir dessas realidades identificadas em comum.

A segunda é de que os interesses das mulheres são sinônimos dos interesses de gênero. Ao aceitar que o gênero é a categoria determinante, assume-se que ao definir os interesses de gênero *automaticamente* definem-se os das mulheres. Por exemplo, se identificamos que a autonomia financeira é um interesse de gênero para que se alcance a equidade e o empoderamento feminino, este deve ser buscado por todas as mulheres, independente das outras intersecções que possam existir. A *terceira* é que a subjetividade das mulheres é estruturada pelos efeitos de gênero. Aqui se presume uma estreita ligação entre as consequências dos interesses de gênero na coletividade e a subjetividade de todas as mulheres que são parte dessa comunidade. Seguindo o mesmo exemplo, a mulher que preferisse não trabalhar fora de casa para ficar mais tempo com os filhos, colocaria sua preferência individual de lado, para se juntar ao interesse coletivo de trabalhar fora para alcançar a igualdade de gênero no trabalho.

A fim de repensar as alegações, de que as mulheres possuem interesses definidos *a priori* condicionados pelo seu gênero, Molyneux (1998, p. 234) retorna às origens da teoria do interesse, com Katherine Fierlbeck e Hrefna Krístrún Jónasdóttir. A primeira autora apresenta

o dilema da subjetividade da mulher e da coletividade de gênero. Por um lado, observar os interesses subjetivos torna impossível a macroanálise de um grupo. Apesar de cada mulher ter suas realidades pelas quais definem prioridades, não é factível analisarmos individualmente. Por outro lado, se focarmos somente nos interesses que se sobressaem da coletividade corremos os riscos de nos deparar com a “ditadura da maioria” e ignorar as preferências específicas, que pode nos levar a novas conclusões. A partir dessas reflexões, Molyneux (2001, p. 154) chega à conclusão de que é impossível identificar interesses independentes das *subjetividades* dos agentes, pois os interesses de um grupo só existem devido a convergência de pensamentos, que em algum momento foram individuais, mas que em contextos históricos e culturais favoráveis, se tornaram coletivos. Conforme sugestão da segunda autora, deve-se buscar um equilíbrio entre o reconhecimento da *subjetividade* dos agentes, que criam os interesses, e dos *contextos* onde são formulados, que determinarão quais e como as escolhas são feitas. Para sofisticar esta explicação, Molyneux sugere trabalhar teoricamente com duas manifestações heurísticas: os *interesses das mulheres* e os *interesses de gênero*.

As mulheres estão posicionadas nas sociedades sob diferentes marcadores sociais, como classe, raça, etnia, sexualidade, entre outros, tornando a análise sobre a vivência da mulher mais complexa do que somente o gênero. Os interesses variam também no espaço e tempo, pois dependem dos valores e dos costumes absorvidos pelas mulheres em seus contextos. É difícil, se não impossível, compararmos os interesses das mulheres europeias no século XV e das mulheres latino-americanas no século XXI, uma vez que as realidades históricas e culturais foram construídas e vivências de diferentes formas (MOLYNEUX, 1985, p. 234; 1998, p. 231; 2001, p. 44). Ou seja, as prioridades das mulheres não são definidas pelo seu gênero, pois somente se identificar como mulher não basta para compreender a realidade na qual vive. Por isso, a construção dos interesses subjetivos, não dependem da identificação universal entre mulheres (MOLYNEUX, 1985, p. 234; 1998, p. 231; 2001, p. 44; 152).

Por vezes, além das mulheres não terem interesses em comum, eles ainda são contraditórios, devido aos marcadores sociais. Katherine Teghtsoonian (2006, p. 132) exemplifica situações de conflito de interesses entre mulheres de diferentes classes e etnias. Enquanto mulheres das classes altas podem se beneficiar do corte de impostos para alavancar seus negócios privados, mulheres pobres, dependentes de serviços públicos, podem deixar de acessar serviços essenciais de saúde e educação, devido a falta de recursos públicos e pessoais para custear serviços no âmbito privado ou público. Outro exemplo é sobre mulheres indígenas que buscam acessar serviços de saúde culturalmente sensíveis e, portanto, advogam pela contratação de pessoas de própria comunidade. Por outro lado, mulheres brancas sentirão seus

interesses prejudicados ao serem excluídas dessas oportunidades de emprego. Isso não significa que os problemas baseados no gênero desapareçam. Tanto as mulheres de classes altas e pobres, quanto as mulheres brancas e indígenas, continuam tendo suas experiências afetadas por serem mulheres. Mas apenas a condição do gênero, ainda que seja no mesmo tempo e espaço, é insuficiente para uma unidade entre as mulheres frente aos demais marcadores sociais (MOLYNEUX, 1985, p. 234-235; 2001, p. 45).

Se as mulheres não são iguais e tampouco estão em posição de igualdade em suas sociedades, é impossível que tenham os mesmos interesses (MOLYNEUX, 2001, p. 43). Apesar de não existir um consenso universal sobre quais são os interesses das mulheres, como, quando e aonde eles são formulados, Molyneux (1985, p. 234) não exclui a utilidade de um nível de abstração. Mas essa unidade nunca é dada, e sim construída e condicional. O nome cunhado para esta segunda manifestação heurística é *interesses de gênero*, diferenciados em estratégicos e práticos devido às origens e as consequências que suscitam nas mulheres (MOLYNEUX, 1998, p. 231; 2001, p. 152).

Os *interesses estratégicos de gênero* são oriundos da análise dedutiva da subordinação das mulheres e da formulação de objetivos e meios para transformar as relações sociais e garantir uma posição equitativa para a mulher na sociedade (MOLYNEUX, 1998, p. 232). Ou seja, eles derivam de uma análise crítica da existência de desigualdades estruturais e são pensados para superá-los. Temas como abolição da divisão sexual do trabalho, equidade no trabalho doméstico e do cuidado e combate às formas institucionais de discriminação são normalmente considerados como os “reais” interesses das mulheres pela maioria das perspectivas feministas, justamente porque estão no cerne da subordinação e desigualdades de gênero (MOLYNEUX, 2001, p. 43; AZZOLIN; YANNOULAS, 2016, p. 20).

Já os *interesses práticos de gênero* são indutivos, pois derivam da auto-percepção das mulheres em relação às atividades cotidianas. Esse cotidiano está enquadrado no âmbito da divisão sexual do trabalho, no qual a mulher é responsável pelas atividades de cuidado, de trabalho doméstico, entre outros (AZZOLIN; YANNOULAS, 2016, p. 20). Eles independem da consentização e da coletividade em busca de direitos. E como são uma resposta a uma necessidade imediata percebida, podem não resultar na emancipação das mulheres e dos objetivos que englobam a igualdade de gênero (MOLYNEUX, 1985, p. 233; 2001, p. 43).

Os interesses estratégicos e práticos de gênero possuem uma relação complexa. Por um lado, não podemos formular os interesses estratégicos sem alicerçar nos práticos, pois isso gera um baixo reconhecimento e engajamento das próprias mulheres. Por exemplo, uma das iniciativas de organizações humanitárias para o empoderamento feminino no âmbito do refúgio

é a capacitação de mulheres. Este pode ser um interesse estratégico de gênero, se a longo prazo mulheres assumirem cargos fora do domicílio e gerarem recursos próprios. No entanto, se o projeto não possui apoio de creche, para que as mulheres deixem seus filhos enquanto estudam, se as aulas ocorrem em horários nos quais as mulheres já realizam outras atividades ou se as mulheres não querem aprender a profissão proposta, significa que este projeto não está de acordo com as vontades daquele grupo e, conseqüentemente, não surtirá engajamento. Mas, os interesses estratégicos de gênero podem se transformar em práticos à medida que mulheres passem a se identificar com uma determinada prática e ideia. Neste caso, se os cursos propostos pela organização surtem curiosidade nas mulheres, se o horário é adaptado e se um educador é contratado para fazer atividade junto às crianças, um interesse estratégico pode se tornar também prático, pois irá satisfazer as necessidades do grupo.

É importante frizar que o mais aparente interesse que possa existir entre as mulheres, como a busca pela autonomia financeira, não pode ser considerado universal, pois isso implicaria que *todas* as mulheres do mundo concordam e querem alcançar esse objetivo. Para isso, deveria existir um processo de conscentização universal das mulheres, na qual a formulação de interesses estratégicos sofreriam uma politização dos interesses práticos. Ou seja, os movimentos feministas incorporariam as necessidades identificadas pelas mulheres como estratégicas, para obter maiores chances de identificação e apoio para a construção de uma agenda política comum (MOLYNEUX, 2001, p. 43; YANNOULAS; SILVA, 2017, p. 26).

Desde a criação dos conceitos na década de 1980, novos debates surgiram nas áreas de planejamento, monitoramento e avaliação de políticas públicas com foco em gênero (YANNOULAS; SILVA, 2017, p. 26). Na década de 1990, Caroline O. N. Moser (1989, p. 05) observou que, sendo a maioria dos tomadores de decisão homens, havia um desconhecimento ou mesmo desinteresse dos pontos de vistas das mulheres nos processos de planejamento. A partir das teses de Molyneux, a autora identificou que os processos de planejamento e desenvolvimento deveriam ser baseados nas *prioridades* também definidas por mulheres. Essas *prioridades* seriam *interesses* abstratos, posteriormente traduzidas em *necessidades* concretas a serem satisfeitas (ALSOP, 1993, p. 368). Assim, as *necessidades práticas de gênero* seriam identificadas pelas próprias mulheres, mas não desafiariam as estruturas de subordinação. Isso significaria focar em projetos que tornariam a vida das mulheres e meninas mais fáceis e dariam respostas às necessidades percebidas dentro dos papéis e das responsabilidades tradicionais, sem alterar a divisão sexual do trabalho. Um exemplo dado por Moser (1989, p. 1805) é que mulheres que necessitam gerar renda muitas vezes optam por capacitações de corte e costura ou culinária, justamente porque atendem às expectativas práticas de gênero. Para as mulheres

isso seria prático pois é um conhecimento no qual tradicionalmente já possuem prática e possibilita que gerem renda sem sair de casa. Todavia, na divisão sexual do trabalho, isso significa que a mulher continuaria exercendo o papel de cuidadora do lar e das crianças.

As *necessidades estratégicas de gênero* são formuladas a partir da contestação dos papéis de gênero. Isso significa trabalhar com planejamento que transforme as relações de gênero, desafiando ou mudando às responsabilidades atribuídas aos papéis sociais de homens e mulheres. Esse passo é mais difícil de fazer, pois envolve a mudança de ambiente e de cultura (MOSER, 1989, p. 1803; MARCH; SMYTH; MUKHOPADHYAY, 1999, p. 20; MOSER, 1993, p. 39-41; HUNT, 2004, p. 145-146). Seguindo o exemplo do parágrafo anterior, capacitações em diferentes áreas, como construção, alvenaria e carpintaria, poderiam atender às necessidades estratégicas de transplantar os papéis de gênero e permitir a mulher trabalhar fora do ambiente doméstico. No entanto, essas necessidades podem ter baixa adesão por serem identificadas como “trabalho de homem” e por não facilitar a curto prazo a vida das mulheres.

Nos estudos de Moser (1993) o tema da divisão sexual do trabalho é central e melhor desenvolvido do que nos estudos de Molyneux. A pesquisadora parte da tese que nas sociedades do Sul global, as mulheres desempenham uma tripla jornada. Elas possuem o trabalho produtivo, que implica a geração de renda por meio da força de trabalho. Nesta jornada, ocupam cargos subalternos e ganham menores salários exercendo as mesmas atividades dos homens. Bem como, estão mais envolvidas em atividades informais e que possibilitem jornadas flexíveis que possam ser alternadas com suas demais responsabilidades. As mulheres também exercem o trabalho reprodutivo, cuja responsabilidade gira em torno da procriação da força produtiva e da manutenção do cuidado, que implica a gestão do lar e das crianças. Aqui, existe uma desigualdade considerável entre homens e mulheres no tempo empreendido no cuidado doméstico e familiar, bem como, não é remunerada por não ser considerada trabalho. Por fim, as mulheres exercem o trabalho no âmbito da comunidade a fim de garantir a manutenção de sistemas. Apesar do homem dominar o ambiente público, este trabalho envolve a manutenção dos serviços de saúde e de educação para a família como um todo (MOSER, 1993, p. 30-39).

Diante dessa sistematização da jornada tripla de trabalho da mulher, podemos compreender o que significa a divisão sexual do trabalho. Os serviços básicos, como água, abrigo e comida, são de interesse da família, mas normalmente são apontados como necessidades e responsabilidades unicamente das mulheres, por elas e pela comunidade. Como as mulheres são desproporcionalmente responsáveis pelas tarefas de cuidado da família, do lar e da alimentação, um planejamento que considere tais atividades estaria condizente com as necessidades práticas de gênero (MOSER, 1989, p. 1804). Apesar das políticas planejadas

nessas áreas não gerarem a emancipação esperada conforme as agendas políticas feministas, tais iniciativas podem reverbar positivamente entre as mulheres. No entanto, também acarreta a divisão do trabalho e subordinação das mulheres dentro desse sistema, indo contra os seus interesses estratégicos (MOLYNEUX, 1985, p. 249). Nesta discussão, a família também é central, pois é onde a opressão das mulheres é iniciada e naturalizada (MOSER, 1993, p. 44). Ao tratar a questão da família como a fronteira entre o público e o privado, o Estado admite que os assuntos familiares são de propriedade privada dos homens, que têm direitos e “posse” sobre um bem que, neste caso, são as crianças e as mulheres. A família é a instituição pelo qual o Estado, gerido por homens, reforça o controle sobre os corpos das mulheres as colocando na posição social do cuidado (MOSER, 1993, p. 46; VICKERS, 2006, p. 13)

Na esteira dos estudos sobre desenvolvimento e gênero, Kate Young (1992) aprofundou os conceitos de *necessidades práticas* e *interesses estratégicos*, pensando sobre a *condição* e a *posição* socioeconômica das mulheres. A *condição* refere-se à dimensão econômica e material da mulheres na sociedade, estando ligada à pobreza, à baixa escolaridade e às dificuldades de acesso na inserção no mercado de trabalho. Já a *posição*, diz respeito à essa mesma localização socioeconômica das mulheres, mas em relação aos homens. Para a autora as *necessidades práticas* das mulheres estão relacionadas à condição e à posição que ocupam na divisão sexual do trabalho. Já os *interesses estratégicos* estão relacionados às ações de questionamento e subversão das mulheres sobre sua posição e condição (YOUNG, 1992, p. 25). Mas é importante salientar que a experiência de subordinação das mulheres não as leva a agirem automaticamente contra a estrutura que as oprime ou mesmo apoiar as mulheres que o façam (YOUNG, 1992, p. 33). Os motivos para isso são variados, desde a falta de conscientização à resignação de que não é possível mudar a subordinação e, por isso, as mulheres só sobreviverão se continuarem apoiando as estruturas dominantes masculinas (AZZOLIN; YANNOULAS, 2016, p. 21).

As discussões sobre interesses no âmbito dos estudos de gênero e desenvolvimento, trouxe importantes contribuições para a área. A primeira, é o aprofundamento da discussão sobre a divisão sexual do trabalho e a tese de que ela não é natural, mas foi estabelecida com bases nos papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres. A segunda, é que para compreender o papel da mulher no desenvolvimento, não basta olhar somente para o trabalho produtivo, mas também para as diferentes dimensões da tripla jornada de trabalho das mulheres. A terceira é que o desenvolvimento econômico possui impactos diferentes em homens e mulheres, sendo as mulheres, normalmente as mais prejudicadas. Em ambas as jornadas, trabalham longas horas, sendo que no produtivo recebem menores salários e no reprodutivo nada recebem (MOMSEN, 2010, p. 16). Para Moser (1993, p. 41), a diferenciação de

necessidades e a jornada tripla das mulheres moldam a ferramenta de planejamento. Mas não necessariamente o planejamento das necessidades das mulheres será um conteúdo feminista, a não ser que sejam transformadas em necessidades estratégicas.

Uma contribuição adicional do trabalho de Moser, foi a transversalização do gênero⁹ como teoria e estratégia nas ações e nos discursos de organismos internacionais (GUERRINA, 2006, p. 179). Por meio de acordos liderados pela ONU e endossados pelo governos nacionais, foram construídos mecanismos interagenciais, como a Plataforma de Ação de Pequim (1995) (BADEN; GOETZ, 1998, p. 33; RAI, 2008, p. 72). No entanto, Merryn L. Smith (2006, p. 206) chama a atenção de que os interesses das mulheres têm sido mal representados no cenário internacional. Desde a constituição da ONU e seus documentos base em 1946, apenas 5% dos participantes eram mulheres. Situação que melhorou após cinco décadas, com 22,2% das mulheres tendo cargos a nível de secretário geral até 2004, mas que ainda está longe de se igualar a participação dos homens nos postos de tomada de decisão. Outra problemática é que conforme as agências, documentos e instituições foram desenvolvidas, comitês sobre questões sociais e femininas foram formados, o que excluiu e marginalizou a transversalidade dos interesses estratégicos de gênero nas demais pautas.

Tal descompasso também se fez presente nas discussões feministas e nos movimentos de mulheres no âmbito internacional. Primeiro, entre os movimentos feministas e a resposta dos movimentos antifeministas, encabeçado por mulheres que discordavam das propostas sobre empoderamento e equidade e advogavam pela conservação dos papéis femininos vistos como *naturais* à mulher. Já no interior do movimento feminista, o debate entre as feministas liberais e as do Sul global se acirrou, sobretudo com as últimas se posicionando contra o “falso” universalismo das mulheres e reivindicando a inclusão de seus interesses e lideranças no movimento internacional feminista (VICKERS, 2006, p. 06). O contexto de discordância entre diferentes movimentos, demonstrou a importância de mulheres participarem de ambientes políticos e se organizarem para discutirem sobre seus interesses, mas também a relevância do cenário internacional como um local de debate, compartilhamento e construção dos interesses estratégicos (VICKERS, 2006, p. 32).

O desenvolvimento do debate sobre interesses das mulheres engajou uma série de alternativas teóricas. A primeira foi a *interseccionalidade* como um meio de amenizar a homogeneização dos interesses compartilhados pelas mulheres e pelas lideranças (eleitas ou

⁹ Normalmente conhecido como *mainstream* de gênero significa tornar as questões de gênero responsabilidade de todos em uma organização, garantindo que estejam integradas em todas as estruturas de trabalho e sejam responsabilidade de todas e todos (MARCH; SMYITH; MUKHOPADHYAY, 1999, p. 10).

não) que atuam em seu nome (SMOOTH, 2011, p. 437). Ainda que identificar interesses de mulheres seja espinhoso devido a sua complexa relação com outros marcadores sociais, Christina Ewig (2018, p. 434-438) sugere uma ferramenta a ser utilizada em duas etapas. A primeira é mapear o histórico das desigualdades estruturais da sociedade a fim de identificar as principais clivagens sociais. Isso é importante para compreender o contexto histórico e cultural na qual as mulheres estão inseridas e dominadas. Em seguida, identificar os interesses das mulheres, que podem estar apresentados em três formas. Os *expansionistas*, cujo objetivo é adicionar as questões de gênero a outras questões marginalizadas ou os *integracionistas*, quando a dimensão de gênero é absorvida em outras desigualdades. Apesar de ambas as formas serem importantes, a autora chama a atenção para uma terceira via, os interesses *reconcebidos*, capazes de reconstruir significados e garantir uma nova compreensão (EWIG, 2018, p.446-451).

Uma segunda alternativa foi apresentada por Lisa Baldez (2011). A autora inicia sua argumentação, criticando os conceitos bases de Molyneux. Para ela, é impossível separar os *interesses de gênero* de maneira tão dicotômica. Por exemplo, o cuidado com as crianças pode ser um interesse prático, pois está dentro da divisão sexual do trabalho. Mas pode se tornar estratégico, se as pressões por creches desafiam o Estado e o cobra de suas responsabilidades perante às necessidades das mulheres. Pode ser, também, uma estratégia para que mulheres tenham oportunidades de educação e trabalho para além dos cuidados com a casa. Ademais, limitar as questões de cuidado como *interesses femininos* reforça os papéis de gênero e desencoraja o engajamento dos homens nas questões de benefício para toda a família. No âmbito da representação política, Baldez (2011, p. 421-422) critica o dualismo de que os interesses das mulheres e dos homens são mutuamente excludentes, ignorando a existência de semelhanças entre eles. Diante destas problemáticas, a autora propõe medir os *interesses* por meio de um preceito da Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres (CEDAW), compartilhado entre todas as mulheres: viver suas vidas livres de discriminação baseada no gênero. Baldez (2011, p. 423) argumenta em favor da CEDAW pois é um documento assinado pela maioria dos países no mundo, permite que as mulheres busquem seus interesses e objetivos em áreas como educação, empregabilidade e saúde, áreas também de interesse dos homens.

Uma terceira visão teórica, é a da representação política. Virginia Sapiro (1981, p. 701) afirma que por muito tempo as mulheres não foram representadas, sob a ideia de que não tinham interesses próprios, mas eram representadas pelos seus maridos. No século XIX, as mulheres passaram a demandar representação não apenas como cidadãs, mas também como um grupo

unitário que compartilhava problemas sociais, econômicos e políticos, distinto dos homens. A maioria dessas distinções, inicialmente, estavam no tempo desigual que as mulheres dedicavam ao trabalho doméstico e do cuidado. Por isso, nos estudos sobre gênero e representação política, o foco inicial se deu em analisar se o aumento de líderes femininas resultava no aumento das políticas pública para mulheres. Mas isso trouxe também a questão: as mulheres seriam os únicos agentes capazes de representar seus interesses no âmbito do congresso?

Para Karen Celis (*et al*, 2008, p. 99; 2008, p. 87-88) o primeiro problema disso foi a limitação da representação, que nesta lógica, seria exercida por um único ator e em um único lugar. O segundo, foi de considerar as mulheres como um grupo que possuem apenas interesses estratégicos. Ao tratar as questões feministas e os interesses das mulheres como sinônimos, a autora chama atenção que estaríamos ignorando as divergências que existem entre movimentos das mulheres. Como alternativa, a cientista política sugere abandonar as perguntas “mulheres representam mulheres?” ou “mulheres na política fazem a diferença?”, para “quem age pelas mulheres?” “Onde, porquê e como a representação de mulheres ocorre?”. Tal mudança permitira ampliar o número de atores e de locais onde a representação das mulheres pode ser pensada a partir de um processo de articulação de diferentes interesses, perspectivas, objetivos e motivações. Em vez de tomar decisões a priori sobre os atores, locais, motivações e resultados, esta estrutura estaria sujeita à investigação dos processos e dos modos de representação política em nome das mulheres como um grupo (CELIS *et al*, 2008, p. 107-108).

O estudo de representação política é importante para pensar a posição das mulheres nos Estados e nas organizações internacionais. Molyneux (1998, p. 231) já havia sugerido que os interesses são discursivamente e politicamente construídos, o que permite questionar as maneiras pelas quais os interesses são formulados, utilizados e moldados não só pelas mulheres, mas pelas organizações que as representam. As mulheres não podem se dar ao luxo de não atuar dentro do Estado, pois para perseguir seus objetivos, devem atuar nas instituições representativas junto aos homens (CHAPPELL; HILL, 2006, p. 03). Apesar de desafiar os limites da solidariedade transcultural e do internacionalismo (MOLYNEUX, 1985, p. 234), Estados e organizações internacionais nacionais devem estar dispostos a incorporar os interesses das mulheres. Já os interesses subjetivos de mulheres devem ser diferenciados daqueles perseguidos pelos movimentos políticos, dos governos, das organizações internacionais e dos partidos que falam em nome delas (MOLYNEUX, 2001, p.04; YANNOULAS; SILVA, 2017, p. 28). Portanto, Molyneux (2001, p. 154) reconhece a importância de identificar não somente os processos envolvidos na construção do sentido, como

os elementos discursivos e identitários que são incutidos pelas organizações e grupos que visam representar os interesses de gênero das mulheres.

Ao longo do capítulo, a divisão categórica entre os interesses práticos e estratégicos foi criticada sob o argumento de que existe um *continuum* entre as categorias (MARCH; SMYTH; MUKHOPADHYAY, 1999, p. 67). Em resposta, Molyneux (2008) destaca que os interesses práticos e estratégicos devem ser ponderados e não compreendidos como automáticos e dicotômicos. A distinção é válida e útil para identificar formas de raciocínio sobre as relações de gênero. A formulação dos interesses práticos passa pela conformidade com a ordem de gênero, enquanto que os estratégicos pelo questionamento dessa mesma ordem (MOLYNEUX, 1998, p. 235; 2001, p. 158). Apesar de ocorrerem simplificações, para Molyneux (2001, p. 151), esta não é razão para abandonar os conceitos propostos na década de oitenta, mas é necessário sempre os adaptar problematizando como isso é feito e em quais condições (MOLYNEUX, 2001, p. 151; YANNOULAS; SILVA, 2017, p. 28). Ou seja, os interesses das gênero devem ser formulados a partir dos contextos e das diferentes vidas de grupos de mulheres para serem representados no seu contexto histórico, social, econômico e político (CELIS, 2006, p. 87-89).

Conforme demonstrado nesta sessão, as discussões sobre interesses e necessidades das mulheres e de gênero foram originadas e desenvolvidas, nos estudos sobre política internacional, desenvolvimento e gênero e representação política. Neste trabalho, considera-se que as manifestações heurísticas criadas por Molyneux (1985; 1998; 2001) continuam centrais, ainda que sob críticas e novas propostas ao longo das décadas. Os conceitos são úteis para discutir quais são os significados para a ocorrência do fenômeno do casamento infantil nos campos de refugiados, levando em conta não apenas os *interesses* das meninas e mulheres, mas os da sua família. Utilizamos a categoria mulher como um “essencialismo estratégico”, pelo qual não ignoramos as diferenças e tampouco aceitamos o universalismo da categoria (JHAPPAN, 1996), mas entramos em um consenso sobre os *interesses* das mulheres como representações heurísticas para análise de uma realidade (JHAPPAN, 1996). Conforme descrito na seção seguinte, fazemos isso por meio de métodos que permitem estudar os interesses objetivos das meninas, mulheres e famílias sírias refugiadas nos campos na Jordânia envolvidas no contexto de casamento infantil (MOLINEUX, 1998, p. 234; VICKERS, 2006, p. 19).

1.2 ESTUDO DE CASO E ANÁLISE QUALITATIVA DE DADOS POR KALPOKAITE E RADIVOJEVIC

Neste estudo, adotamos a metodologia qualitativa feminista, descrita por Ackerly e True (2008, p. 696) como um processo de criação do conhecimento baseado em três pontos.

Primeiro, a pesquisadora deve se atentar para o poder da epistemologia, pois os processos de pesquisa criam hierarquias entre o pesquisador e o objeto de estudo. Assim, devemos nos atentar para não construir uma narrativa vitimista e orientalizada das meninas sírias refugiadas, as tratando não como vítimas mas sim como sobreviventes. Segundo, em uma epistemologia feminista, o objetivo é reconhecer as perspectivas utilizadas ao longo da pesquisa (ACKERLY; TRUE, 2008, p. 696). Não é o objetivo trabalhar com a perspectiva dos indivíduos sobre o casamento infantil, uma vez que ela não é acessível, mas dos atores internacionais que produziram os documentos que foram possíveis de serem acessados pela autora desta pesquisa. Tais documentos contribuem para construção de pontos de vistas e significados, ainda que reconhecemos os limites na produção do conhecimento, que levam a exclusões, silenciamentos e marginalizações dos indivíduos que se tornam objetos e não “sujeitos” da pesquisa. Por fim, a pesquisadora deve-se atentar a dinâmica de poder entre os sujeitos da pesquisa (organizações e indivíduos). As organizações internacionais detém o poder epistemológico de criar significados e o poder narrativo de definir a experiência do casamento infantil. Por isso, é por meio delas que normalmente enxergamos o tema do refúgio, uma vez que os indivíduos possuem maiores dificuldades em publicizar suas experiência em redes de comunicação e informação (ACKERLY; TRUE, 2008, p. 697-698).

O estudo de um caso pressupõe compreender um tema em seu espaço e tempo delimitado, ao mesmo tempo que abrir entendimentos para unidades de casos semelhantes (GERRING, 2006, p. 19;37). A escolha por esta metodologia está em sintonia com o objetivo de explorar, descrever e promover reflexões sobre um fenômeno que interage e se insere em contextos mais complexos, ao invés de identificar regularidades ou criar leis gerais (BAXTER; JACK, 2008). A partir de uma variedade de fontes, indagamos o casamento infantil levando em conta a interação com o contexto social, político e cultural no qual está inserido, conforme a orientação de Ann Tickner (2005) e Michael Keating e Donatella Porta (2008).

A pergunta de partida desta dissertação, foi o porquê o casamento infantil ocorre no âmbito do refúgio. Para explorar essa pergunta, recorreremos aos discursos produzidos por atores internacionais, como organizações internacionais, não governamentais e a mídia internacional, sobre o casamento infantil nos campos de refugiados na Jordânia. Ou seja, nosso objetivo aqui não é contestar a veracidade do discurso, mas descrever os significados do casamento infantil a partir das organizações internacionais, reconhecendo criticamente os impactos dessas narrativas (ALGOZZINE; HANCOCK, 2006, p. 16).

O primeiro passo para uma metodologia de estudo de caso é justamente sua definição e delimitação. A delimitação determina o escopo e estreita conexões entre o caso, a pergunta

de pesquisa e a hipótese e é importante limitar um local, evento, pessoa e/ou período de tempo (BAXTER; JACK, 2008, p. 545; YIN, 2018, p. 63). Devido à existência de complexos fluxos de deslocamento ao redor do mundo, optou-se por afunilar o estudo em uma *crise*, uma *localização* e um *período de tempo*. Assim, escolhemos a crise de refugiados sírios na região do Oriente Médio e, mais especificamente, escolhemos trabalhar com o país que abriga os maiores campos de refugiados sírios na região: a Jordânia. O recorte do tempo também é importante, sendo delimitado a partir de 2012 (quando ocorreu a construção do primeiro campo de refugiados) até 2020 (quando foi possível finalizar a coleta de dados para essa pesquisa). Ainda assim, a violência de gênero é um termo amplo e com múltiplas facetas difíceis de serem todas contempladas. Assim, para tornar o estudo factível de ser executado, selecionamos apenas o casamento infantil, cujo processo é descrito ao longo deste trabalho.

A codificação é um método de coleta e de análise utilizada para identificar padrões recorrentes, organizar blocos de dados e gerar reflexões sobre o significado das informações. Sua característica é justamente possibilitar a extração, identificação e sistematização de uma grande base de dados (KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 47), o que também é característica de um estudo de caso (YIN, 2018; ALGOZZINE; HANCOCK, 2006; BAXTER; JACK, 2008). Codificar consiste em atribuir um código – que são rótulos curtos como um nome, categoria, conceito ou ideia teórica – a um segmento de dados, que pode ser uma frase, um parágrafo curto ou mesmo uma página de texto (informação qualitativa) ou conjunto de números (informação quantitativa). O código pode ser extraído de diversas fontes, desde notícias de jornais, documentos, fotos, vídeos, sites, e-mails, entrevistas, entre muitos outros. O tamanho do código pode variar de uma palavra para uma página, isso porque o objetivo não é simplesmente reduzir o texto, mas sim sintetizar o significado de um conjunto de dados escolhidos para análise (SALDAÑA, 2009 p. 03-04).

Uma vez que a codificação possui amplitude metodológica, podendo ser utilizada em trabalhos positivistas ou interpretativistas, ser feita manualmente ou por meio de um software de análise, um método solo ou em conjunto com análise de conteúdo ou de discurso, é importante situar o modelo de codificação seguido. Neste estudo, utiliza-se o Modelo Fundamental de Análise Qualitativa de Dados desenvolvido por Neringa Kalpokaite e Ivana Radivojevic (2019), que divide-se em quatro ciclos: de inspeção, de codificação, de categorização e de modelagem.

O ciclo de inspeção é a primeira abordagem indutiva dos dados, na qual o pesquisador inicia a leitura das fontes e a identificação de conceitos relevantes para a pesquisa. A preocupação é identificar “o que são” os dados e familiarizar-se com os conceitos que possam

ser relevantes à pesquisa (KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 50-51). Conforme Bob Algozzine e Dawson Hancock (2006, p. 56) é necessário que desde do início se elimine e diminua as fontes conforme a relevância dos dados para responder a pergunta de pesquisa.

A codificação é uma técnica para explorar dados e consiste em ciclos, pois dificilmente os dados são geridos, filtrado e evidenciados na primeira leitura (SALDAÑA, 2009, p. 08). O ciclo de codificação é um processo feito em três passos. A pré-codificação sugere sublinhar e evidenciar os segmentos dignos de atenção. Isto significa identificar as fontes a serem usadas e fazer uma primeira leitura dos dados. Neste momento, deve-se manter a mente aberta para as diferentes interpretações e significados que podem se apresentar (KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 52). Em seguida, a codificação inicial sugere que a pesquisadora comece a selecionar, focar, simplificar e transformar os dados em códigos. Carl Auerbach e Louise Silverstein (2003, p. 37) sugerem que a primeira coisa é quebrar o texto em menores porções para facilitar a visualização das partes relevantes. Por fim, a codificação elaborada é a fase de análise dedutiva, na qual a pesquisadora contrasta os códigos com a revisão de literatura e com a lista inicial de códigos que é elaborada antes da coleta e análises de dados. Diferente dos dois primeiros ciclos de codificação que se concentraram em extrair as informações dos dados, este ciclo reexamina os dados a partir dos conceitos e dimensões que foram previamente identificados (SALDAÑA, 2009, p. 21; KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 52).

No ciclo de categorização, categorias e temas¹⁰ são desenvolvidos a partir dos resultados do processo de codificação (SALDAÑA, 2009, p. 13; KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 52). O primeiro passo é revisar e agrupar os códigos para elaborar categorias (KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 53). Em seguida, a codificação focada envolve a busca de similaridade temática, estrutura conceitual, frequências de código e diferenças (KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 53). Este processo é também chamado de segundo ciclo de codificação por Saldaña (2009, p. 149) e consiste em primeiro reorganizar ou realizar as informações codificadas durante o primeiro ciclo e segundo criar um sentido de organização de categorias, temas e conceitos desenvolvidos. No terceiro passo da categorização, mapeamos temas, padrões ou categorias e construímos uma rede de categorias e conceitos, para então, chegar no penúltimo passo de exibir as relações entre categorias em redes, ou seja, tornar compreensível a rede de temas e conceitos que foi construída a partir dos embasamentos teóricos escolhidos para o trabalho (KALPOKAITE; RADIVOJECIC, 2019, p. 53-4).

¹⁰ Auerbach e Silverstein (2003, p. 62-3) definem tema como uma organização de tópicos que se repetem formando uma ideia em comum.

O ciclo de modelagem implica na elaboração do arcabouço conceitual para fornecer uma imagem abrangente da pesquisa (KALPOKAITE; RADIVOJEVIC, 2019, p. 54; SALDAÑA, 2009, p. 12). É importante salientar que não é objetivo desta pesquisa criar uma perspectiva teórica, mas utilizar conceitos já existentes para análise empírica do estudo de caso.

1.3 CODIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA SÍRIAS REFUGIADAS NOS CAMPOS DA JORDÂNIA

Ao iniciar o ciclo de inspeção foram selecionados 114 documentos que tratavam sobre a resposta à crise de refugiados sírios na Jordânia. A coleta dos documentos se deu em buscas em sites oficiais das organizações que atuam na Jordânia e em notícias de jornais internacionais, no marco temporal de 2011 a 2020. Os idiomas utilizados foram o inglês, cuja maioria dos documentos foram publicados, e o francês, identificado em poucos materiais. As mídias locais não foram acessadas devido a falta de conhecimento do idioma árabe. Dessa amostra foram selecionados 62 documentos para a codificação que abordavam especificamente, mas não exclusivamente, temas de Violência Sexual e de Gênero (VSG) em suas diversas dimensões. Foram lidos documentos de 2012 (ano no qual os primeiros campos na Jordânia foram abertos) à 2020 (ano no qual foi feita a coleta de dados), que continham informações sobre os cinco campos de refugiados que já existiram na Jordânia: Zaatari, Azraq, EJC, *Cyber City* e KAP. Os demais 52 documentos não foram codificados pois não tinham informações específicas sobre VSG em campos de refugiados sírios na Jordânia, ainda que tratassem de outros temas referentes à crise (ex: moradia, infraestrutura, educação, renda e trabalho).

Notou-se que os 62 documentos lidos poderiam ser sistematizados em fontes autoras. O primeiro grupo foi de documentos produzidos por organizações internacionais (OI), entidades formadas por Estados membros e que têm personalidade jurídica internacional. Mais especificamente, trabalhamos com 31 documentos (50%), sobretudo, de agências da ONU. O segundo grupo identificado foi de OING, cuja principal característica é trabalhar independente do governo e sem fins lucrativos, mas que existem com a finalidade de apoiar lacunas na sociedade. Deste grupo, tivemos 15 (24%) documentos lidos. O terceiro grupo, contou com documentos escritos em parceria por OI, OING, institutos de pesquisa ou agências governamentais (doravante chamado de ONU+). Apesar de ser apenas 04 documentos (7%), achamos relevante separar em um novo grupo, pois não verificamos nenhum critério válido para adicionar nos demais grupos. Por fim, o quarto grupo consistiu na mídia internacional (doravante denominado apenas de mídia), mais especificamente na imprensa. Deste grupo, foram 12 (19%) notícias de jornais, em sua maioria, internacionais ocidentais.

No ciclo de pré-codificação, a fim de nos aprofundar nos dados e no método, seguimos o conselho de Auberbach e Silverstein (2003, p. 132) e iniciamos a codificação manualmente. Em uma planilha excel foram criadas quatro abas: 1) OI; 2) OING; 3) ONU+; 4) Mídia. Em cada aba, os documentos foram organizados por ano (cada linha dedicada a um ano) e pela organização autora. Iniciamos a codificação pelo método elementar com o objetivo de filtrar as informações para futuros ciclos de codificação (SALDEÑA, 2009, p. 66). Mais especificamente utilizamos o método *in vivo*, que significa transcrever o código em uma frase curta (KALPOKAITE; RADJOCECIC, 2019, p. 52). A escolha deste método se deu a fim de priorizar a voz da instituição autora, seus conceitos e interpretações, e fazer uma micro-análise linha por linha ou em parágrafos curtos de suas ideias principais (SALDAÑA, 2009, p. 74). Todavia, Johnny Saldaña (2009, p. 76) adverte que usar somente o método *in vivo* na pesquisa limita a perspectiva sobre os dados. As interpretações de pesquisadores são valiosas trazer visões conceituais e teóricas sobre o fenômeno. Por este motivo, no segundo ciclo de codificação foi utilizado o método de padrões, que significa organizar os códigos por explicações semelhantes e agrupá-los em um menor número de temas, como meta-códigos (SALDEÑA, 2009, p. 152). Assim, na mesma planilha foi adicionada uma coluna para o segundo ciclo de codificação, no qual foram criados códigos com nossas palavras a partir dos códigos *in vivo* do primeiro ciclo.

Do primeiro e do segundo ciclo de codificação, foram extraídos 1.401 códigos: 816 códigos de 35 documentos de OI, 277 códigos de 15 documentos de OING, 195 códigos de 4 documentos escritos pela ONU e outras organizações e 114 códigos de 12 documentos da mídia. Devido a diversidade do conteúdo, os códigos foram sistematizados em 14 temas, com suas devidas descrições, conforme o quadro abaixo. Como base, utilizamos as definições do *Inter-Agency Standing Committee (IASC)* (2019) e do UNHCR (2003), que compreende a existência de cinco principais formas de VSG: física, sexual, psicoemocional, socioeconômica e práticas culturais prejudiciais.

Quadro 01 – Temas x Descrição dos temas

	Tema	Descrição dos temas
1	Violência Sexual de Gênero (VSG)	Violência física, psicoemocional, sexual e socioeconômica dirigida a uma pessoa com base em seu gênero ou sexo (UNHCR, 2003, p. 10).
2	Violência Sexual (VS)	Abusos sexuais, assédio sexual, estupro e exploração sexual (UNHCR, 2003, p. 16).
3	Casamento Infantil (CI)	Casamento arranjado de meninas abaixo dos 18 anos, quando a criança não é legalmente competente para concordar com tal união (IASC, 2019, p. 216; UNHCR, 2003, p. 18).

4	Violência Econômica (VE) e Acesso a Recursos	Dificuldades e negação de recursos econômicos e baixa empregabilidade, programas de renda e meios de subsistência devido ao gênero/sexo (IASC, 2019, p. 215; UNHCR, 2003, p. 18).
5	Violência Psicológica-Emocional (VPE)	Humilhações, traumas, abuso emocional, estresse, medos e depressão (UNHCR, 2003, p. 17).
6	Violência Doméstica (VD)	É a violência entre parceiros íntimos (cônjuges/namorados) ou outros membros da família (IASC, 2019, p. 215).
7	Programas/Capacitações Institucionais sobre VSG	Programas, capacitações e papéis de OIs e ONGs na mitigação/prevenção de VSG.
8	Insegurança/Segurança/Proteção/Mobilidade	Questões segurança, insegurança e proteção e mobilidade.
9	Violência Física (VF)	Socos, chutes, mutilações provocadas com ou sem armas (UNHCR, 2003, p. 17).
10	Casamento Forçado (CF)/Casamento Temporário (CT)	Casamento arranjado contra a vontade da sobrevivente/Casamento arranjado de forma temporária contra a vontade da vítima (UNHCR, 2003, p. 18).
11	Acesso aos Serviços de Saúde/SSR/Psicossocial/Proteção	Serviços de saúde, saúde sexual e reprodutiva, psicossociais, de proteção e espaços seguros para sobreviventes de violência sexual e de gênero (SVSG).
12	Acesso aos Serviços em Geral	Acesso à serviços em geral sem especificar qual.
13	Acesso à Educação	Violência nas escolas, impedimento ou interromper o acesso à educação.
14	Participação/Liderança	Envolvimento em atividades, tomada de decisão na comunidade e na família.

Fonte: Elaborada pela autora

Os códigos foram, assim sistematizados conforme os 14 temas principais acima descritos. Na tabela abaixo visualizamos a frequência com qual os temas foram extraídos dos códigos, seguindo as siglas e a numeração proposta da tabela 1: VSG (01), VS (02), CI (03), VE (04), VPE (05), VD (06), Programas/Capacitações Institucionais sobre VSG (07), Insegurança/Segurança/Proteção/Mobilidade (08), VF (09), CF/CT (12), Acesso aos Serviços de Saúde/SSR/Psicossocial/Proteção (11), Acesso aos Serviços em Geral (12), Acesso à Educação (13) e Participação/Liderança (14).

Tabela 01 – Tema dos códigos x Fonte autora

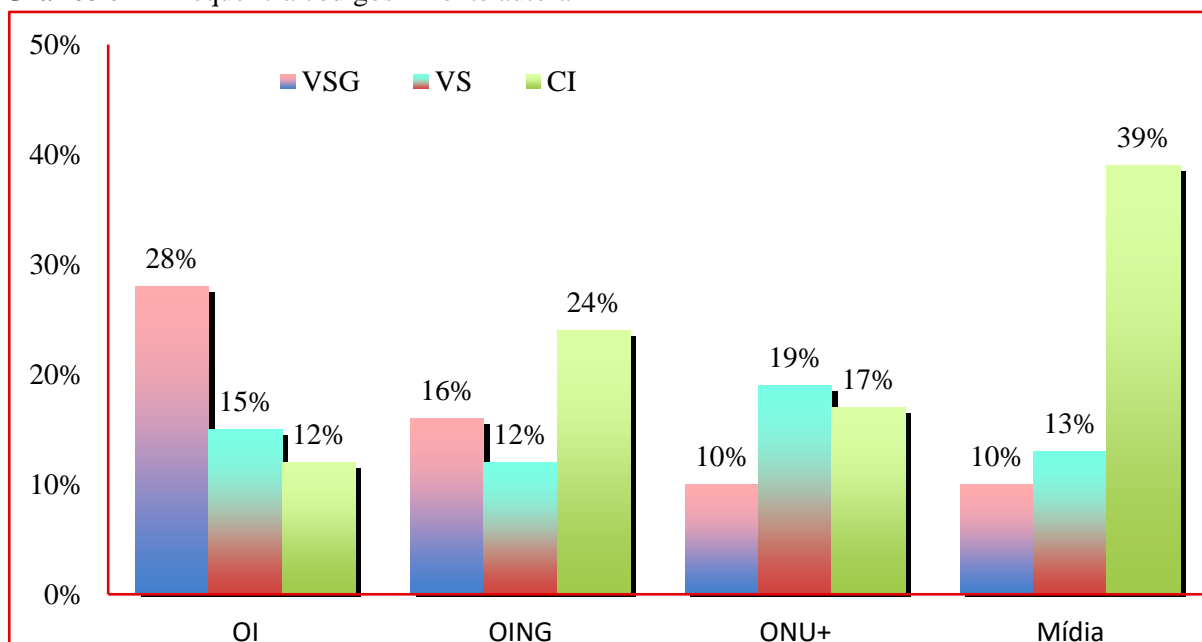
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	Total
OI	235	125	101	105	56	47	39	24	23	18	16	11	11	5	816
OING	46	35	68	12	7	15	15	23	3	16	16	14	0	7	277
ONU+	20	38	35	6	2	28	10	22	0	7	10	17	0	0	195
Mídia	12	15	45	2	1	9	1	4	2	16	3	0	0	3	113

Total	313	213	249	125	66	99	65	73	28	57	45	42	11	15	1.401
-------	-----	-----	-----	-----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-------

Fonte: Elaborada pela autora

Ao analisar os códigos por tema e por organização autora, os três mais frequentes foram: a) VSG (313 códigos – 22%), CI (249 códigos – 17%) e VS (213 – 15%), que juntas totalizaram 775 códigos, ou seja, 55% dos códigos concentrando em apenas três temas. Ao pensar os temas por organização autora, identificamos padrões diferentes, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 01 – Frequência códigos x Fonte autora



Fonte: Elaborada pela autora

Conforme o gráfico é possível identificar que a violência sexual e de gênero como um tema abrangente foi o mais trabalhado nos documentos das OI, tendo um menor apelo para as demais organizações. Os documentos de ONU+ trabalharam mais frequentemente a violência sexual, seguida também do casamento infantil. É interessante notar que OING e a mídia apresentam a maior parte de seus códigos sobre casamento infantil, com uma expressiva diferença dos outros temas: OING possuem 24% dos seus códigos de casamento infantil ante 16% do segundo colocado, violência sexual e de gênero. Para mídia a diferença é ainda maior. Enquanto o casamento infantil ocupa 39% dos códigos, o segundo lugar tem uma diferença de 26% com a temática da violência sexual e de gênero. Ou seja, é OING e mídia aparentam ter um maior interesse no casamento infantil como uma violência, enquanto OI preferem trabalhar com a violência sexual e de gênero de forma mais genérica.

Ao citarmos todos os temas, com o objetivo de demonstrar quais foram os caminhos e as escolhas metodológicas feitas, chegamos a duas conclusões. A primeira foi a existência de uma ampla base de dados a ser gerida no período de tempo da escrita da dissertação e com os recursos disponíveis para o andamento do estudo. A segunda foi a amplitude do termo violência sexual e de gênero e todas as dimensões que este termo abarca. Apesar dele ser utilizado de modo abrangente, trabalhar com a violência sexual e de gênero, tanto quantitativamente quanto qualitativamente, traz uma generalização da pesquisa difícil de ser gerida. Assim, para o desenvolvimento da pesquisa, decidiu-se afunilar o recorte temático para o casamento infantil no contexto da crise síria na Jordânia.

CAPÍTULO 02 – O FENÔMENO DO CASAMENTO INFANTIL

Neste capítulo, dois momentos são importantes. O primeiro é a discussão das categorias de infância e casamento infantil como construções conceituais internacionais e contextualizá-los no âmbito humanitário. Em seguida, uma vez compreendidos os significados do casamento infantil e seus conceitos-chaves, iremos adentrar o estudo de caso das meninas sírias refugiadas em campos na Jordânia. São apresentados o processo de categorização do casamento infantil, situando os documentos utilizados e suas fontes autoras, o período de publicação, assim como a sistematização dos resultados quantitativos.

2.1 MENINAS E CASAMENTO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL INTERNACIONAL

O casamento é um fenômeno recorrente em diversas sociedades e tempos históricos. Como instituição, Mary E. John (2021, p. 51) explica que surgiu a partir da agricultura, a medida que a propriedade privada e a herança se tornam estruturantes das sociedades. Neste arranjo social, o distanciamento das mulheres das classes sociais mais altas do trabalho e a ideia de pureza e monogamia foram essenciais para a reprodução dos herdeiros *legítimos*, responsáveis pelo acúmulo das riquezas durante as gerações. Por isso, historicamente e globalmente o casamento de meninas jovens foi parte da estratégia das famílias e comunidade para assegurar alianças políticas e melhorar condições econômicas, e a idade das filhas não era, normalmente, levada em consideração (JOHN, 2021, p. 54; HORII, 2020c, p. 01).

O conceito de infância toma corpo no século XIX, quando Philippe Aries escreve sobre as mudanças na consciência da sociedade europeia em relação à imagem da criança pura e inocente que deve ser protegida (JOHN, 2021, p. 58-59; 63; HORII, 2020c, p. 41). No século seguinte, a multiplicação dos estudos sociológicos e geográficos sobre infância tornou comum a figura da criança construída a partir de diversos contextos sociais, histórias e culturais (JOHN, 2021, p. 67). No século XX, novas categorias surgem dentro da infância: a adolescência e, mais especificamente, a adolescência feminina (*girlhood*) (DRISCOLL, 2002, p. 03). A adolescente não é caracterizada pela idade, tipo de corpo, comportamento ou identidade específica. O que a define é o desenvolvimento fisiológico individual da menina. Ou seja, a adolescente está na fronteira entre a *girlhood* e *womanhood*, delimitada pelas mudanças fisiológicas que ocorrem devido à *puberdade*. A adolescente assume a figura de transição, de não ser mais uma criança, um indivíduo inocente a ser protegido, mas também não ser ainda uma mulher, uma adulta que atinge a idade da independência moral e econômica (JOHN, 2021, p. 93; DRISCOLL, 2002, p.

03-06). O conceito de juventude também é criado para se referir a um espectro mais amplo do início da puberdade até a idade adulta, dos 10 aos 24 anos (HORII, 2020c, p. 22).

Em decorrência da criação dos conceitos *criança*, *adolescência* e *juventude*, o casamento infantil também é um conceito inaugurado na modernidade. Mais especificamente, foi na segunda metade do século XX que a idade mínima das mulheres se casarem no ocidente foi estabelecida incentivada pelo aumento dos anos de escolaridade e a inserção da mulher no mercado de trabalho¹¹ (HORII, 2020c, p. 01). Nos anos 1950, por exemplo, a idade média do casamento das mulheres era de 20 anos nos Estados Unidos. Na Inglaterra até 1930, a idade legal era 12 para meninas e 14 para meninos. Assim, o casamento infantil é uma prática antiga ao longo da história, mas como conceito construído e institucionalizado é novo (HORII, 2020c, p. 02). Mas essa não foi uma coincidência. Foi também neste período que as organizações de direitos humanos, sobretudo a Organização das Nações Unidas (ONU), passaram a focar nos países categorizados como subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Ao voltar suas atenções para a promoção dos direitos das mulheres e das meninas para o alívio da pobreza, os conceitos de infância, adolescência e *girlhood* se tornaram centrais nos discursos das organizações internacionais e humanitárias (DRISCOLL, 2002, p. 184-185).

A discussão do casamento infantil no direito internacional como uma prática de violação de direitos humanos inicia sob a influência da Liga das Nações, quando a idade mínima foi sugerida para 16 anos, em uma tentativa de aumentar a idade média global do casamento e denotar a prática do casamento de menores como “incivilizada” (HORII, 2020c, p. 02). Em 1989, a Convenção sobre os Direitos da Criança nomeou o casamento infantil como uma violação dos direitos da criança à educação, saúde e liberdade da violência, particularmente quando falamos de meninas e mulheres (MIEDEMA; KOSTER; POUW, 2020, p. 262; CAPUTO, 2018, p. 206). Em 2003, o Comitê sobre os Direitos da Criança (2003) recomendou não só aos países que estabelecessem idades mínimas para o casamento, mas que não reconhecessem o noivado e casamento de uma criança (UNICEF, 2021). Em 2015, a

¹¹ É interessante comentar que a relação entre os estudos feministas e os estudos de infância, não é automática e nem sempre harmoniosa. Rachel Rosen e Katherine Twamley (2018) apontam que apesar dos estudos terem em comum a luta pela justiça social e econômica de mulheres e crianças, os estudos feministas focavam apenas na libertação de mulheres adultas e não se interessaram no estudo das meninas a partir do recorte de idade (DRISCOLL, 2002, p. 09). Isso porquê diante da infantilização sistêmica (mulheres eram tratadas como dependentes desde o nascimento até a morte, passando da tutela do pai para o do marido), as mulheres buscaram se afastar da comparação de sua posição social de vítimas vulneráveis ou inocentes angelicais como as crianças, que escondia sua individualidade como categorias (JOHN, 2021, 67-68; ROSEN; TWAMLEY, 2018, p. 03). Mais especificamente, voltaram sua atenção para discutir sobre agência e a transformação nos relacionamentos heterossexuais baseados no casamento. Seu argumento era de que a mulher necessitava ocupar espaços fora do casamento, sobretudo as mulheres jovens que começaram a ver sua independência sexual, política e financeira atrasando o casamento e a maternidade (DRISCOLL, 2002, p. 131).

erradicação do casamento infantil também foi incorporada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. No quinto objetivo “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, a terceira meta refere-se a “Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas” (HORII, 2020b, p. 02; ONU BRASIL, 2021). Em suma, a ONU passou a compreender o casamento infantil como uma violação de direitos humanos, pois impede o desenvolvimento da criança e o pleno acesso aos seus direitos e, ao nível da comunidade, traz dificuldades ao desenvolvimento e perpetua a pobreza, a desigualdade e as inseguranças sociais (HORII, 2020a, p. 283; HRC, 2017, p. 03; OCHA, 2014, p. 07; GBV AOR, 2019, p 216).

O gênero se tornou também imperativo nessa discussão (HRC, 2019, p. 05). Uma vez que as meninas são desproporcionalmente afetadas - 84% das crianças envolvidas são do gênero feminino – o casamento infantil é também considerado uma violência de gênero (GBV AOR, 2019, p. 09; HRC, 2019, p. 04). Já em 1979, a Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW) defendeu o direito da mulher de escolher o casamento em condição de igualdade com os homens, com a condição de que uma das partes não fosse uma criança. Este mesmo artigo, sugeriu que países inserissem em seus sistemas legislativos idades mínimas para o casamento (UNICEF, 2021). Mais especificamente, as organizações internacionais enfatizaram a violência sexual e doméstica, a exploração dos serviços domésticos, a falta de oportunidades de trabalho e estudo e de acesso à saúde, como consequências do casamento infantil (HORII, 2020a, p. 283).

A temática dos direitos das meninas e das mulheres, bem como a violência sexual e de gênero, que abrange também o casamento infantil, tem sido foco dos formuladores de políticas nos âmbitos humanitário e de desenvolvimento (RAEMDONCK; REGT, 2020, p. 313-314). Em 2011, o *United Nations Population Fund* (UNFPA) afirmou que a solução para os problemas do mundo estava na promoção dos direitos das meninas (JOHN, 2021, p. 89-90). Essa constatação demonstrou um interesse renovado dos atores internacionais nas meninas do Sul global e nos crescentes programas investidos no fim do casamento infantil (CAPUTO, 2018, p. 209; MIEDEMA *et al*, 2020, p. 329). Ainda que o casamento com menos de 18 anos ocorra nos países ocidentais, os atores humanitários apontam a prevalência no Sul global, sobretudo em contextos mais pobres, onde oportunidades de educação e empregabilidade são limitadas. São nestes locais, que organizações internacionais e não governamentais apontam a necessidade de suas ações (LOKOT *et al*, 2021, p. 02).

No sistema internacional, o casamento infantil é definido pelo UNICEF (2021) como a união formal ou informal de uma criança menor de 18 anos com outra criança ou com outro

adulto. É também definido como forçado, pois para a Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) (2014, p. 03) a criança não tem competência legal e maturidade mental para consentir de forma total e livre a união. Ou seja, as organizações emitem a opinião de que o consentimento não pode ser pleno e livre quando uma das partes é imatura (HORII, 2020a, p. 283; 2020b, p. 02). O uso dos conceitos como sinônimos traz importantes discussões sobre agência e autonomia da criança, uma vez que isso significaria que uma das partes envolvidas não estaria consentindo o casamento (HORII, 2020c, p. 21). Michelle Lokot (*et al*, 2021, p. 03) e Hoko Horii (2020c, p. 01) concordam de que as discussões sobre a agência das crianças em relação ao casamento infantil é escassa. Desde a década de 1990, a sociologia da infância discute a mudança de paradigma da criança a ser protegida para a criança como um agente ativo. A razão para isso está na forma como a criança foi vista como passiva e vulnerável, tendo sua capacidade de resiliência e tomada de decisão negada. Nesta mesma década, a própria Convenção sobre os Direitos da Criança reconheceu, em seus artigos 5 e 12, o direito e a capacidade da criança ser ouvida. No Comitê do Direito da Criança (2017) também foi adotada uma abordagem de envolver a criança na tomada de decisão. Kay Tisdall (2016, p. 374-375) explica que a chamada “abordagem inclusiva da criança” busca envolvê-la nos processos e decisões, compreendendo que sua agência requer um trabalho relacional e contextual, ou seja, apoiar em como a criança irá participar da tomada de decisões com base em expressões de confiança e de informações claras que são à elas dadas.

Apesar dos avanços, a visão protecionista perdura e continua influenciando as políticas sobre infância no âmbito humanitário e de desenvolvimento (HORII, 2020b, p. 04-05). Na literatura produzida por atores internacionais, agências da ONU e organizações da sociedade civil não definem o que entendem por agência da criança. Mas em geral, ligam a agência à ação e a falta de agência ao silêncio. Por um lado, a criança é representada como vulnerável e submissa às hierarquias, sobretudo de sua família e comunidade. Devido ao status de dependente, ela não consegue ser autônoma (HORII, 2020c, p. 13). Por isso, o “consentimento” do casamento infantil está atrelado à sua passividade. Por outro lado, a agência aparece nos diversos programas, narrativas e soluções dos atores internacionais para enfrentamento do casamento infantil: o empoderamento da criança para resistir às imposições de seus pais e sua comunidade. Neste caso, o processo de empoderamento é uma forma das meninas superarem a vulnerabilidade e as normas que as acorrentam e atingirem autonomia e emancipação (HORII, 2020c, p. 20). Se não conseguirem, a criança noiva é privada de suas possibilidades e habilidades, e sua agência é negada novamente. Assim, as instituições internacionais de direitos humanos não reconhecem a agência da criança que escolha o casamento (LOKOT *et al*, 2021,

p. 02-04). Se a criança decidir se casar, ela é tida como incapaz de decidir e constrangida pelas normas nas quais estão inseridas (HORII, 2020c, p. 01-03).

A existência da escolha pode também estar ligada ao que alguns autores entendem como “boa” ou “moral”. Lokot (*et al*, 2021, p. 03) explica que alguns estudos apontam a agência como relacionada a um resultado positivo. No âmbito de contextos humanitários, isso sugere que as pessoas tenham acesso às informações, para que exerçam positivamente sua agência. Ou seja, primeiro seria necessário atingir a igualdade de gênero, pela qual meninas e mulheres tivessem os mesmos direitos, oportunidades e status dos homens para exercerem suas escolhas. Isso traz a tona outro debate: as crianças são capazes de fazer boas escolhas? Horo Horii (2020c, p. 05) responde que as crianças não se casam apenas para superar a pobreza, responder a uma cultura opressora ou pela falta de informações. Apesar de ser difícil observar se a decisão é realmente da criança ou das pressões sociais por seus pais e comunidade, negar a possibilidade da criança escolher, é reconhecer sua incapacidade de pensar e agir (HORII, 2020b, p. 02). Ademais, adultos também cometem escolhas ruins e imorais e isso não significa que não tenham autonomia de tomada de decisão (LOKOT *et al*, 2021, p. 05).

A motivação do casamento infantil é multicausal. Pode ser motivada pela conformidade da castidade da menina, da honra da família e do papel das mulheres como cuidadoras do lar devido ao costumes (definida como uma ação repetida pela sociedade e, portanto, aceita). Pode estar ligada ao pensamento de que meninas não têm capacidade de exercer outras habilidades e defender seus próprios interesses. Pode ser pela falta de informações sobre as consequências dessa ação e falta de aparatos jurídicos que limitam e penalizam a união de crianças. Em situações de pobreza, pode ser motivada pela busca da segurança econômica ou da posição social por meio de alianças familiares (JONES *et al*, 2020, p. 300-301; CAPUTO, 2018, p. 206-208). Em resumo, muitas são as causas apontadas, mas todas têm em comum: 1) ser uma prática coletiva, pois se repete em um ambiente social e 2) ser individual pois se originada de uma escolha de pessoas (BICCHIERI; JIANG, LENDEMANS, 2014, p. 06).

No trabalho humanitário, uma forma recorrente de retratar o casamento infantil é como uma “tradição prejudicial”. Virginia Caputo (2018, p. 208) problematiza tal ideia ao discutir a exposição fotográfica “*Too Young to Wed*”, lançada pelo UNFPA em 2013. Na ocasião, a mostra, exibida na América do Norte e Europa, trouxe imagens de meninas do Sul global em contextos de crises humanitárias. A primeira problemática é que essa linguagem artística é capaz de reforçar a distância geográfica e cultural que separa o Norte e o Sul global. Uma vez que nenhuma das meninas são originárias da América do Norte ou da Europa, desloca-se o casamento infantil como uma realidade distante dos seus expectadores e como um fenômeno

isolado de sociedades “cruéis”, “atrasadas” e “ignorantes”. Assim, a mostra promove a empatia e a vontade de mudanças nos expectadores de uma realidade aparentemente longe, bem como, desvia o olhar da existência dessas práticas das meninas do Norte global.

A segunda problemática é que as imagens sustentam uma ideia de infância estereotipada e uma categoria homogênea do que é o casamento infantil em locais que não sejam no Norte global (HORII, 2020c, p. 03). As meninas são retratadas sozinhas, fora dos seus contextos e longe das suas redes de afeto. Ou quando acompanhadas, estão com maridos muito mais velhos que elas e com filhos, reforçando seu papel de mãe e esposa. As imagens demonstram as meninas como submissas aos seus costume e a família, sobretudo a figura do pai, como dominante, diminuindo ou mesmo totalmente apagando a figura da mãe. A falha em compreender e atender às políticas culturais de infância, meninice e feminilidade, naturalizando o que é ser criança a partir das categorias construídas no mundo ocidental, apresenta a imagem da menina sem agência, fracassada em ser resiliente e que ser salvas por autoridades capazes (CAPUTO, 2018, p. 205). O processo de vulnerabilização e desumanização das meninas garante sua passividade e dependência, reforçando a necessidade de respostas paternas de resgate e proteção de contextos “atrasados” e “ignorantes” (CAPUTO, 2018, p. 206-208).

Conforme Spivak (2010), este processo de falar pelo outro, silencia as experiências vividas e as substitui pelo conhecimento que é produzido sobre o outro, reforçando a autoridade desses atores. O silêncio têm sido identificado como uma ausência da fala e como uma forma de violência simbólica (definida por aspectos culturais que podem justificar e legitimar outras formas de violência), contra grupos específicos, como mulheres, pessoas pretas e indígenas, LGBTIs, entre outros. Mais especificamente, a literatura de Relações Internacionais têm utilizado a análise do discurso a fim de identificar, compreender ou criticar a autoridade e a legitimidade da dimensão política, bem como, a existência de regimes de concepções na arena internacional (DINGLI, 2015, p. 05). Mas existe um segundo aspecto do silêncio, a dimensão estética da experiência. Por meio desta, é possível identificar o que é chamado de *distribuição do sensível*, que chama atenção *para quem pode participar do que é comum à comunidade*, com base nas atividades que são realizadas em determinado tempo e espaço. Ou seja, o conflito não é sobre a ausência ou inexistência das vozes, mas a incapacidade dos silenciados de falar porquê suas vozes são ininteligíveis e não ocupam os locais de poder onde poderiam falar. No caso aqui discutido, as imagens sobre casamento infantil dizem algo: transmitem sensações de isolamento, de impotência e de silêncio. Não porquê as pessoas retratadas não possuem vozes para exercer sua agência e sim porquê não encontram espaço dentro da distribuição do sensível para que suas falas cheguem nos locais de poder.

A terceira problemática é que a atenção é desviada da política internacional para unicamente focar no interesse de governos em *salvar* as meninas do Sul global. Os significados de compaixão, piedade, resgate e proteção suscitados nos públicos, exacerbam os desafios de terminar com o casamento infantil, uma vez que esse “sofrimento distante” cria uma divisão entre as crianças do Sul e do Norte, gerando uma falta de engajamento ativo e mudança social (CAPUTO, 2018, p. 213). Os atores envolvidos na erradicação do casamento infantil, exploram diversos caminhos legislativo e ativistas para “salvar” e “proteger”, mas o foco em soluções individuais e não comunitárias e estruturais, impedem a visualização dos diferentes fatores e circunstâncias que levam uma família e as próprias meninas a optarem pelo casamento (MIEDEMA; KOSTER; POUW, 2020, p. 265; MIEDEMA *et al*, 2020, p. 331-332; FIDDIAN-QASMYEH, 2018, p. 98-99). As imagens buscam inspirar a urgência do fim do casamento infantil, mas sem demonstrar as outras relações estruturais e dimensões sociais, políticas e econômicas do casamento infantil como uma questão global e que também poderiam fazer parte da solução, como a própria voz da comunidade envolvida (CAPUTO, 2018, p. 209). Tampouco, refletem os diferentes significados, normas e consequências associadas ao fenômeno (MIEDEMA; KOSTER; POUW, 2020, p. 264; RAEMDONCK; REGT, 2020, p. 321). Lançar luz sobre a complexidade dos fatores estruturais do casamento infantil é importante para alcançar as raízes causais e visualizar que meninas, jovens, mulheres e famílias não são irracionais mas tomam decisões sérias (MIEDEMA; KOSTER; POUW, 2020, p. 263).

Horo Horii (2020c, p. 04) aponta que a construção de um narrativa única possibilita as organizações humanitárias lançarem suas campanhas e atraírem o apoio do público mundial para o problema. A maneira pelo qual o casamento infantil é pensado como um problema a ser combatido, molda as sugestões e respostas elaboradas pelo sistema internacional. Uma vez que o casamento infantil é percebido como consequência de uma cultura, a estratégia principal será, portanto, remoldar essas normas sociais por meio de intervenções (RAEMDONCK; REGT, 2020, p. 313-320). Os programas de desenvolvimento internacional direcionam suas respostas à educação das meninas refugiadas em relação aos conceitos modernos sobre família, gênero e sexualidade. As normas sociais se referem às regras informais que sustentam comportamentos de uma sociedade, o seu descumprimento pode gerar sanções ou mesmo expulsão das pessoas do interior da comunidade que ousam desrespeitá-las. Por isso, o trabalho do casamento infantil não é apenas em relação às meninas, mas à sua família e a comunidade como um todo (JONES *et al*, 2020, p. 299). Ademais, os organismos internacionais também investem na segurança econômica da família, apoiando com auxílio financeiro para que mantenham as crianças nas escolas, e incentivando mudanças legislativas nos âmbitos civis e religiosos (RAEMDONCK;

REGT, 2020, p. 319). A estratégia principal é que o aumento das informações sobre os perigos e as consequências do casamento infantil levem as meninas a utilizarem a sua agência para recusá-lo (MIEDEMA *et al*, 2020, p. 330).

2.1.1 A RESPOSTA AO CASAMENTO INFANTIL EM UMA OPERAÇÃO HUMANITÁRIA

Nos anos 2000, o aumento do casamento infantil foi identificado não só como uma realidade, mas também uma prioridade nas emergências humanitárias que envolvem conflitos, deslocamentos forçados, violência generalizada e desastres naturais¹² (HRC, 2019, p. 05; GNB, 2020, p. 01). Organizações como *Girls Not Brides* (GNB) (2020, p. 02) e o *Human Rights Council* (HRC) (2017, 02; 2020, p. 08) identificaram a exacerbação da insegurança em contextos de crises devido a falta de serviços básicos, de trabalho e de educação e a quebra dos laços afetivos. Sobretudo, foi identificada a prevalência da violência sexual e do casamento infantil em relação às meninas, o que levou as agências humanitárias e de desenvolvimento a adotarem um pensamento mais sistêmico sobre proteção à criança, baseado no acesso a direitos e na prevenção e mitigação de violências e exploração. Ao invés de focar na análise individual dos casos, as agências buscaram estabelecer uma estrutura holística, para além das necessidades emergenciais de abrigo e alimentação, engajando todos os âmbitos de uma operação (KRAUSE; HASSEL, 2016, p. 215-226). Mais especificamente, nas situações prologandas de refúgio foi adotado um sistema transversal de proteção à infância, conforme brevemente explicado abaixo (HASSEL; KRAUSE, 2016, p. 214).

Uma resposta humanitária é liderada pelo OCHA ou, nos casos de deslocamento forçado, pelo ACNUR. Independente da organização líder, uma resposta envolve acionar 11 áreas de atuação, sistematizadas pelo Comitê Permanente Interinstitucional¹³ (IASC) em saúde, logística, nutrição, proteção, WASH, coordenação e gestão de campo, recuperação, educação, telecomunicações e segurança alimentar (OCHA, 2021). Apesar da temática do casamento infantil ficar sob o guarda-chuva do setor de proteção, a UN (2020, p. 08) chama a atenção para suas características multidimensionais e multicausais. E, por esse motivo, as respostas também devem atravessar outros setores de uma emergência humanitária (JAY, 2019, p. 07).

O setor de proteção, que envolve garantir que as pessoas acessem todos seus direitos (educação, trabalho, documentação, saúde entre outros) no país de acolhida, é liderado pelo

¹² Os 10 países com os maiores índices de casamento infantil são também classificados como Estados frágeis e 12 entre os 20 países com as maiores taxas enfrentam graves crises humanitárias (GNB, 2020, p. 02).

¹³ Foi criado em 1991 para atuar como um fórum de agências da ONU e ONG que garantem a coordenação do sistema humanitário internacional (IASC, 2021).

ACNUR e atua por meio de quatro subsetores: a) violência sexual e de gênero (VSG), b) proteção à criança (CP), c) ação contra minas terrestres e moradia e d) terra e propriedade (GPC, 2021). O subsetor de VSG é liderado pelo UNFPA, agência da ONU especializada em trabalhar com saúde sexual e reprodutiva da população e combater a violência sexual e baseada no gênero no meio humanitário, e atua na consentização das famílias nas consequências negativas que o casamento infantil pode trazer ao desenvolvimento da criança. O subsetor de PC, liderado pelo UNICEF, agência especializada em temas sobre infância, atua na proteção de crianças com suas famílias e crianças que estão sozinhas ou desacompanhadas e que podem estar mais vulneráveis a serem economicamente exploradas, sofrerem abusos e enfrentarem problemas psicossociais e de saúde mental (GPC, 2021). Das inseguras vividas por crianças refugiadas, o UNHCR (2018b, p. 15) aponta o casamento infantil para meninas como preocupação transversal no subgrupo de VSG e de PC (UNICEF; UNFPA, 2021, p. 23-24).

O GNB (2020) aponta a importância direta ou indireta de outros seis setores em uma resposta integrada ao casamento infantil: saúde, gestão e coordenação de campos, WASH, segurança alimentar, recuperação antecipada e educação. O setor de saúde, liderado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), tem por objetivo melhorar a capacidade nacional de resposta e absorção das necessidades de saúde de uma população refugiada e que, normalmente, pela chegada massiva, incha os serviços públicos de um país. O casamento infantil pode ter consequências físicas e psicoemocionais nas crianças. No que tange a saúde sexual e reprodutiva, o setor lida com a gravidez precoce e as complicações no desenvolvimento físico na criança, mortalidade materna e da criança e doenças sexualmente transmissíveis (HRC, 2017, p. 03; GNB, 2020, p. 01). Na saúde mental, meninas são submetidas ao trauma de serem separadas de suas famílias e redes afetivas, retiradas da escola e submetidas a relações sexuais de forma precoce (UNICEF; UNFPA, 2021, p. 32). Assim, as estratégias deste setor são baseadas em informar as meninas sobre seus direitos à saúde sexual e reprodutiva e sobre educação sexual, e alertar sobre as consequências do casamento (UN, 2020, p. 10-11).

A segurança alimentar é colocada como central no aumento de tensões intrafamiliares. A supressão de alimentos pode gerar aumento da violência doméstica, do trabalho infantil, do sexo por sobrevivência e do casamento infantil, uma possibilidade para a família diminuir seu fardo econômico e garantir que a menina tenha melhores condições de vida. Os líderes deste setor, o PMA e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), ambos especializados em erradicar a fome sistêmica, atuam na distribuição de alimentos para as famílias, e na criação de estratégias e fornecimento de insumos para a produção de alimentos ou geração de renda para comprar alimentos. O objetivo é garantir a alimentação da família

para diminuir o risco da criança ser viabilizada como um recurso (GBV AOR, 2019, p. 02; UNICEF; UNFPA, 2021, p. 39).

A maneira como os campos de refugiados são construídos e administrados afetam às populações residentes. O setor de coordenação e gestão de campo, liderado pelo ACNUR e pela Organização Internacional das Migrações (OIM), tem como competência pensar na infraestrutura, organização e administração dos campos, levando em consideração os riscos para os grupos populacionais específicos. A GNB (2020, p. 03) aponta que a infraestrutura dos campos, como a má iluminação, fechaduras quebradas e locais superlotados, potencializam a insegurança das crianças. Essa temática se entrelaça com o setor de WASH, liderado pelo UNICEF, cuja função é garantir a capacidade nacional no oferecimento de água, saneamento e higiene. As mulheres e meninas são, muitas vezes, responsáveis pela coleta da água. Isso significa que percorrem longas distâncias em locais remotos, o que podem torná-las suscetíveis a serem vítimas de algum tipo de violência. Assim, os líderes de ambos os setores atuam para garantir infraestrutura e WASH, para que meninas e mulheres se sintam mais seguras e possam acessar saneamento. A infraestrutura do campo também impacta diretamente na sensação de (in) segurança das famílias, cujo casamento pode ser um meio de tirá-las dos campos ou protegê-las sob a custódia de um marido (UNICEF; UNFPA, 2021, p. 36).

A assistência humanitária é voltada para o alívio das necessidades básicas imediatas das pessoas. Mas durante uma crise, sobretudo em situações prolongadas de deslocamento forçado, é necessário estabelecer formas de desenvolvimento e recuperação socioeconômica para as famílias. Para isso, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) atua como líder do setor de Recuperação Antecipada, cujo objetivo é justamente diminuir as vulnerabilidades socioeconômicas da população e garantir que não recorram a mecanismos *negativos* para sobrevivência (UNICEF; UNFPA, 2021, p. 40). A OCHA (2014, p. 07) aponta o casamento infantil como um desses mecanismos *negativos* que crianças e famílias implementam para mitigar sua pobreza e garantir um meio de subsistência. Assim como a insegurança física nos campos, a insegurança econômica também constitui um dos principais fatores motivadores do casamento infantil. O trabalho deste setor é justamente incentivar formas de geração de renda para que as famílias não optem por caminhos prejudiciais para gerar sua renda ou diminuir às pressões econômicas (OCHA, 2014, p. 08; GNB, 2020, p. 02).

Por fim, o setor de educação é liderado pelo UNICEF e a ONG *Save the Children*, cujo mandato é apoiar as crianças a acessar educação, conhecimento e informações em crises humanitárias. A interrupção da educação das crianças leva à falta de acesso às informações e ao conhecimento. Para as meninas isso pode fortalecer a crença de que seu único caminho para

melhorar de vida é o casamento. Mas o afastamento da escola pode ser também consequência do casamento infantil, devido às novas responsabilidades domésticas que as meninas adquirem como esposas e mães (UNICEF; UNFPA, 2021, p. 28; HRC, 2017, p. 02; OCHA, 2014, p. 10). As organizações deste setor advogam por espaços de aprendizagem para as crianças (e suas famílias) para que: a) sejam informadas sobre seus direitos, sobre o que é e como denunciar abusos; b) adquiram e pratiquem habilidades que vão além do trabalho doméstico; c) aprendam formas de se expressar; d) construam amizades e redes de apoio social. Em resumo, o setor advoga para a permanência das crianças nas escolas, tentando trabalhar com a sensibilização das famílias, bem como o ensino sobre normas e papéis de gênero como um aliado na mitigação e no combate ao casamento de crianças (UNICEF; UNFPA, 2021, p. 28; UN, 2020, p. 10).

Uma resposta humanitária deve implementar políticas que absorvam as demandas e vulnerabilidades específicas de cada crise. No entanto, a partir deste breve mapeamento foi possível demonstrar um recorte de como uma operação humanitária, que responde ao deslocamento forçado, se mobiliza de maneira transversal para a temática do casamento infantil. Na próxima seção, focaremos no estudo de caso proposto nessa dissertação.

2.2 RESULTADOS QUANTITATIVOS DO CICLO DE CATEGORIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO INFANTIL

Uma vez compreendidos os significados do casamento infantil no âmbito internacional e humanitário, temos base suficiente para adentrar no estudo de caso do casamento infantil nos campos de refugiados na Jordânia. Para isso, são apresentados os resultados do segundo ciclo de codificação e da categorização dos códigos referentes ao casamento infantil em campos de refugiados da Jordânia.

2.2.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS

Dos 62 documentos codificados na segunda seção do primeiro capítulo, a temática do casamento infantil foi identificada em 32 documentos¹⁴. Ou seja, dos documentos inicialmente lidos sobre diversas temáticas que abordam violência sexual e de gênero, metade continham informações e dados sobre o fenômeno do casamento infantil.

Em relação à temporalidade de produção, 12 documentos de OI foram divulgados entre os anos de 2013 a 2019. Os documentos foram de autoria de duas organizações internacionais:

¹⁴ O ciclo de categorização encontra-se detalhado no apêndice B deste trabalho.

a ONU e a *Internacional Medical Corps*¹⁵ (IMC). No âmbito da ONU foram produzidos 13 documentos, dos quais 8 foram escritos em conjunto pelo ACNUR com o UNFPA, 1 pelo ACNUR, UNICEF e PMA, 1 pelo IMC com UNICEF, 2 pela ONU Mulheres e 1 somente pelo UNICEF. Aqui é importante destacar o protagonismo do ACNUR que produziu 9 (70%) dos documentos trabalhados e do UNFPA que co-escreveu 8 (60%) dos documentos. Ambas as agências coordenam os dois setores centrais no âmbito do casamento infantil: o setor de proteção, liderado pelo ACNUR, e o setor de violência sexual e de gênero, liderado pelo UNFPA, conforme explicado na seção anterior. Ademais, agências como UNICEF, ONU Mulheres, PMA e IMC atuam liderando temáticas de infância, igualdade de gênero, distribuição de alimentação e saúde e, portanto, foram capazes de publicar informações nestas áreas devido suas atuações diretas nos campos.

Os 9 documentos escritos por OING foram também publicados entre 2013 e 2019 e cada um teve como autora uma OING nacional, regional ou internacional. O *International Rescue Committee* (IRC), a *Women's Refugee Commission* (WRC), *Integrated Regional Information Networks* (IRIN) e a *Save the Children* são OING que possuem mandatos específicos com apoio a pessoas refugiadas e pessoas afetadas por situações humanitárias. Já a *Amnesty Internacional* e a *Gender and Adolescence Global Evidence*, também OING, trabalham com mandatos mais amplos de direitos humanos e de gênero. A *Arab Women Organization* (AWO), *NATO Association of Canada* (NAOC) e a *Jordan INGO Forum* são organizações da sociedade civil regionais e nacionais que também atuam na temática dos direitos humanos.

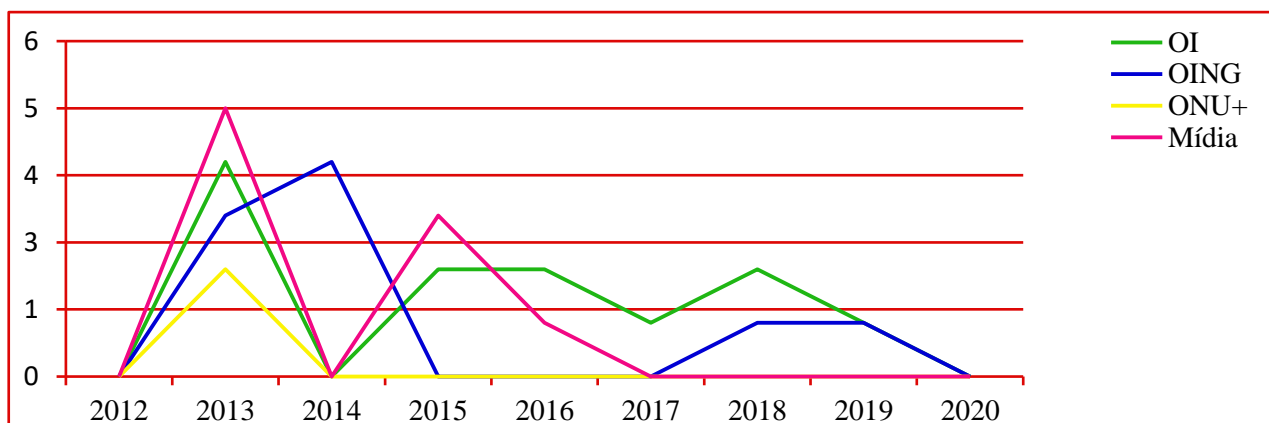
Os 2 documentos da ONU+ foram escritos em 2013. O primeiro teve como autora duas agências da ONU, o ACNUR e o UNFPA, em conjunto com o *United States Centers for Disease Control and Prevention* (USCDCP) e a WRC. O segundo, teve também ACNUR e UNFPA, junto a *Noor Al Hussein Foundation* (NHF), uma fundação sem fins lucrativos estabelecida nos anos 1990 pela então rainha Noor da Jordânia, para capacitar a sociedade em trabalhar com crianças e mulheres. Aqui, é importante sinalizar que todos os documentos foram oriundos das suas principais agências que trabalham na temática de proteção à criança e à VSG, em conjunto com duas OING nacional e internacional, e uma universidade e órgão governamental dos Estados Unidos. Ambos os documentos são oriundos de pesquisas de campo e, por isso, tiveram diversos atores envolvidos na sua produção.

Por fim, foram identificadas 8 notícias de jornais internacionais, sendo apenas uma de um canal do Oriente Médio que publica em inglês, o Al-Jazeera do Catar. Os demais oito são

¹⁵ Organização internacional que fornece serviços médicos de emergência, bem como programas de treinamento e desenvolvimento em saúde, para as pessoas afetadas por desastres, doenças ou conflitos.

oriundos de países ocidentais. O Al-Alraby e *The Guardian* são ingleses, Al-Monitor, CNN, *Huffington Post* e *The New Yorker* estadunidenses e Marie Clare, francês. Foram consultados apenas sites que publicam em inglês ou francês. Os sites que publicam notícias em árabe não foram acessados, devido a falta de conhecimento do idioma, o que pode ter impactado nos tipos de informações e na falta de dados coletados.

Gráfico 02 – Frequência produção documentos x ano



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos resultados da codificação

A maior concentração de produção de documentos sobre casamento infantil se deu em 2013, com 14 documentos. Foram matérias da mídia (5), de relatórios de OI (4) e da ONU+ (2). Entre 2013 e 2014, a média caiu drasticamente, sobretudo a cobertura pela mídia e pelas OI que não publicaram no ano. Por outro lado, as OING mantiveram um fluxo constante de produção até 2014, com 4 documentos publicados e em 2015 as publicações de OI e da mídia voltaram a crescer. No total, de 2013 a 2015, tivemos 23 (71%) das publicações. Durante 2016 a 2020, tivemos apenas 7 publicações. As OI mantiveram uma média de publicação de 1,5 documentos por ano, totalizando 5 documentos publicados. Mas a OING e a mídia internacional publicaram somente 1 documento ao longo desses quatro anos.

Diante destes números, demonstra-se a existência de um padrão de redução do interesse pela crise durante os anos. Em relação às fontes autoras, OI, ONU+ e mídia tiveram seu pico entre 2012 e 2014, enquanto OING tiveram seu pico entre 2012 e 2015. Todas tiveram produções menores a partir de 2015, refletindo um maior interesse pelo tema nos campos no início do crise. Isso ocorre devido ao fenômeno chamado *crise prologada*, onde no início de uma crise existe um grande interesse midiático e internacional e altas quantias de recursos são injetadas nas operações. Elizabeth Ferris e Kemal Kirisci (2016, p. 28) e Alexander Betts e Paul Collier (2017, p. 76) explicam o mecanismo de financiamento de crises: por um lado, a necessidade de financiamento aumenta a medida que a crise se agrava. Por outro, novas crises

surtem e recursos são valores destinados às crises mais antigas são realocados para as mais recentes. Assim, os recursos se tornam mais difíceis de serem mobilizados e os doadores perdem o interesse de contribuir para situações de refúgio prolongado. Em consequência, os recursos para produção e análise de dados são enxugados, e, as populações são invisibilizadas. Isso explica o porquê, apesar das operações sírias no Oriente Médio e Norte da África serem as mais bem financiadas no mundo (FERRIS; KIRISCI, 2016, p. 31), elas arrecadaram somente 25% do orçamento para sua operacionalização entre 2018 e 2019 (UNHCR, 2019b).

2.2.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS CÓDIGOS

Para sistematizar os 249 códigos extraídos de 32 documentos utilizei o *Atlas.ti*, um programa de análise de dados qualitativos que facilitou agrupar códigos, visualizar repetições ou dados similares e modificar e excluir códigos (AUBERBACH; SILVERSTEIN, 2003, p. 132; SALDEÑA, 2009, p. 22-26). A fim de facilitar a interpretação dos códigos, o uso do *Atlas.ti* permitiu categorizá-los de três maneiras: a) pela natureza das informações; b) pela localização das informações e c) pelas variáveis explicativas das informações. A primeira teve como objetivo compreender *como* os documentos são escritos pelas fontes autoras: se as informações foram coletadas *in lócuo*, se foram realizados estudos estatísticos ou se foram descrições gerais. Este é um ponto importante para reconhecer as visões compartilhadas pelas fontes com quais estamos trabalhando. Segundo, buscamos compreender sobre *aonde* os atores internacionais estão escrevendo, ou seja, à quais locais as informações citadas nos documentos se referem: campos de refugiados na Jordânia, campos e cidades na Jordânia ou campos de refugiados especificados. Por fim, a terceira maneira de categorização teve como objetivo facilitar a compreensão sobre *o quê* as organizações autoras escolhem escrever. Ou seja, qual é o tipo de informação sobre o casamento infantil que temos acesso nos documentos escolhidos.

Ao analisar a natureza das informações, como resposta, identificamos cinco padrões. Por um lado, as informações foram quantitativas ou qualitativas. Ou seja, as quantitativas foram baseadas em números e as qualitativas nas impressões, opiniões e pontos de vista das organizações autoras dos documentos. Por outro lado, as informações podem estar no formato de relatos ou depoimentos. No primeiro caso são paráfrases de discursos indiretos de pessoas refugiadas, trabalhadoras (es) humanitárias, jornalistas, médicas (os), etc. Ou seja, nas fontes acessamos ideais que foram extraídas de entrevistas e conversas com pessoas. No segundo, são discursos diretos, apresentados entre aspas e indicando uma transcrição do que foi dito por uma pessoa refugiada, trabalhadoras (es) humanitárias, jornalistas, médicas (os), etc. Por fim,

também identificamos informações quantitativas por meio de relatos, ou seja, dados quantitativos apresentados por meio um discurso indireto de algum ator acima citado.

Tabela 02 – Códigos x Fonte Autora x Natureza da Informação

	Quali	Quanti	Quanti Relato	+ Relato	Depoimento	Total
OI	63	11	13	14	0	101
OING	45	0	1	15	8	69
ONU+	5	1	3	21	5	35
Mídia	23	2	0	3	16	44
Total	136	14	17	53	29	249

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos resultados da codificação

Conforme a tabela acima, verificamos que 136 (54%) dos códigos tiveram informações qualitativas, seguido por 53 (21%) de relatos, 29 (11%) de depoimentos e apenas (14) 5% de informações quantitativas e (17) 6% de informações quantitativas com relatos. Isso demonstra uma prevalência em 189 (75%) de informações que derivam das impressões e pontos de vistas das autorias dos documentos e de relatos, que ainda que derivam da paráfrase de pessoas entrevistadas. Em geral, também demonstra uma lacuna em estatísticas sobre casamento infantil e em declarações diretas de beneficiárias (os) ou trabalhadoras (es) humanitárias (os).

Se compararmos a natureza das informações entre as fontes autoras, foi possível notar uma diferença. Os códigos nos documentos de OI (62%) e OING (64%) foram majoritariamente qualitativos. No caso dos dados de OI, não acessamos nenhum depoimentos e poucas informações quantitativas (11). No entanto, tivemos um maior número de informações quantitativas em formatos de relatos. Isso significa que apesar das agências da ONU estarem presentes na resposta humanitária, eles não publicaram dados estatísticos ou mesmo entrevistas que possam refletir as opiniões e vozes das pessoas refugiadas. Isso pode estar ligado a dificuldade das pessoas falarem, relatarem ou mesmo denunciarem o casamento infantil como uma VSG. Também significa que, uma vez que os casamentos são normalmente “ilegais”, consumados nos campos por líderes religiosos, eles são difíceis de serem registrados e sistematizados como informações (MARIE CLAIRE, 2013).

Nos códigos das OING, não temos nenhuma informação quantitativa mas 8 códigos (11%) em formato de depoimentos, demonstrando um afastamento da produção de dados mas uma proximidade a publicação de falas das beneficiárias (os). Isso ocorre porque, conforme relatado na introdução, a gestão dos campos é feita por OING financiadas pelo ACNUR, o que

significa uma maior proximidade junto às pessoas beneficiárias e acesso às suas histórias. Nos códigos produzidos pela ONU+, tivemos 21 relatos (60%), advindos de discursos indiretos de trabalhadores humanitários e refugiados. Isso pode se dar devido à metodologia de pesquisas de campo pela qual os autores puderam estar em *in loco* conversando com as pessoas responsáveis pelas estruturas e com as pessoas beneficiárias, mas sem transcrever suas falas em depoimentos. Aqui, as informações quantitativas estão também em menor escala (apenas 2%), apontando para uma falta de sistematização e análise de dados concisos. Por fim, apesar da mídia também ter maioria qualitativa 23 (53%), ela é a única que possui uma maior média de depoimentos, com 16 (35%) em comparação a OI (que não tem nenhum depoimento), OING com 8 (11%) e ONU+ com 5 (14%). Isso demonstra que a maior fonte que temos de discursos diretos, ou seja, de falas transcritas de pessoas, são de depoimentos colhidos por jornalistas que tiveram acesso a fazer matérias no interior dos campos.

A segunda categoria pela qual analisamos os dados foi a *localização da informação*. Encontramos 10 variáveis com diferentes combinações. Para facilitar a explicação, dividimos as variáveis em três nomenclaturas: 1) as que combinaram cidades e campos de refugiados; 2) as que citaram apenas campos de refugiados; 3) as que citaram localizações amplas. O primeiro tipo de localização citou: a) cidades e campos de refugiados, mas sem especificar quais cidades ou quais campos; b) cidades, Zaatari e Azraq, não especificamente as cidades mas especificando os campos de refugiados de Zaatari e Azraq e c) cidades, não especificamente quais, mas especificando apenas o campo de refugiados de Zaatari. O segundo tipo de localização citou: a) campos, sem especificar quais; b) somente o Zaatari; c) somente o Irbid e o Zaatari; d) somente o EJC. Por fim, o terceiro tipo citou: a) somente a Jordânia como país; b) somente a Síria como país e c) Não definiu localização.

Tabela 03 – Códigos x Fonte autora x Localização

	Cidades Campos	Cidades Zaatari	Zaatari	Cidades Zaatari Azraq	Campos	Jordânia	Síria	Irbid Zaatari	EJC	N/A	Total
OI	52	0	15	14	0	6	10	0	0	4	101
OING	29	4	26	0	2	1	6	0	1	0	69
ONU+	0	0	27	0	0	1	5	2	0	0	35
Mídia	0	0	34	0	5	2	3	0	0	0	44
Total	81	4	102	14	7	10	24	2	1	4	249

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos resultados da codificação

Conforme a tabela, as informações sobre os campos estiveram junto a informações sobre as cidades ou unicamente concentradas no campo de *Zaatari*. No total, 123 (49%) dos códigos nomearam o Zaatari em algum momento: 20 (8%) dos códigos ao Zaatari aliado a outra cidade/campo, 81 (34%) o Zaatari dentro dos campos e apenas 102 (40%) *exclusivamente* ao Zaatari, demonstrando uma concentração de informações sobre o maior e principal campo de refugiados da Jordânia. A maioria dos documentos que informam unicamente sobre o Zaatari foi da mídia, com 34 códigos e os documentos da ONU+ com 27, que foram justamente as organizações que fizeram visitas e pesquisas de campo.

Em seguida, temos 81 (32%) dos códigos referentes a cidades e campos, sem especificar quais. Isso reflete que a maioria das pesquisas não diferencia cidades e campos, tratando como se a crise fosse homogênea nos diferentes contextos. O uso do termo “campos”, para se referir aos campos de refugiados existentes na Jordânia, somou apenas 7 (2,8%) códigos. Ademais, apenas 1 (0,40%) se referiu ao EJC e nenhum somente ao Azraq, Cyber City ou KAP. Em geral, houve uma dificuldade em coletar informações sobre os quatro campos sírios que já existiram na Jordânia durante os oito anos da crise. Mesmo nos relatórios de OI e OING, que trabalharam junto às populações, a maioria dos dados publicizados não nomearam os campos e os diferenciam poucas vezes. Isso pode estar relacionado a uma escolha de organizações, que tendo recursos limitados, preferiram fazer pesquisas com informações mais abrangentes. Por fim, tivemos 10 (4%) códigos sobre a Jordânia como país, 24 (9%) à Síria e 4 (1,6%) sem localização definida. Tais códigos se referiram às leis ou costumes sírios no país de origem e no país de refúgio e, por isso, não especificaram a localidade, mas o país em si.

A fim de compreender os significados dos códigos identificamos cinco padrões explicativos. Os códigos tiveram por objetivo explicar as características do casamento infantil, como o local onde ocorre e o perfil das pessoas envolvidas. As causas sugeriram os motivos pelos quais ele ocorre no âmbito do refúgio. Uma série de códigos também apontaram para as consequências, sobretudo em relação às sobreviventes envolvidas no fenômeno. Outros explicaram a existência de programas, ações e formas de monitoramento implementadas ou que precisariam ser implementadas para prevenir e mitigar o fenômeno. Por fim, os códigos também explicaram as denúncias, notificações e relatos do CI a partir de trabalhadoras (es) humanitárias (os) e pessoas refugiadas.

Tabela 04 – Códigos x Fonte Autora x Categoria

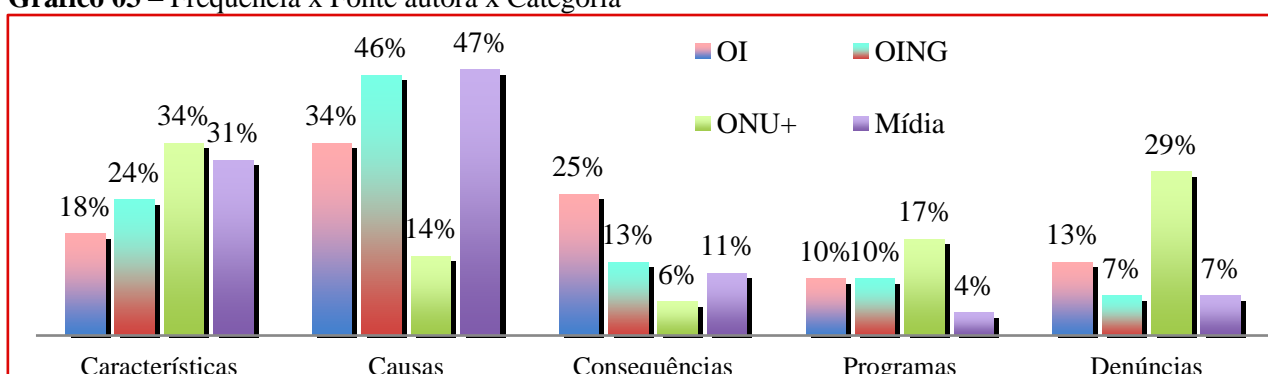
Características	Causas	Consequências	Programas	Denúncias	Total
-----------------	--------	---------------	-----------	-----------	-------

OI	18	35	25	10	13	101
OING	16	32	9	7	5	69
ONU+	12	5	2	6	10	35
Mídia	14	20	5	2	3	44
Total	60	92	41	25	31	249

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos resultados da codificação

Conforme a tabela apresentada acima, podemos concluir que 92 (37%) dos códigos, a maior parte das informações codificadas, tem por objetivo explicar as causas do CI enquanto que 60 (24%) tem por objetivo explicar o que é o casamento infantil. Os demais códigos abordam 41 (17%) para explicar as consequências, 31 (12%) explicar as denúncias, notificações e relatos e 25 (10%) os programas existentes. Assim, obtemos maiores informações sobre como os atores manifestam seu entendimento sobre a existência e características do refúgio, mas pouco sobre qual é seu alcance de denúncias ou mesmo programas para mitigação e combate do que é definido como uma prática prejudicial pelas organizações humanitárias.

Gráfico 03 – Frequência x Fonte autora x Categoria



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos resultados da codificação

Ao observar por fonte autora, os padrões se alteram. Nos documentos de OIs, dos 101 códigos extraídos, notamos que a maior parte (34%) explicaram as causas e 25% as consequências do casamento infantil. Em menor grau, os códigos explicaram a existência de programas (10%), as características de local e perfil (13%) e as denúncias e relatos (18%). Os documentos de OING, em maior grau que as OIs, refletiram sobre as causas (46%) e as características (24%), dando menos destaque às consequências (13%), aos programas (10%) e às denúncias (7%). É interessante notar que apesar desses organismos terem mais acessos e serem líderes de setores que trabalham com ações contra o casamento infantil, conforme acima explicado, apresentam poucos códigos sobre programas e denúncias.

Diferentemente dos documentos escritos por OI ou OING, nos documentos da ONU+, a maior parte dos códigos explicaram as características sobre local e perfil (34%) e as denúncias (29%). Em menor quantidade, os códigos relatam sobre as consequências (6%), as causas (14%) e os programas existentes (17%). Os códigos de mídia também refletiram majoritariamente as causas (47%) e características (31%) e, em menor frequência, as consequências (11%), os programas (4%) e as denúncias. Ou seja, foi possível compreender melhor as características do casamento infantil, as denúncias e os programas, dando um menor destaque às causas e às consequências do casamento infantil, que podem ser semelhantes a outras crises.

A diferenciação sobre a natureza da informação foi importante para compreender quais são os padrões explicativos dos atores internacionais envolvidos e nos proporcionou uma visão mais ampla sobre o casamento infantil, do que se tivesse trabalhado com apenas um tipo de ator. Em geral, podemos constatar que as organizações estão mais preocupadas em identificar o porquê o casamento infantil ocorre no Zaatari por meio da descrição qualitativa do fenômeno. As OIs foram responsáveis por descrever majoritariamente sobre as causas do casamento infantil nas cidades e campos por meio de informações qualitativas. As OING escreveram sobre as características do casamento infantil nas cidades e campos e no Zaatari por meio de informações qualitativas. Já a ONU+ resgatou maiores informações sobre características e denúncias do casamento infantil no Zaatari por meio de relatos. A mídia também buscou identificar o porquê do casamento infantil e qual as suas características no Zaatari por meio de informações qualitativas mas também depoimentos de pessoas, sendo uma das únicas autoras nas quais podemos extrair falas de pessoas refugiadas e trabalhadoras (es) humanitárias (os). Os três tipos de fonte, de OI, de OING e da mídia, escreveram menos sobre programas e denúncias, enquanto a ONU+ focou menos nas causas e consequências. No próximo capítulo compreenderemos melhor os conteúdos dos códigos e apresentamos o ciclo de modelagem, que implica a exibição e análise das relações entre categorias em rede.

CAPÍTULO 03 – CASAMENTO INFANTIL NOS CAMPOS DE REFUGIADOS SÍRIOS NA JORDÂNIA: INTERESSES DAS MENINAS E DAS FAMÍLIAS

Na Jordânia, 336.402 mil (50%) das pessoas refugiadas sírias são mulheres (UNHCR, 2021a). Ao chegarem no país, em torno de metade (65.500) residem nos campos de refugiados do Zaatari (76.421), do Azraq (40.124) e do EJC (6.482), que juntos abrigam 131.041 mil pessoas, em torno de 20% da população refugiada síria na Jordânia (UNHCR, 2021a). No Zaatari, 67% das mulheres são oriundas de regiões rurais da Síria: 40.1% de Daraa, 16.2% de Homs e 11.3% de Damascos rural (11.3%). No Azraq, o perfil se modifica. Enquanto 14% são de Daara e outros 14% de Homs, a maioria da população é originária da região mais populosa da Síria, Aleppo (19%). Avaliações populacionais do UNHCR (2019, p. 01; 2020b, p. 01) apontam também que 50.2% das pessoas refugiadas são crianças. Nos campos de refugiados este número é ainda maior. No Zaatari, 55,8% são crianças e no Azraq, 61,5%¹⁶.

É importante também notar que a população nos campos de refugiados apresenta um alto índice de pessoas com necessidades específicas de proteção. São 180 mil pessoas (30%) com maiores dificuldades de acessar direitos ou que tiveram seus direitos violados em diversos âmbitos, da educação, da saúde, da documentação, entre outros. A maior parte dessa população é identificada como *criança em risco* (30 mil), sendo o grupo populacional mais vulnerável e, portanto, com maiores chances de terem seus direitos violados (UNHCR, 2019a). Por isso, nos campos de refugiados existe uma priorização do abrigo de mulheres e crianças. Este capítulo se refere, portanto, a população abrigada nos campos de refugiados do Zaatari, do Azraq e do EJC. O objetivo é analisar as categorias resultadas do processo de codificação, torná-las compreensíveis e analisar o estudo de caso a partir do arcabouço teórico dos interesses de gênero e do casamento infantil trabalhados nos primeiros capítulos.

3.1 CARACTERÍSTICAS DO CASAMENTO INFANTIL: PERFIL E CONTEXTO NA COMUNIDADE SÍRIA REFUGIADA

Para compreender o que é o casamento infantil na visão dos atores internacionais¹⁷, onde ele ocorre (se na Síria e/ou nas cidades e campos da Jordânia) e qual é o perfil das sobreviventes e seus agressores, os 68 códigos sobre as características do casamento infantil foram sistematizados em 11 categorias, conforme a tabela abaixo.

¹⁶ Não foi possível acessarmos avaliações populacionais sobre o EJC nos materiais sobre avaliação populacional.

¹⁷ Todos os documentos usados no ciclo de categorização se encontram no apêndice B e nas referências deste trabalho.

Quadro 02 – Categorias das características do casamento infantil

	Categorias	% de códigos
1	CI é uma forma de CF/VSG	4,4%
2	CI é ilegal na Jordânia	8,8%
3	CI ocorre em cidades/campos na Jordânia	5,%
4	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	14,7%
5	CI aumentou na comunidade síria refugiada na Jordânia	8,8%
6	Idade de casamento se manteve/aumentou no deslocamento	4,4%
7	CI afeta meninas/adolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campos	10,2%
8	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	27,9%
9	CI entre 13-18 é um costume/socialmente aceito na comunidade síria	7,3%
10	Meninas/adolescentes são as mais afetadas por CI em cidades/campos	4,4%
11	Meninas/adolescentes se preocupam mais com CI no Zaatari do que homens	2,9%

Fonte: Elaborada pela autora

Nas cidades e nos campos de refugiados da emergência síria, das *sobreviventes* que relataram o casamento infantil, 97,8% eram do sexo feminino (UNHCR; UNFPA, 2017, p. 08; 2018, p. 05). Essa característica condiz e chega a superar a média mundial de 84% das crianças envolvidas no casamento infantil serem meninas (GBV AOR, 2019, p. 09; UN, 2019, p. 04). Em conformidade com os dados da ONU, a Al-Jazeera (2013) também apontou que 51% das meninas sírias que chegaram no país de acolhida já haviam se casado na Síria ante 13% dos meninos. A partir do relatório anual do ACNUR e do UNFPA sobre violência de gênero, foi possível também identificar que em 2013, 32,7% das meninas disseram ter casado em cidades e campos da Jordânia, comparado a 54,5% na Síria. No ano seguinte, o número aumentou para 43,7% das meninas que afirmaram ter casado na Jordânia ante 14% na Síria (UNHCR; UNFPA, 2014, p. 03; UNHCR; UNFPA, 2015, p. 02).

Isso significa que no começo da resposta humanitária as crianças adentravam o país receptor já casadas. Essa tese é confirmada por depoimentos e relatos colhidos por agências da ONU, OINGs e mídia internacional, que afirmam que o casamento infantil não é uma novidade na comunidade síria, pois não surgiu durante o deslocamento (UNHCR; UNFPA, 2019, p. 06; 2017, p. 08). Por exemplo, uma refugiada abrigada no Zaatari afirmou à Al-Jazeera que “nossas garotas normalmente se casam com 14 ou 15 anos [...]. Essa não é uma nova tendência do refúgio, diferente do que algumas organizações dizem” (AL-JAZEERA, 2013, sem paginação,

tradução própria). Em visita da equipe do The Guardian (2013) ao Zaatari, uma comerciante e dona de uma loja de noivas no Zaatari, fez um relato parecido, afirmando que a média da idade das noivas era de 15 anos. Durante consultas à população refugiada, grupos de diferentes idades e gênero concordaram que o casamento de meninas entre 15 a 18 era “normal” (UNICEF; UNFPA; NHF, 2013, p. 26; UNHCR; UNFPA; USCDCP; WRC, 2013).

Por outro lado, uma refugiada abrigada no Zaatari concordou que 15 anos era uma idade habitual para o casamento na Síria, mas discorda que a condição do campo necessariamente leva as meninas a se casarem mais novas. Segundo ela “quando estávamos na Síria, 15 anos era uma idade aceitável para uma garota se casar. Se ela tinha 18 e não estava casada ainda, as pessoas começavam a falar mal dela. Mas agora no campo, após os 20 anos é uma boa idade” (UNICEF, UNFPA, NHF, 2013, p. 26). Essa afirmação é interessante pois distoa das demais, demonstrando que a opinião dominante de um grupo (de que a idade se manteve e é normal) não necessariamente abrange a opinião e os *interesses* de *todas* as mulheres. Neste depoimento, a refugiada acredita que a idade de casamento das meninas está mais tardia, devido a instabilidade e incerteza do ambiente do refúgio.

Ainda assim, a maior parte dos depoimentos e relatos de pessoas acolhidas no Zaatari corroboram com a tese de que a idade do casamento não *diminuiu* durante o deslocamento e permite OINGs de direitos humanos e da infância, como a *Amnesty Internacional* (2013, sem paginação) e a *Save the Children* (2014, p. 01) afirmarem que o casamento já ocorria na Síria, por ser um costume sírio. No entanto, os documentos não contextualizam quando e como esses casamentos ocorreram. Se foram durante e motivados pelo conflito, ou se já haviam ocorrido anteriormente e sob quais condições e motivações. É citado enfaticamente o costume do casamento infantil na região de Daara, de onde a maioria das pessoas refugiadas nos campos de refugiados são originárias, mas sem descrever as características dessas mulheres e as especificidades das comunidades residentes que tornavam o casamento comum. Bem como, nos depoimentos e relatos colhidos não é possível acessar os motivos pelos quais as mulheres refugiadas entrevistadas normalizam a idade do casamento aos 15 e quais são os *interesses práticos* específicos por trás disso.

Em contraste com a hipótese de que as famílias sírias estão casando suas filhas mais tarde, a *Save the Children* (2014, p. 01) chamou a atenção para o crescimento quantitativo do casamento infantil na Jordânia. Enquanto 12% dos casamentos registrados de pessoas sírias na Jordânia foram com crianças em 2011 (número parecido com o da Síria pré-guerra), em 2012 este número aumentou para 18% e chegou em 25% em 2013. O UNHCR e UNFPA (2015, p. 02) também quantificaram o aumento em apenas um ano: de 18% em 2012 para 32% em 2013.

À CNN (2013, sem paginação) uma refugiada síria dona de loja de noivas no Zaatari, relatou que o casamento aos 13 anos era raro na Síria, mas no campo de refugiados ela via isso com frequência, e por isso os sentimentos de felicidade e de tristeza se misturavam quando o casamento envolvia noivas crianças. Este último relato se diferencia da narrativa de que o casamento é caracterizado unicamente como uma prática síria, apontando que a condição de moradia no campo de refugiados também influencia, tema melhor explorado na segunda seção deste capítulo.

Nos documentos de referência das organizações humanitárias, o casamento infantil é caracterizado como uma união na qual um dos envolvidos está abaixo da idade legal do consentimento (UNHCR, 2003, p. 26). Pouco é descrito sobre quem são a sobrevivente e o perpetrador, além de que envolvem *majoritariamente* adolescentes entre 10 a 19 anos com homens mais velhos (GBV AOR, 2019, p. 63; UNHCR, 2003, p. 28). No estudo de caso sírio nos campos jordanos, foi possível observar algumas características dos envolvidos no casamento infantil. Enquanto na Síria as meninas se casavam com homens jovens, com idades próximas às suas, nos campos de refugiados da Jordânia a desigualdade de idade entre os noivos pareceu aumentar (UNICEF, 2013, p. 14). Sobre isso, um trabalhador humanitário do UNICEF que atuava no Zaatari descreveu sua preocupação ao *The New Yorker*:

Muitas vezes existe uma grande diferença de idade, o que é preocupante [...] Na Síria, uma jovem de 16 anos se casa com um jovem de 18. Aqui, você vê casos de homens de 69 anos se casando com uma garota de 16. Você está casando uma menina que deveria estar na escola e está sendo privada de sua infância (2013, sem paginação, tradução própria).

Aqui, o trabalhador humanitário sugere que além das meninas se casarem com homens muito mais velhos, característica que não era um costume na Síria, ela é “privada” de sua infância, dando a entender a existência de consequências negativas das escolhas feitas pela menina e sua família. O depoimento de uma refugiada no Zaatari, cuja idade não foi especificada, afirmou conhecer famílias que casaram as filhas com homens mais velhos.

Eu ouvi muitos casos de homens sauditas que vêm [no Zaatari] e levam as meninas por ou dois meses e depois voltam para a Arábia Saudita, as deixando pra trás. Conheço uma família que casou duas filhas com sauditas de 60 e 70 anos e uma delas vai se divorciar agora (AWO, 2014, p. 15, tradução própria).

É interessante notar que no depoimento, a preocupação não se refere apenas a idade dos homens, mas ao fato de serem estrangeiros. No Zaatari, a partir de relatos de pessoas refugiadas e de organizações humanitárias, a AWO (2014, p. 214-2015), a WRC (2014, p. 27), o UNHCR,

o UNFPA, USCDCP e WRC (2013, p. 21) identificaram também uma mudança no perfil dos homens com quais as meninas se casam. Enquanto na Síria as meninas se casavam com homens oriundos da própria comunidade, nos campos de refugiados parece ocorrer uma alta incidência do casamento com homens estrangeiros, sobretudo jordanos, sauditas e qataris. Em depoimento à Marie Claire (2013, sem paginação, tradução própria), uma refugiada disse que “todo dia estrangeiros perguntam aos meus pais se eles tem uma filha para casar”.

Para a ONU Mulheres (2013, p. 30), Marie Claire (2013) e UNHCR e UNFPA (2013, p. 21), a entrada de homens estrangeiros nos campos em busca de noivas e a possibilidade de famílias “venderem” suas filhas, deram origem ao “mercado de casamentos”. Em histórias publicadas pela mídia e em relatos de trabalhadores humanitários, foi denunciada a existência de pessoas da comunidade, sobretudo lideranças, que atuam nessa negociação em nome das famílias. Um antigo soldado do Exército Síria Livre, e que agora é líder religioso, é uma dessas pessoas. Segundo seu depoimento “[...] os sauditas sabem que podem comprar qualquer menina aqui [...] Você pode encontrar meninas baratas, de algumas centenas a milhares de dólares” (MARIE CLAIRE, 2013, sem paginação, tradução própria).

Não acessamos mais detalhes de como essas negociações ocorrem. Mas os documentos colocam que a maioria desses casamentos não ocorrem respeitando as bases legais jordanas. Apesar do casamento de pessoas abaixo de 18 anos ser ilegal, estatísticas do UNICEF afirmam que 25% dos casamentos registrados têm uma menina abaixo de 18 anos nas comunidades acolhidas nas cidades e campos jordanos (*SAVE THE CHILDREN*, 2014, p. 03). Isso ocorre porque juízes podem abrir exceção para o casamento de meninas entre 13 e 17 anos¹⁸ (UNHCR; UNFPA, 2017, p. 04; AL-JAZEERA, 2013; UNICEF; UNFPA; NHF, 2013, p. 26). Mas os casamentos podem ocorrer fora da lei jordana, pois são celebrados por líderes religiosos no Zaatari e não são registrados no sistema legal do país (MARIE CLAIRE, 2013).

Devido à falta de registro dos casamentos, existe uma dificuldade de acessar e analisar os dados sobre o perfil de sobrevivente e perpetrador na comunidade síria refugiada na Jordânia. Ainda que não haja dados públicos sobre a prática, seria possível as organizações internacionais mapearem a prática e divulgar seus dados populacionais, pois uma das facilidades dos campos de refugiados é registrar e manter um controle sobre a população residente, conforme explicado na introdução deste trabalho. No entanto, não foi possível acessar a publicações que explicassem padrões de casamento nos campos de refugiados a partir de dados registrados. O

¹⁸ Aqui, temos um conflito de informações. Por um lado, a *Amnesty internacional* (2013) aponta que aos 13 anos a lei já abre exceções, por outro, o ACNUR e UNFPA (2017, p. 08) colocam que é extritamente proibido abaixo dos 15 anos.

que foi possível acessar foram as afirmações sobre as características do casamento a partir da coleta de relatos e depoimentos de OINGs e matérias de jornais, mas que já tinham como objetivo prévio investigar a existência do casamento infantil na condição do refúgio.

A falta de contextualização sobre o que significa ser menina e o casamento na sociedade pré-conflito pode nos levar à tentação de essencializar e automatizar suas identidades e a prática do casamento infantil como meramente um costume cultural (HILL; CHAPPEL, 2006). Por isso, adotamos o *essencialismo estratégico* de Spivak (2010), a fim de especificar a existência de mulheres sírias refugiadas na Jordânia, que compartilham *interesses* como um grupo em um período de tempo, de 2011 a 2021, e local determinado, na condição do refúgio. Como não foi possível observar esse perfil na sociedade pré-guerra, a próxima seção foca nas possíveis causas do casamento infantil na comunidade refugiada síria. O objetivo é investigar os *interesses práticos* que levam a continuação do casamento infantil.

3.2 CAUSAS DO CASAMENTO INFANTIL: OS INTERESSES PRÁTICOS DE GÊNERO NAS NORMAS SÍRIAS E NA CONDIÇÃO DE REFÚGIO

Uma vez diagnosticado pelos atores internacionais o casamento infantil como a união de meninas sírias com homens mais velhos e estrangeiros, podemos buscar *se e porquê* existem *interesses práticos de gênero* das meninas e das suas famílias em relação à continuação dessa prática. Ao explorar as motivações do casamento infantil no âmbito do refúgio, 92 códigos (36%) foram sistematizados em 10 categorias. Conforme a tabela abaixo, existem diferentes motivos citados, mas que podem ser resumidos em três interesses: a manutenção dos costumes, a pobreza e a desintegração social (UNHCR; UNFPA, 2019, p. 09).

Quadro 03 – Categorias das causas do casamento infantil

	Categorias	% de códigos
1	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social sírio	33,6%
2	CI é um mecanismo de enfrentamento negativo causado pela violência testemunhada no conflito	1%
3	CI é causado/exacerbado pela condição de refúgio	6,5%
4	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	6,5%
5	CI é causado pela busca de uma vida fora dos campos	6,5%
6	CI é causado para garantir segurança/proteção de meninas	5,4%

7	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção contra VS	9,7%
8	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	23,9%
9	Refugiadas não consideram CI uma VSG	2,1%
10	Famílias permitem CI para que meninas não sejam mais seu problema	1%

Fonte: Elaborada pela autora

No estudo de caso sírio na Jordânia, as *normas* e *costumes* foram citados como motivadores do casamento infantil (UNHCR; UNFPA, 2017, p. 08; 2015, p. 01; 2014, p. 03; UNHCR; UNICEF; WFP, 2014, p. 08; ONU MULHERES, 2013, p. 34). A preservação da *honra*, definida como o ato da pessoa gozar de uma boa fama ou ser conceituada perante sua comunidade, foi o primeiro *interesse prático* social identificado das meninas sírias e das suas famílias. O casamento é visto como uma forma de prevenir que adolescentes se envolvam em relacionamentos extraconjugais ou sofram violências sexuais, que possam manchar sua reputação e, assim, dificultar suas vidas, levando até mesmo a exclusão ou expulsão da comunidade (UNHCR; UNFPA, 2017, p. 08; AL-MONITOR, 2015). Também significa que as meninas irão exercer o papel de gênero que lhes é designado na comunidade: o cuidado e a maternidade. Ambos, definem o valor e a honra da menina e da sua família e, portanto, são essenciais para sua sobrevivência na sociedade (AWO, 2014, p. 06; WRC, 2014, p. 11; *SAVE THE CHILDREN*, 2014, p. 04-05; *AMNESTY INTERNACIONAL*, 2013, sem paginação). Esse ponto é importante para reconhecer que apesar do deslocamento forçado levar ao território do “não pertencer”, no qual as pessoas não se sentem parte nem do lugar que deixaram e nem do lugar que chegaram, as pessoas refugiadas são capazes de reconstruir laços, normas e relações em novos ambiente. Neste banimento forçado, as populações refugiadas, separadas das suas raízes, da terra natal e do passado, reconstroem suas identidades e vidas e buscam reproduzir costumes, crenças e práticas para “restaurar” o seu povo (SAID, 2003, p. 49-50).

A *Save the Children* (2014, p. 04), a *Al-Monitor* (2015), a *NAOC* (2013, sem paginação) e o *Huffington Post* (2016) observam que a preocupação da família não é apenas *moral*, mas também física. Especificamente nos campos de refugiados, as famílias se sentem incapazes de proteger as meninas da violência sexual. Este tipo de casamento, motivado para garantir a segurança moral e física da menina, é denominado de *sutra* (CNN, 2013). Em reportagem à CNN, uma mãe refugiada síria do Zaatari falou sobre sua motivação ao casar a filha de 13 anos.

Eu juro que eu não conseguia dormir, eu estava com medo pelas meninas [...] Eu juro por Deus, eu não a teria casado tão nova se estivesse na Síria, mas existiam estupros... (2013, sem paginação).

A violência sexual é colocada como a principal motivação da mãe ter concordado com o casamento da sua filha. Se não fosse a existência dos estupros ela não teria apoiado a prática. Em outro relato semelhante, a falta da proteção “masculina” é o fator determinante para uma mãe no Zaatari e não porquê “acredita” em casar sua filha menor de idade.

Eu me preocupo tanto com minha filha que penso que se ela se casar ela será bem cuidada. Meu marido é deficiente e estou com medo que ele não será capaz de protegê-la e cuidá-la. Eu gostaria de casá-la só porque me preocupo com ela e não porque eu acredito no *casamento precoce* (SAVE THE CHILDREN, 2014, p. 04).

Ambas as falas trazem três semelhanças. A primeira é que afirmam que não casariam suas filhas jovens se não fossem a condição na qual vivem, ou seja, o refúgio. Assim, diferente das argumentações que o casamento de crianças é puramente um costume sírio, as mulheres diferenciam que é um casamento *sutra*, pois é motivado pelo segundo *interesse prático* identificado nos códigos: a proteção física das filhas no Zaatari. Assim, a garantia da proteção física e social da menina perante à comunidade se tornam dois *interesses práticos* indissociáveis, urgentes e necessários para a população.

A segunda é o fato de que ambas se referem ao casamento como uma ação decidida por elas e não pelas meninas envolvidas. Aqui, observamos um silenciamento da menina. Ao mesmo tempo que a menina é a agente principal desta ação (é ela que irá se envolver no casamento), não é possível acessarmos sua opinião. O silêncio aqui, a partir da análise de Dingli (2015), não significa a ausência das opiniões, vozes e experiências das meninas. Mas sua invisibilização pelos documentos dos atores humanitários, que escolheram não coletar opiniões e depoimentos sobre o que pensam e como se sentem sobre o assunto. Foram priorizadas as vozes das figuras adultas femininas da família, o que por um lado pode demonstrar a agência da mulher na tomada de decisão no âmbito privado. Por outro, pode demonstrar a responsabilização da mulher perante aos filhos, devido ao seu papel de gênero do cuidado. Apesar das mulheres citarem os maridos, na tomada de decisão, eles são retratados como um espectro do “único” capaz de prover proteção.

A terceira semelhança é que o *interesse prático* de proteção moral (social) e física, perpassa também a família na figura da mãe. Indiretamente, uma vez que não temos acesso direto à criança, os códigos nos revelam um ponto central: a dificuldade de disassociarmos o

que é o *interesse* da menina e o da sua família. Conforme as discussões do segundo capítulo, ainda que a criança tenha direito a sua agência e seja um indivíduo de direitos, ela está legalmente e moralmente submissa à família. A criança têm opiniões, vontades e interesses próprios mas que, por ainda estar em formação, são moldados e influenciados pelos adultos ao seu redor. Para compreender melhor essa relação, Zehavi (2018, p. 247) explica que a família é a primeira instituição na qual as relações de poder são forjadas e estruturadas. A criança, ao mesmo tempo que é territorializada e subordinada à vontade dos pais, ela também absorve deles suas formações iniciais de conhecimentos, opiniões e *interesses*. Por isso, no âmbito das relações de gênero, a família é a primeira responsável por incentivar os papéis de gênero que a criança deve incorporar e perpetuar. No caso das meninas, os valores que a definem perante a sociedade normalmente estão atrelados ao cuidado. Respeitar a hierarquia e obedecer à autoridade, torna-se um local de domínio político que normalmente inicia-se com a mãe e o pai e é estendida para o marido no casamento. Dentro desta dinâmica, a criança pode internalizar que seu *interesse prático* de sobrevivência está no casamento em função da proteção que um homem adulto pode prover. A criança, portanto, está nesse limiar de que necessita do cuidado e da proteção de adultos para seu desenvolvimento, mas que seu silenciamento sob a autoridade dos adultos provoca a ideia de que não são capazes de contribuir em tomadas de decisão em contextos difíceis. O que não necessariamente é verdade (LOKOT *et al*, 2021, p. 05).

Além do impacto das experiências de violência, os atores internacionais concordam que a deterioração da geração de renda e a insegurança financeira são aspectos centrais na escolha pelo casamento infantil. Agências da ONU, como ONU Mulheres (2016, p. 12) e o UNICEF (2013, p. 14), OINGs, como a AWO (2014, sem paginação), a *Save the Children* (2014, p. 05) e a WRC (2014, p. 11) a mídia internacional, como Al-Monitor (2015), *Huffington Post* (2016) e Al-Jazeera (2013), afirmam que o casamento infantil é uma prática utilizada para atenuar o ciclo de pobreza, diminuir o ônus econômico da família e assegurar a sobrevivência da menina. Por isso, junto a proteção social e física das meninas supracitadas, a busca pelo casamento infantil devido às condições econômicas, se torna o terceiro *interesse prático de gênero* identificado neste trabalho.

No Zaatari, mulheres que são mães, relataram que gostariam que suas filhas casassem pois teriam maior estabilidade financeira junto a um homem adulto (IMC; UNICEF, 2013, p. 17). À Al-Jazeera, uma avô refugiada compartilhou a história de casamento da sua neta.

O pai de Zeina não está aqui, então ela não tem a proteção de um homem. Especialmente a noite, o Zaatari pode ser perigoso para meninas jovens. Eu

ouvi alguns boatos horríveis sobre meninas serem estupradas ou sequestradas. Então, quando descobrimos que um jovem tinha diploma universitário e um bom potencial para apoiá-la e protegê-la no futuro, aceitamos a proposta de casamento (2013, sem paginação).

O depoimento acima apresenta dois *interesses práticos* de mulheres, sobretudo aquelas que são chefes de famílias e não possuem uma figura masculina que transpareaça o senso de segurança no qual acreditam. Primeiro, fala-se sobre o *interesse prático* proteção, algo que foi perdida devido a ausência de um homem e que não pode ser restabelecida apenas com a presença de uma mulher adulta. Essa ausência é o que torna as meninas mais vulneráveis a sequestros e a estupros. Segundo, o fato do homem possuir um diploma universitário também o torna um “bom partido”, devido ao potencial financeiro. O que obedecesse ao *interesse prático* de acessar recursos financeiros que possibilitem uma melhor vida para a criança.

Conforme uma crise humanitária se estende nos anos, as dificuldades econômicas tendem a piorar e, com elas, a prática do casamento infantil. Este argumento é reafirmado na crise síria por documentos do UNHCR e UNFPA (2019, p. 09; 2017, p. 08; 2016, p. 04; 2015, p. 03) e do UNHCR, UNICEF e WFP (2014, p. 08), que chamam atenção para a crise prolongada síria, que já dura uma década. As famílias buscam o casamento para aliviar a dependência da ajuda humanitária, lograr a autossuficiência e possibilitar a saída dos campos de refugiados (UNHCR; UNFPA, 2015, p. 01; UNHCR; UNICEF; WFP, 2014, p. 08). O casamento com um nacional jordano, por exemplo, pode significar um patrocínio financeiro e moral para que as meninas, sem ou com suas famílias, saiam dos campos. Conforme citado anteriormente neste trabalho, é uma regra jordana que as pessoas sírias só possam deixar os campos de refugiados legalmente para viver em outras áreas do país de acolhida com uma pessoa jordana que ateste sua boa conduta e se responsabilize financeiramente por ela, até ela conseguir se sustentar (SAVE THE CHILDREN, 2014, p. 05; AWO, 2014, p. 15). Por isso, o depoimento da avó apresenta os dois *interesses práticos* ligados a condição do refúgio em campos: a proteção física, sobretudo em relação à violência sexual e a proteção financeira, devido as dificuldades de geração de renda e da saída legal dos campos de refugiados.

Relatos de mulheres e de famílias refugiadas no Zaatari aos organismos locais, regionais e internacionais da *Jordanian INGO Forum* (2018, p. 17), AWO (2014, p. 15) e UNHCR, UNFPA, USDCDCP e WRC (2013, p. 21) afirmam existir um senso de urgência para mudar de vida, devido à ruptura dos laços afetivos e das necessidades financeiras. Para as organizações essa perda de estrutura socioeconômica leva ao que chamam de *práticas culturais nocivas e mecanismos de enfrentamento negativo* (SAVE THE CHILDREN, 2014, p. 04;

UNHCR; UNFPA, p. 05; UNHCR; UNICEF; WFP, p. 08). As práticas culturais nocivas são caracterizadas como violências perpetradas por pessoas conhecidas ou mesmo responsáveis pelas crianças. Por isso, a “aceitação” da criança pode ser distorcida ou influenciada por pessoas em que ela confia. O UNHCR (2003, p. 136) coloca o casamento infantil neste leque de violências, mas ligado ao fato de que a criança está absorvendo e aceitando costumes da sua comunidade. No entanto, conforme observado ao longo deste trabalho, o casamento não está apenas sob influência dos costumes. Os sentimentos de medo, proteção e insegurança nos depoimentos das pessoas que fazem parte da comunidade síria refugiada na Jordânia demonstram que o casamento infantil não é simplesmente fruto de “práticas nocivas”, mas está também ligada às condições impostas pela dinâmica do refúgio.

Por outro lado, os mecanismos de enfrentamento negativo, significa que as famílias buscarão formas de garantir a sua sobrevivência, mesmo que isso possa infringir consequências de violação de direitos. O exemplo é justamente o casamento ser visto como uma forma das famílias obterem renda ao “venderem” suas filhas para casarem (*THE NEW YORKER*, 2013, sem paginação). Conforme um chefe religioso no Zaatari “os país querem vender suas filhas porque não tem escolha [...] Eles vivem na miséria e precisam de dinheiro. É uma boca a menos para alimentar” (*MARIE CLAIRE*, 2013, sem paginação). Assim, o casamento infantil, para as organizações internacionais, vai contra aos *interesses estratégicos de gênero*, pois incentiva violações, descritas na próxima seção, que dificultam as meninas alcançarem os objetivos de igualdade de gênero e de empoderamento.

3.3 CONSEQUÊNCIAS DO CASAMENTO INFANTIL: A VIOLAÇÃO DOS INTERESSES ESTRATÉGICOS DE GÊNERO DAS MENINAS SÍRIAS

Ao trabalhar as categorias sobre as características e causas do casamento infantil foi possível contextualizar quais são os *interesses práticos de gênero* das mulheres e das famílias. Já, nesta seção, é possível observar o outro lado, o que significam os *interesses estratégicos de gênero* dos atores internacionais envolvidos na resposta humanitária síria. Para isso, foram identificados 34 códigos (14%) que explicam as consequências do CI em 6 categorias. Conforme a tabela abaixo, os códigos apontam as consequências do casamento infantil estão profundamente ligadas a outras formas de violência de gênero, como a física, psicoemocional, sexual e reprodutiva (gravidez precoce e mortalidade infantil) e o abandono escolar.

Quadro 04 – Categorias das consequências do casamento infantil

	Categorias	% de códigos
1	Sobreviventes de CI enfrentam divórcio/CT de homens mais velhos/estrangeiros	2,9%
2	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	61,7%
3	Sobreviventes de CI são submetidas a gravidez precoce/mortalidade infantil	14,7%
4	Sobreviventes de CI são impedidas de acessar educação	4,3%
5	CI perpetua desigualdade de gênero	29,4%
6	CI traz efeitos prejudiciais às meninas	5,8%

Fonte: Elaborada pela autora

Nos relatórios sobre violência de gênero do UNHCR e UNFPA (2017, p. 08, 2016, 04; 2015, p. 02), acessamos dados quantitativos sobre os tipos de violências sofridas por meninas, adolescentes e mulheres casadas antes dos 18 anos. No relatório de 2014, as sobreviventes de casamento infantil relataram estar sob maior risco de ter recursos negados (5.1%), sofrer abuso psicoemocional (4.5%), violência física (4.3%) e violência sexual (1.1%) (UNHCR; UNFPA, 2014, p. 03). Em 2015, o teor das denúncias foram modificadas, tendo as sobreviventes apontado sofrer majoritariamente a violência física (4%), o abuso psicoemocional (2.5%) e a negação de recursos (1.3%) (UNHCR; UNFPA, 2015, p. 03). Já em 2016, os dados trouxeram a violência física (5.8%), a psicoemocional (4.2%), a violência sexual (0.7% - sendo 0.5% estupro) e a falta de recursos (0.6%) (UNHCR; UNFPA, 2016, p. 04). Em suma, a violência física, financeira, emocional e sexual foram repetidamente citadas por meninas e mulheres envolvidas no casamento infantil. Ainda que as porcentagens tenham se alterado anualmente, ora tendo maior alcance a violência socioeconômica, ora a física, é possível compreender que o casamento infantil abre um leque de violações para as meninas envolvidas nessa prática.

Apesar de não ter sido quantificada, a *Save the Children* (2014, p. 06), a AWO (2014, p. 15) e a *Amnesty International* (2013, p. sem paginação) também sinalizaram a exploração sexual como uma consequência. Homens mais velhos e estrangeiros podem utilizar o casamento para afastar as meninas de sua família e comunidade a fim de explorá-las economicamente ou utilizá-las para seu próprio prazer. Essa prática vem sendo denominada de *casamento temporário*, quando um homem, normalmente estrangeiro, casa com a menina para explorá-la e, em seguida, a abandona e/ou a retorna para a família. Para as refugiadas, isso ocorre devido a uma percepção do *status* de inferioridade das meninas sírias na condição de refúgio, ou seja, ao fato que estão vulneráveis e, portanto, irão aceitar qualquer proposta na urgência de sair da situação. Por exemplo, adolescentes refugiadas relatam especificamente experiências com sauditas que após o casamento as devolvem aos pais e pedem o divórcio (UNHCR; UNFPA, 2019, p. 09).

No Zaatari, uma refugiada de 17 anos, que passou pela experiência do casamento temporário com um homem saudita de trinta anos, disse à Marie Claire: “Eu quero que essa história saia da minha cabeça [...] Eu gostaria de voltar para minha vida, voltar à escola e ser criança de novo” (2013, sem paginação). Aqui, é possível obter o primeiro depoimento de uma menina menor de idade. Ela fala sobre as consequências de ter casado com um homem estrangeiro e ter sido devolvida para sua família e comunidade, como o abandono escolar e o abandono da infância. A vontade de retornar a ser criança, apresenta o sentimento negativo da experiência relatada.

Além das consequências psicoemocionais e socioeconômicas percebidas no depoimento acima, consequências na área da saúde sexual e reprodutiva foram relatadas pelas próprias refugiadas no Azraq e no Zaatari, como a gravidez precoce e a mortalidade infantil, tanto da mãe quanto a do bebê (UNHCR; UNFPA, 2019, p. 09; 2017, p. 08). Em depoimento, uma jovem abrigada no Zaatari contou sua história: “Eu fui casada com 15 anos e tive dois abortos [...] Eu não conseguia pensar claramente e não sabia se tinha sido minha culpa. Eu tenho 19 anos agora, um bebê de 9 meses e tive um parto difícil. Eu ainda sinto que sou muito jovem para ser mãe” (*SAVE THE CHILDREN*, 2014, p. 08). A partir deste relato, aponta-se a falta de desenvolvimento psicoemocional de uma adolescente tendo que lidar com o aborto, bem como, um desconforto com o fato de ainda ser jovem para assumir tais responsabilidades.

Por fim, o UNHCR e o UNFPA (2017, p. 08), o GAGE (2018, p. 08) e a *Save the Children* (2014, p. 04-05) trazem a limitação ou mesmo privação da educação como uma consequência socioeconômica. As meninas que são casadas estão mais suscetíveis a abandonar os estudos e, conseqüentemente, a enxergar ou ter menos alternativas além do casamento ao seu dispor. A falta de engajamento em capacitações profissionais também afasta as jovens da reconstrução econômica da comunidade e perpetua as desigualdades dos papéis de gênero (UNHCR; UNFPA, 2017, p. 08; *SAVE THE CHILDREN*, 2014, p. 05). Uma mãe refugiada compartilhou a experiência da sua filha ter deixado a escola assim que casou: “Eu juro por Deus, seu pai a casou e fez ela deixar a oitava série no primeiro dia que completou 16 anos, devido ao assédio verbal que sofria dos colegas” (GAGE, 2019, p. 08). Aqui, a agência da decisão é colocada na figura masculina. Bem como, as violências que são perpetradas na própria escola é apresentada como o fator pelo qual a adolescente teria abandonado os estudos.

Em outro depoimento sobre a temática da educação, uma adolescente de 15 anos que vive no Zaatari com sua família, opinou que: “Na sexta série eu comecei a ver minhas colegas se casando com 12 ou 13 anos. Elas vinham à escola para se despedir [...]. Eu me lembro de pensar que elas estavam cometendo um grande erro” (*HUFFINGTON POST*, 2016, sem paginação).

Em depoimento da adolescente, observamos sua opinião e posição contrária a prática do casamento infantil, classificando como um *erro* das suas colegas. Ou seja, ela também delega a responsabilidade das escolhas às meninas. Apesar de não termos tido acesso a um depoimento mais detalhado sobre a visão da adolescente, isso demonstra que o casamento infantil como um costume ou como um *interesse prático* de proteção não é amplamente e totalmente aceito pelas meninas e adolescentes da comunidade.

Por meio das informações qualitativas e quantitativas e dos depoimentos utilizados nessa seção, concluímos que, para os atores internacionais, o casamento infantil é um mecanismo negativo de sobrevivência que vai contra os *interesses estratégicos de gênero*. Apesar das motivações do casamento infantil estarem baseadas em necessidades práticas e urgente das pessoas refugiadas, a longo prazo, ele gera dificuldades no desenvolvimento físico e psicológico das adolescentes (UNICEF; UNFPA; NHF, 2013, p. 27). Para as Nações Unidas, que apontam como seu quinto objetivo do desenvolvimento sustentável a equidade de gênero, isso significa dificultar a erradicação das discriminações, das violências, das práticas nocivas e do trabalho não remunerado. Bem como, impede que as meninas alcancem autonomia e igualdade na participação política, econômica e social (UNRIC, 2022).

Outro fator importante nessa seção é que, diferente da explicação sobre quais são as características e as causas do casamento infantil, as consequências são narradas também por meio de depoimentos de meninas e de mulheres. Os depoimentos, oriundos das vivências de meninas e mulheres, são todos negativos e narram a violação de direitos nos âmbitos físico, psicoemocional e sexual. Não obtivemos nenhuma história ou depoimento que afirmasse que o casamento infantil trouxe melhorias nas vidas das crianças e das famílias e que, de certa forma, demonstrasse o porquê as famílias continuam optando por essas escolhas como um mecanismo para seus *interesses práticos*. As informações oriundas das fontes hegemônicas de informações explicam que existem motivos práticos por trás das escolhas de meninas e suas famílias, mas não apresentam nenhuma história de vida que possa demonstrar que a urgência de proteção de crianças contra a violência sexual, a violência financeira e a reconstrução dos laços sociais e familiares que foram rompidos durante o deslocamento, pode trazer benefícios a curto prazo. Assim, na narrativa das organizações internacionais, a agência das meninas é utilizada somente em benefício das narrativas dos *interesses estratégicos* de gênero e o silêncio é utilizado em benefício das narrativas dos *interesses práticos* de gênero, causando uma homogeneidade do que é ou não aceitável.

3.4 DAS DENÚNCIAS AOS PROGRAMAS: PRIORIDADES DOS ATORES INTERNACIONAIS E ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE SÍRIA

Nas cidades e nos campos do Zaatari e Azraq, o casamento infantil foi a terceira violência de gênero mais *denunciada*¹⁹ pela comunidade síria entre 2015 à 2017 (UNHCR; UNFPA, 2015; 2016; 2017). A explicação sobre os relatos e as denúncias do casamento infantil resultou em 32 códigos (11%) organizados em 06 categorias. Segundo a tabela descrita abaixo, os códigos apontaram que existe um engajamento comunitário e das meninas de denunciar e relatar casos de casamento infantil. Mas existe também pessoas que disseram desconhecer ou recusar casamentos de menores de idade.

Quadro 05 – Categorias relatos e denúncias sobre casamento infantil

	Categorias	% de códigos
1	SVSG/Meninas/Adolescentes denunciam/relatam CI	37,5%
2	Refugiadas relatam CI pois não a consideram VSG	9,3%
3	Famílias/meninas recusam CI	6,2%
4	Famílias/meninas recusam CI com homens fora da comunidade síria	8,6%
5	Famílias/meninas recusam CI por serem muito novas	12,5%
6	Refugiadas relatam se conhecem casos de CI de meninas	9,3%

Fonte: Elaborada pela autoras

Adolescentes, consideradas pela IMC e pelo UNICEF (2013, p. 04) entre 15 a 24 anos, constituem 25% da população do Zaatari. Nas denúncias desta população, o casamento infantil foi citado como uma preocupação junto ao abandono escolar da criança e à falta de conhecimento das famílias em relação aos noivos com quais as meninas se casam. Isso se refere, sobretudo, aos homens estrangeiros e que são desconhecidos na comunidade. Ao UNHCR e ao UNFPA (2019, p. 06; 2018, p. 05; 2017, p. 05), a população adolescente, neste caso considerada entre 15 a 19 anos, também *denunciou* o casamento infantil como a principal violência de gênero enfrentada: 44.9% em 2019, 46.9% em 2018 e 69.2% em 2017. Tais dados demonstram uma diminuição das denúncias ao longo dos anos. Mas devido a falta de relatos e depoimentos nos documentos das organizações humanitárias, ou mesmo de uma contextualização de quem são as mulheres por trás destes dados, é difícil interpretar se houve uma diminuição da prática ou uma discordância das meninas de definirem o casamento como uma violação dos seus direitos (UNHCR; UNFPA, 2019, p. 06; 2018, p. 05; 2017, p. 05).

¹⁹ Palavra utilizada em itálico pois é um termo utilizado nos documentos dos atores internacionais e não necessariamente da comunidade síria.

Outras pesquisas de OIs, se preocuparam também em identificar se a comunidade conhece e identifica a prática do casamento infantil. Para a ONU Mulheres (2013, p. 34) participantes de um grupo focal disseram ter presenciado ou escutado sobre a existência de casamentos de meninas jovens. Em outro estudo, conduzida pelo UNICEF, UNFPA e NHF (2013), 39% das mulheres entrevistadas disseram conhecer meninas abaixo dos 18 anos casadas no Zaatari ante 59% que disseram desconhecer. Isso abrange as meninas que já chegaram ao campo de refugiados casadas e as que se casaram depois. Entre as pessoas que reconheceram a prática do casamento infantil, também houve casos de recusa pelas famílias. Durante conversas no Zaatari, meninas e mulheres reconheceram que as meninas que deixam o campo, o fazem pelo casamento. Mas isso não significa que as ofertas são amplamente aceitas na comunidade (UNICEF; UNFPA, NHF, 2014, p. 16). Em estudo conduzido junto às comunidades sírias refugiadas na Jordânia, no Líbano e no Egito, as mulheres relataram ter recusado as propostas de casamento para suas filhas menores de idade (*SAVE THE CHILDREN*, 2014, p. 02).

Relatos de famílias sírias e líderes religiosos afirmam que o casamento de meninas é negado com homens fora da comunidade, devido a desonra das propostas que são apresentadas e pelo ambiente de instabilidade no refúgio (AL-JAZEERA, 2013; UNICEF; UNFPA; NHF, 2013, p. 04). Como no depoimento de uma menina refugiada no Zaatari que disse “[...] Uma vez eu estava andando com meu pai no mercado [no Zaatari]. Um homem saudita parou o carro e chamou meu pai. Eu posso levar você e sua família, alugar uma casa para você e sua família, se você concordar com o meu casamento com sua filha. Meu pai recusou” (AWO, 2014, p. 15). Ao entrevistar mãe e filha, a Marie Claire apresentou uma situação na qual um jordano ofereceu ajuda para a família sair do Zaatari, para em seguida, pedir a menina em casamento, como contrapartida. A adolescente disse:

Nós vivíamos no Zaatari. Um dia, ele se apresentou na nossa tenda dizendo que gostaria de ajudar os refugiados sírios. Ele era um menino bonito, delicado e benevolente. Minha família se tornou amiga dele e ele nos ajudou a pagar o aluguel de um apartamento em Mafraq (cidade jordaniana perto da fronteira síria), enquanto meu pai buscava por trabalho [...] Poucos dias depois, ele me pediu em casamento (2013, sem paginação).

Em seguida, a mãe narrou ter negado o pedido de casamento e ter abandonado a ajuda do homem jordano. Ao complementar a fala da filha, disse: “Você pensa poder comprar nossa filha porquê você nos ajudou a sair do campo!” (MARIE CLAIRE, 2013, sem paginação). Essa fala também condiz com relatos de refugiadas que exprimiram ressentimento por tratarem as meninas sírias como “fáceis” e “baratas”, sendo desonroso para as famílias aceitar propostas

desta natureza (SAVE THE CHILDREN, 2014, p. 02). Para OINGs e para mídia, mulheres relataram não casar suas filhas devido a baixa idade e que necessitavam terminar sua educação (AL-JAZEERA, 2013), conforme depoimento: "Não deixarei que minha filha se case com a pessoa errada, mesmo que acabemos ficando neste campo por 20 anos. Ela não se casará, a menos que um cavalheiro faça uma proposta e quando tiver pelo menos 22 anos de idade" (SAVE THE CHILDREN, 2014, p. 09).

As denúncias do casamento infantil estão ligadas a diferentes argumentos mas que não necessariamente são contrastantes. Por um lado, os documentos apontam que as meninas acima dos 15 anos já estão mais conscientes em como buscar por apoio as mais novas (UNHCR; UNFPA, 2019, p. 09). Por outro, existe uma baixa denúncia formal do casamento infantil no Azraq e no Zaatari, de apenas 8% de adolescentes (UNHCR; UNFPA, 2019, p. 09). Para o UNHCR e UNFPA (2015, p. 02-03; 2016), isso pode ser explicado pelo fato do casamento infantil não carregar o mesmo nível de estigma para a comunidade síria do que outras formas de violência. E por isso, se torna mais fácil para as sobreviventes compartilharem suas histórias em momentos de registro, de conversas e de encaminhamentos para serviços sociais. Outro fator identificado, pelo subgrupo de violência de gênero, é que trabalhadores humanitários possuem desafios em prevenir o casamento infantil justamente por não ser considerado uma violência pela comunidade síria ou por não carregar o mesmo estigma do que outros tipos de violência (UNHCR; UNFPA, 2015, p. 03; UNHCR; UNICEF; WFP, 2014 p. 03).

Frente a esse cenário, as organizações internacionais advogam a prevenção e resposta ao casamento infantil deve ser colocada como uma prioridade na resposta humanitária (ACNUR; UNFPA, 2013, p. 06). Mas o planejamento das atividades das organizações não necessariamente representam os *interesses* das meninas, famílias e da comunidade síria. Nos 23 códigos (12%) que explicam os programas, as ações e o monitoramento, organizados em 4 categorias, os documentos apontam necessidades de prevenção, mitigação, monitoramento e engajamento comunitário no combate ao casamento infantil.

Quadro 06 – Categorização programas, ações e monitoramento do casamento infantil

	Categorias	% de códigos
1	Necessidade de prevenir e mitigar CI por meio da informação/empoderamento	17,3%
2	Necessidade de monitoramento do CI	21,7%
3	Envolvimento da comunidade no combate do CI por meio de treinamentos	52%
4	OHs têm dificuldade de debater CI na comunidade síria	8,6%

Fonte: Elaborada pela autora

Os atores internacionais propõem que sessões de conversas organizadas pela própria comunidade possam disseminar informações e compartilhar experiências, com o objetivo final de conscientizar sobre as consequências do casamento infantil (UNHCR; UNICEF; WFP, 2014, p. 25-26; UNICEF; UNFPA; NHF, 2013, p. 27). Ademais, propõe a implementação de atividades de leitura, capacitações e cursos de liderança para empoderar as meninas adolescentes e abrir novas oportunidades de vida (UNHCR; UNFPA, 2018, p. 06). Como exemplo, no Zaatari, o ACNUR investe em atividades lúdicas com meninas, como teatro e cinema, para que conheçam os perigos e as consequências do casamento (*SAVE THE CHILDREN*, 2014, p. 01; WRC, 2014, p. 17). Junto às famílias, são promovidos também seminários informativos e distribuição de guias sobre os perigos sociais e de saúde relacionamentos ao casamento, sobretudo da gravidez e doenças (UNICEF; UNFPA; NHF, 2013, p. 26; IRIN, 2013). As organizações que atuam nos campos investem em treinamentos com as lideranças sírias para que não realizem casamentos com menores de 18 anos e denunciem às autoridades (WRC, 2014, p. 12; UNICEF; UNFPA; NHF, 2013, p. 26). As atividades descritas parecem alinhadas com um planejamento de *necessidades estratégicas de gênero*, pois visam informar as meninas, as mulheres e comunidades para que tenham ferramentas e conhecimento sobre suas ações. Todavia, nos documentos, não é claro se foram pensadas e planejadas a partir das *necessidades práticas* identificadas pelas próprias comunidades.

Em depoimentos de mulheres e famílias que participaram de atividade sobre o casamento infantil, parece existir um nível de engajamento. Uma refugiada explicou que “Aqui, no centro de atividades, eles [*Save the Children* e UNICEF] realizam sessões de conscientização sobre os perigos do casamento infantil. Eu tenho visto o impacto nas meninas do campo ou no centro” (*SAVE THE CHILDREN*, 2014, p. 09). À *Save the Children* (2014, p. 09) refugiadas também disseram ter mudado de ideia de casar sua filha devido às sessões informativas no Zaatari. Para o UNICEF, o UNFPA e o NHF, uma mulher no Zaatari disse:

Existem sessões de conscientização sobre o casamento precoce que nos ajudam a educar nossos maridos e filhos. Aprendemos agora que o casamento precoce é negativo, porque uma criança nunca pode criar uma criança. De 16 a 20 anos é a idade para uma jovem viver e é seu direito pensar como uma menina (2013, p. 27).

Os impactos relatados pelas OINGs não são apenas nas experiências individuais, mas também na comunidade síria. Por isso, advogam que a comunidade seja propulsora da mudança. A *Huffington Post* (2016, sem paginação) cita a história de uma adolescente no Zaatari que tem

advogado para desencorajar o casamento infantil entre seus amigos e colegas por meio da promoção de cursos de artes plásticas, música e teatro, para meninas da sua idade. À IRC (2014, p. 13), uma refugiada disse:

Nossos vizinhos noivaram a filha de 13 anos e, quando soube, fui falar com eles. Conteí a eles o que havia aprendido no centro de mulheres do [IRC]: que ela não era fisicamente ou mentalmente madura, que seria uma grande desvantagem ela se casar tão jovem. Eles mudaram de idéia e romperam o noivado, o pai dela ficou tão aliviado que comemorou comprando doces para todos. Agora a mãe e a filha vêm ao centro. A criança é uma pessoa diferente - ela saiu de sua concha - ela é extrovertida e confiante.

Para as organizações, promover atividades e sessões informativas sobre o casamento infantil está ligada a estratégia conscientizar famílias, meninas e adolescentes para que tomem decisões baseadas em informações. Esse potencial de mudança não é apenas individual, como coletivo, uma vez que a mudança de uma prática é gradual até atingir uma sociedade inteira. No entanto, a estratégia dos atores internacionais com foco na prevenção e mitigação do casamento infantil por meio da mudança de costumes e normas da comunidade síria, pode apresentar lacunas que dificulta sua implementação.

Primeiro, os documentos aqui estudados não fizeram uma ligação clara entre denúncias e programas de mitigação e prevenção do casamento infantil. Ou seja, não foi possível observar se a própria comunidade síria, por causa dos programas de conscientização, realmente demonstra interesse e engajamento nestas atividades a ponto de não casar as meninas menores de idade. Por isso é preciso dar um passo atrás. Antes de implementar atividades para mitigar a prática, os atores deveriam mapear e monitorar a extensão do casamento infantil nos campos de refugiados, que conforme o UNICEF (2013, p. 10-14) é desconhecida. Sobretudo em famílias chefiadas por mulheres e pessoas que não tem acesso a espaços seguros, e que, portanto, a coleta de informações torna-se ainda mais difícil (IMC; UNICEF, 2013, p. 04). Este trabalho apresentou um esforço de coletar e juntar dados de diferentes fontes autoras, a fim de conhecer o contexto, mas tivemos dificuldades de acessar a informações dos campos de refugiados que não fosse do Zaatari, de acessar falas e relatos de adolescentes ou mesmo de compreender quais eram as meninas e mulheres das quais estávamos falando, além de conhecer seu em geral a população refugiada nos campos.

A segunda é que não está claro na leitura dos documentos se o fim do casamento infantil é uma prioridade definida por meninas e suas famílias. Durante este capítulo, vimos a existência de inconsistências em como a agência da menina é representada. Para explicar as características e causas do casamento infantil não foi possível acessar depoimentos e relatos sobre a agência e

que demonstrassem os *interesses de gênero* das meninas. Tivemos que acessá-las indiretamente por meio de suas famílias. Todavia, para explicar sobre as consequências do casamento infantil, os atores internacionais utilizaram falas de adolescentes, que apresentaram *os interesses das mulheres*, ou seja falas de experiências e vivências individuais que não necessariamente falam por todas as demais mulheres que se encontram na mesma condição. Os *interesses das mulheres* foram importantes para visualizar as consequências do casamento infantil, mas não foi possível acessar aos *interesses práticos de gênero* que as levaram a fazer tais escolhas. A agência ficou limitada a apenas relatos negativos do casamento infantil.

A terceira é que as normas sociais relacionadas ao gênero possuem ainda mais resistência de mudança, justamente porque percorrem todos os momentos e âmbitos da vida em sociedade (JONES *et al*, 2020, p. 298). Trabalhadores humanitários relataram que discutir o casamento infantil com a comunidade síria pode trazer sensibilidades e impactos negativos na relação com as pessoas. Como não existem organizações e trabalhadores suficientes atuando nos âmbitos da infância, violência de gênero e casamento infantil, o UNHCR, UNFPA, o USCDPC e o WRC (2013, p. 21) receiam o efeito invertido de diminuir o interesse e o engajamento da comunidade em mitigar e prevenir outras formas de violência.

A quarta é que ainda que a mudança na comunidade fosse o caminho, o casamento infantil não está apenas relacionado a *costumes e normas* e sim a uma *condição* na qual grupos populacionais se encontram com as possibilidades limitadas devido ao refúgio. O isolamento, as moradias superlotadas em campos de refugiados, a falta de empregos, a insegurança, entre outros, são vulnerabilidades trazidas durante este estudo de caso e que, representam outras preocupações de populações que estão em deslocamento. Conforme teorizado no segundo capítulo deste trabalho com Caputo (2018), demonstrar o casamento infantil apenas como uma prática cultural invisibilizando os diferentes fatores que são parte da causa dessa ação e que, conseqüentemente, poderiam fazer parte da solução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2020, o GNB (2020, p. 03) apontou que 25 países enfrentam crises humanitárias e 168 milhões de pessoas necessitam de assistência de atores humanitários. Parte desse número é oriundo da Síria, país que mais expulsa pessoas do seu território (UNHCR, 2019a, p. 06). Assim, esta pesquisa teve origem na curiosidade em entender uma das maiores crises humanitárias desde o final da Segunda Guerra Mundial (DORAI, 2017; JEBAIE *et al*, 2016), a partir dos documentos que narram o casamento infantil, fenômeno que se tornou característica do deslocamento sírio, mas que não necessariamente foi extensivamente estudado e compreendido (GNB, 2020, p. 02-04).

Diante disso, essa pesquisa buscou superar o entendimento do casamento infantil como *apenas* uma violência de gênero, para observá-lo também como uma prática, oriunda da agência de pessoas que tomam decisões frente às vulnerabilidades e dificuldades impostas pela condição do refúgio. Por isso, no primeiro capítulo, os *interesses das mulheres* e *interesses de gênero* foram apresentados como conceitos que continuam úteis e relevantes, apesar do desenvolvimento da literatura nas últimas décadas. Ao diferenciá-los, Maxine Molineux chamou a atenção para o perigo de essencializarmos vontades, necessidades e ideais individuais como coletivas e universais. Devido à natureza desta pesquisa, de coleta e análise de dados de fontes secundárias, não foi nosso objetivo trabalhar com histórias de vidas individuais e, por isso, os *interesses das mulheres* não foram analisados. A autora também reconheceu que não é possível trabalharmos com os interesses de cada uma ou de todas as mulheres e, por isso, foi necessária a ampliação dos *interesses de gênero* em *estratégicos* e *práticos*.

A perspectiva teórica de Maxine Molienux foi condizente com a escolha da metodologia de estudo de caso. Primeiro, porque nos permitiu reconhecer que as mulheres estão posicionadas em suas sociedades devido aos diferentes marcadores sociais. Além do marcador de gênero, a idade também foi determinante. A discussão sobre infância impactou em pensar na agência e na tomada de decisão da menina e de sua família, pois demonstrou que quando os *interesses práticos* envolvem crianças menores de 18 anos, existe uma dificuldade em chegar somente na menina sem influência e participação da família. Por fim, os *interesses estratégicos de gênero* foram importantes na observação da postura narrativa dos atores internacionais. Em sua totalidade, OI, OING e a mídia internacional apontaram que o casamento infantil é uma violência de gênero que leva a consequências negativas individuais e coletivas. Para os atores internacionais, são essas mesmas consequências que impedem mulheres e meninas sírias de alcançarem a igualdade de gênero e o empoderamento.

A discussão sobre casamento infantil do segundo capítulo também proporcionou dois resultados teóricos importantes. O primeiro foi o cuidado em situar o casamento infantil, a infância e a menina como conceitos recentemente criados no século XIX e multiplicados pelas organizações internacionais de direitos humanos. A velocidade com que os organismos incorporaram tais conceitos em suas declarações e tratados, não significa que tenham sido absorvidos pelos Estados e suas sociedades. Por isso, neste debate, encontramos também espaço para problematizar a imagem do casamento infantil ligado à menina do Sul global. Observamos que o silenciamento das meninas e o seu uso como sinônimo de práticas nocivas, cria a imagem do casamento infantil como meramente resultado de costumes e normas. Nesta lógica, a eliminação da prática estaria atrelada à transformação da cultura. Isso se torna problemático na medida em que cria dicotômias e hierarquias sobre quais são os costumes desejáveis e quem dita esses costumes. No caso do refúgio, os costumes e normas normalmente recaem sobre a população refugiada e a “responsabilidade” de impulsionar mudanças sob as organizações internacionais. Isso também invisibiliza outros fatores que causam o casamento infantil, e que poderiam ser parte da solução, como a dinâmica da pobreza, da perda de laços afetivos e das inseguranças vividas pela população refugiada.

O segundo resultado foi o contexto no qual a infância e a feminilidade são constituídas e emergem como categorias viáveis de análise (CAPUTO, 2018, p. 213). Ou seja, a partir do estudo das meninas sírias, contribuimos para o debate da transversalidade entre as categorias de idade e de gênero, que nem sempre são pensadas em consonância. A perspectiva de *interesses* de Maxime Molineux está direcionada para o debate da agência das mulheres adultas, o que demonstra as lacunas das perspectivas feministas em relação ao recorte de idade. Assim, o debate sobre agência da criança do segundo capítulo teve também como resultado contribuir para essa lacuna e demonstrar que a criança também é um sujeito capaz de exercer ações e tomar decisões de forma consciente e racional. O que ocorre é que os atores internacionais detêm a plataforma de coleta e de distribuição de informações. Isso não significa que outros agentes não sejam capazes de ressoar suas vozes, mas que nosso acesso é mais difícil. A criança, portanto, é silenciada tanto pela sua família quanto pelo sistema como um todo, sobretudo se suas opiniões vão contra o que é advogado pelos agentes adultos ao seu redor.

As etapas metodológicas da codificação atravessaram os primeiros dois capítulos. A descrição sobre a inclusão de documentos para análise e sistematização das informações colhidas, foi importante para trilhar o caminho das escolhas metodológicas. Foram codificados 62 documentos oriundos de OI, OING e mídia internacional, do qual extraímos 1.401 códigos sistematizados em 14 temas principais. Diante da amplitude da violência de gênero,

selecionamos o segundo tema mais citado no documento e que apareceu em metade dos documentos codificados: o casamento infantil.

Em seguida, o ciclo de categorização foi importante para concluirmos a respeito de como os documentos foram escritos, sobre qual local específico eles estavam se referindo e quais eram os tipos de explicações dadas. Aqui, observamos que a maioria dos documentos eram constituídos por informações qualitativas, com poucos dados quantitativos e depoimentos de pessoas diretamente envolvidas na resposta, tanto refugiados como trabalhadores humanitários. Também verificamos uma dificuldade de acessar informações *somente* sobre campos de refugiados. A maioria das informações se referiam unicamente ao Zaatari ou aos campos de refugiados como algo geral, mas realidades dos demais campos, de Azraq e EJC, não foram possíveis de serem exploradas por falta de informações. Por fim, identificamos que os documentos tinham cinco objetivos que seguiam a lógica de explicar o que é o casamento infantil, quais são suas causas e consequências, se é ou não denunciado e quais são os programas e necessidades identificadas pelos atores humanitários.

Foi no terceiro capítulo, que obtivemos três conclusões sobre nosso estudo de caso. A primeira foi que, apesar do casamento infantil ser apontado como um costume sírio, existe uma dificuldade em verificarmos essa hipótese. Nos documentos trabalhados nesta dissertação, os atores internacionais não analisam como essa prática ocorria na Síria. Não sabemos se existe diferença de significados sobre *o que é, porquê ocorre e como ocorre* o casamento infantil para a população síria antes do conflito e na condição de refúgio. Tampouco obtivemos dados quantitativos sobre a ocorrência do casamento infantil antes do conflito. Ao focar na comunidade síria refugiada, os documentos descreveram uma população da região de Daara, mas não foi possível acessar suas especificidades e suas práticas. Acessamos alguns depoimentos de mulheres que disseram que o casamento era uma prática normal a partir dos 15 anos, mas tampouco sabemos se essas mulheres eram de fato originárias de Daara. E apesar da importância das suas falas, os depoimentos não expunham informações suficientes para compreender o fenômeno como meramente um costume sírio.

A segunda conclusão é que não foi possível acessar diretamente os *interesses práticos* das meninas. Especialmente ao explicar as causas do casamento infantil, os documentos apontaram para: a) os costumes e normas sírias; b) os fatores de violência econômica (pobreza e dificuldade de geração de renda) e violência sexual. Em ambos os casos, os documentos não apresentaram nenhum relato ou depoimento de meninas que contribuíssem para esse fato. Mas apenas algumas poucas falas de mulheres adultas como porta vozes das famílias. Assim, observamos que a teorização de *interesses* de Maxine Molineux tinha como foco as mulheres

adultas. A falta de um recorte de idade, ignora a dificuldade de acessar as vontades e escolhas das crianças sem a influência da família. Assim, independente de termos acesso direto ou não às vozes das crianças, é imperativo falarmos de suas famílias, que é a primeira instituição a exercer influência e autoridade sobre suas vontades, escolhas e *interesses*.

Isso não significa que as meninas não tenham vontades e preferências próprias, mas que estão suscetíveis ao silenciamento. A dificuldade das meninas propagarem seus interesses não está atrelado unicamente à autoridade da família, mas também à autoridade dos atores que escolhem o que querem ou não propagar de informações. Por exemplo, ao avaliar as causas do casamento infantil, não conseguimos acessar nenhum relato ou depoimento de meninas. Apenas de figuras adultas. Mas quando avançamos para a explicação das consequências, acessamos depoimentos e relatos das mulheres e das próprias meninas, sobre os aspectos negativos do casamento infantil. Bem como, nas discussões sobre denúncias e programas de mitigação e combate ao casamento infantil, desenhados por atores internacionais, nos deparamos com falas de mulheres e meninas compartilhando a importância desses programas. Portanto, a terceira conclusão é que existe uma propensão dos atores internacionais em evidenciar as vozes das mulheres e das meninas quando condizem com os seus *interesses estratégicos de gênero*, como a consentização sobre os males do casamento infantil e os benefícios das meninas e mulheres que participam dos programas dos organismos internacionais. Mas quando é para evidenciar os *interesses práticos de gênero* das meninas e suas famílias, existe um afastamento de suas vozes e, assim, uma sensação de que o casamento infantil é uma determinação apenas de costumes e da condição do refúgio e não também resultado de *escolhas*. Isso não significa que o casamento infantil deixa de ser uma violação dos direitos das meninas ou que os *interesses estratégicos de gênero* não sejam importantes para serem evidenciados. Mas sim que não podemos ignorar a agência e os interesses das meninas e das mulheres que buscam não apenas sobreviver, mas viver em melhores condições.

Em suma, foi possível perceber uma relação complexa e contrastante entre *interesses práticos e estratégicos de gênero*, mas que tem potencial para ser melhor explorada. Para estudos futuros, sugere-se que pesquisadoras e pesquisadores possam fazer trabalhos de campo que extrapolem os conceitos e visões dos atores internacionais, para compreender o que é o casamento infantil para a população síria refugiada antes e depois do conflito e quais são *interesses das meninas* a partir de uma visão culturalmente sensível aos costumes e às normas sírias sobre infância e casamento.

REFERÊNCIAS

ACKERLY, Brooke; TRUE, Tacqui. Reflexivity in Practice: Power and Ethics in Feminist Research on International Relations. *International Studies Review*, v. 10, n. 4, p. 693-707, 2008.

AGIER, Michel. *On the margins of the world: The refugee experience today*. Cambridge: Polity press, 2008.

AL-MONITOR. *Financial burden, risk of violence pressure Syrian girls to marry*. AL-MONITOR, 2015. Disponível em: <<https://www.al-monitor.com/originals/2015/03/syrian-girls-jordan-refugees-early-marriage.html>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

ALGOZZINE, Bob; HANCOCK, Dawson R. *Doing case study research*. New York: Teacher College Press, 2006.

AL-JAZEERA. *Teenage Syrian refugees wed 'for protection': Girls as young as 14 are being married off, fearing attacks in the world's second-largest refugee camp*. AL-JAZEERA, 2013. Disponível em: < <https://www.aljazeera.com/features/2013/11/12/teenage-syrian-refugees-wed-for-protection>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

ALSOP, Ruth. Whose Interests? Problems in Planning for Women's Practical Needs. *World Development*, v. 21, n. 3, p. 367-377, 1993.

AMNESTY INTERNATIONAL. *Early marriage and harassment of Syrian refugee women and girls in Jordan*. AMNESTY INTERNATIONAL, 2013. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2013/09/early-marriage-and-harassment-of-syrian-refugee-women-and-girls-in-jordan/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

_____. *Left out in the Cold: Syrian Refugees abandoned by the International community*. Amnesty International, 2014. Disponível em: < <https://www.amnesty.org/en/documents/MDE24/047/2014/en/>>. Acesso em: 17 set.

AUBERBACH, Carl F.; SILVERSTEIN, Louise B. *Qualitative data*. New York: New York University Press, 2003.

AWO. *Unveiling Gender Based Violence against Syrian Women Refugees in Jordan and Lebanon*. AWO, 2014. Disponível em: < <http://www.peacewomen.org/sites/default/files/AWO%20Research%20on%20Syrian%20Refugees-English.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

AZZOLIN, Agatha Marina; YANNOULAS, Silvia Cristina. Plano nacional de políticas para as mulheres: necessidades práticas ou interesses estratégicos? *Revista Feminismos*, Salvador, v. 4, n. 1, p. 14-25, 2016. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/revista/article/view/359/194>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

BADEN, Sally; GOETZ, Anne Marie. Who needs [sex] when you can have [gender]? Conflicting discourses on gender at Beijing. In: JACKSON, Cecile; PEARSON, Ruth. *Feminist Visions of Development: Gender, Analysis and Policy*. New York: Routledge, 1998.

BALDEZ, Lisa. The UN Convention to Eliminate All Forms of Discrimination Against Women (CEDAW): A New Way to Measure Women's Interests. *Politics and Gender*, v. 07, n.03, 2011, p. 419 – 424.

BAXTER, Pamela; JACK, Susan. Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers. *The Qualitative Report: Ontario*, v. 13, n. 4, p. 544-559, 2008.

BELLAMY, Catherine *et al.* *The lives and livelihoods of Syrian refugees: A study of refugee perspectives and their institutional environment in Turkey and Jordan*. UNHCR, 2017. Disponível em: < <https://www.refworld.org/pdfid/58bd75394.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2021.

BETTS, Alexander; COLLIER, Paul. *Rethinking refugee policy in changing world*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

BICCHIERI, Cristina; JIANG, Ting; LINDEMANS, Jan Willem. *A Social Norms Perspective on Child Marriage: The General Framework*. UNICEF, 2014. Disponível em: <<https://repository.upenn.edu/pennsong/13>>. Acesso em: 24 Dez. 2021.

BUECHER, Beatrix. *Lives Unseen: Urban Syrian Refugees and Jordanian Host Communities Three Years into the Syria Crisis*. CARE, 2014. Disponível em: < <https://reliefweb.int/report/jordan/lives-unseen-urban-syrian-refugees-and-jordanian-host-communities-three-years-syria>>. Acesso em: 17 set. 2021.

CAPUTO, Virginia. 'Too young to wed' Envisioning a 'generous encounter' between feminism and the politics of childhood. In: ROSEN, Rachel; TWAMLEY, Katherine. *Feminism and the politics of childhood: friends or foes*. London: UCL Press, 2018.

CELIS, Karen *et al.* Rethinking Women's Substantive Representation. *Representation*, v. 44, n. 02, p. 99 – 110, 2008.

CELIS, Karen. Studying women's substantive representation in legislatures: when representative acts, contexts and women's interests become important, *Representation*, v. 44, n.2, 111-123, 2008.

_____. Substantive Representation of Women: The Representation of Women's Interests and the Impact of Descriptive Representation in the Belgian Parliament (1900-1979). *Journal of Women: Politics & Policy*, v. 28, n. 02, p. 85 – 114, 2006.

CHAPPELL, Louise; HILL, Lisa. The Politics of Women's Interests. In: CHAPPELL, Louise; HILL, Lisa. (Eds.). *The Politics of Women's Interests: New Comparative perspectives*. Routledge: London, 2006.

CNN. *No sanctuary for Syria's female refugees*. CNN, 2013. Disponível em: < <https://www.cnn.com/2013/06/26/world/meast/syria-refugees-child-brides/index.html>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

CRISP, Jeff; GRISGRABER, Daryl. *Beyond emergency assistance: Syrian refugees in Jordan and northern Iraq*, 2014. Disponível em: < <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/39507>>. Acesso em: 17 set. 2021.

DINGLI, Sophia. We need to talk about silence: Re-examining silence in International Relations theory. *European Journal of International Relations*, 2015, p. 1–22.

DORAI, Kamel. Conflict and Migration in the Middle East: Syrian Refugees in Jordan and Lebanon. In: KARAKOULAKI, Marianna; SOUTHGATE, Laura; STEINER, Jakob. (Eds.). *Critical Perspectives on Migration in the Twenty-First Century*. E-International Relations: Bristol, 2018. p. 113-126.

_____. *Jordan and Syrian Refugees*. Books and Ideas, 2017. Disponível em: < <https://booksandideas.net/Jordan-and-Syrian-Refugees.html>>. Acesso em: 17 set. 2021.

DRISCOLL, Catherine. *Girls: Feminine adolescence in popular culture and cultural theory*. New York: Columbia University Press, 2002.

ENSOR, Marisa O; GOZDZIAK, Elzbieta M.. Introduction: Durable solutions during transient years. In: ENSOR, Marisa; GOZDZIAK, Elzbieta M.. *Children and forced migration: Durable solution during transient years*. Washington: Palgrave macmillan, 2016.

EWIG, Christina. Forging Women's Substantive Representation: Intersectional Interests, Political Parity and Pensions in Bolivia. *Politics and Gender*, v. 14, 2018, p. 433 – 459.

FRANCIS, Alexandra. *Jordan's Refugee Crisis*. CARE, 2015. Disponível: < <https://carnegieendowment.org/2015/09/21/jordan-s-refugee-crisis-pub-61338>>. Acesso em: 17 set. 2021.

FERRIS, Elizabeth; KIRISCI, Kemal. *The Consequence of chaos: Syrian's humanitarian crisis and failure to protect*. Washington: Brookings Institution Press, 2016.

GAGE. *Leave no adolescent behind: the gender- and age-specific vulnerabilities of adolescent refugees and IDPs*. GAGE, 2019. Disponível em: < <https://www.gage.odi.org/publication/leave-no-adolescent-behind-the-gender-and-age-specific-vulnerabilities-of-adolescent-refugees-and-idps/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

GERRING, John. *Case Study Research: Principles and practices*. Boston: Boston University, 2006.

GBV AOR. *Handbook for Coordinating Gender-based Violence Interventions in Emergencies*. GBV AOR, 2019. Disponível em: < <https://gbvaor.net/sites/default/files/2019-07/Handbook%20for%20Coordinating%20GBV%20in%20Emergencies%20-%20GBV%20AoR%2C%202019.pdf>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

GHAZAL, Mohammad. *Population stands at around 9.5 million, including 2.9 million guests*. Jordanian time, 2016. Disponível em: < <https://www.jordantimes.com/news/local/population-stands-around-95-million-including-29-million-guests>>. Acesos em: 26 dez. 2021.

GNB. *Child marriage in humanitarian contexts*. GNB, 2020. Disponível em: < https://www.girlsnotbrides.org/documents/959/Child-marriage-in-humanitarian-contexts_August-2020.pdf>. 24 dez. 2021.

GPC. *Child Protection*. GPC, 2021. Disponível em: <<https://www.globalprotectioncluster.org/themes/child-protection/>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

GUERRINA, Roberta. Gender, interests, and constitutional matters in the EU: the case of the Charter of Fundamental Rights. In: CHAPPELL, Louise; HILL, Lisa. (Eds.). *The Politics of Women's Interests: New Comparative perspectives*. Routledge: London, 2006.

HORII, Hoko. Child Marriage as a 'Solution' to Modern Youth in Bali. *Progress in Development Studies*, v. 20, n. 4, 2020a, p. 282–295.

_____. *Child marriage as a choice: rethinking agency in international human rights*. 2020c. Tese (Doutorado) – Instituto para Direito, Governança e Sociedade, Universidade de Leiden, Leiden, 2020.

_____. Walking a thin line: Taking children's decision to marry seriously? *Childhood*, v. 27, n. 02, 2020b, p. 01-17.

HRC. *Child, early and forced marriage in humanitarian settings*. UN, 2019. Disponível em: <https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Women/WRGS/HumanitarianSettings/NVChildMarriage_EN.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

_____. *Resolution adopted by the Human Rights Council on 22 June 2017*. OCHA, 2017. Disponível em: <https://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/ResS17_1.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2022.

HUFFINGTON POST. *Omaima Hoshan, cette "nouvelle Malala" se bat contre les mariages précoces en Syrie*. HUFFINGTON POST, 2016. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.fr/2016/05/06/malala-syrie-mariages-precoces_n_9819904.html>. Acesso em: 27 jan. 2022.

HUNT, Juliet. Introduction to gender analysis concepts and steps. *Development Bulletin*, n. 64, p. 100-106, 2004.

IASC. *The Inter-Agency Standing Committee*. IASC, 2021. Disponível em: <<https://interagencystandingcommittee.org/the-inter-agency-standing-committee>>. Acesso em: 18 set. 2021.

IMC; UNICEF. *Mental Health/Psychosocial and Child Protection Assessment for Syrian Refugee Adolescents in Za'atari Refugee Camp*. IMC; UNICEF, 2013. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/mental-healthpsychosocial-and-child-protection-assessment-syrian-refugee-adolescents>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

IRC. *Are we listening? Acting on our commitments to women and girls affected by the Syrian conflict*. IRC, 2014. Disponível em: <<https://www.rescue.org/report/are-we-listening-acting-our-commitments-women-and-girls-affected-syrian-conflict-0>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

IRIN. *Born into crisis: unwanted pregnancies in Syria*. IRIN, 2013. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/syrian-arab-republic/born-crisis-unwanted-pregnancies-syria>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

JAY, Hannah. *Child marriage within the global humanitarian system*. GNB, 2019. Disponível em: < <https://www.girlsnotbrides.org/learning-resources/resource-centre/child-marriage-within-the-global-humanitarian-system/>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

JIF. *Syrian refugees in Jordan: a protection overview*. JIF, 2018. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/syrian-refugees-jordan-protection-overview-january-2018>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

JOHN, Mary E.. *Child marriage in an international frame: a feminist review from India*. New York: Routledge, 2021.

JONES, Nicola *et al.*. Constrained choices: Exploring the complexities of adolescent girls' voice and agency in child marriage decisions in Ethiopia. *Progress in Development Studies*, v. 20, n. 4, 2020, p. 296–311.

JORDANIAN INGO FORUM. *Syrian refugees in Jordan: A protection overview*. JORDAN INGO FORUM, 2018. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/syrian-refugees-jordan-protection-overview-january-2018>>. Acesso em: 27 jan. 2022

KALPOKAITE, Neringa; RADIVOJEVIC, Ivana. Demystifying Qualitative Data Analysis for Novice Qualitative Researchers. *The Qualitative Report*, v. 24, n. 13, p. 44-57, 2019.

KEATING, Michael; DELLA PORTA, Donatella (Eds). *Approaches and Methodologies in the Social Science: a pluralista perspective*. In: KEATING, Michael; DELLA PORTA, Donatella. *How many approaches in the social sciences? An epistemological introduction*. Cambriadge: Cambriadge University Press, 2008.

KRAUSE, Ulrike; HASSEL, Susane. A Systems Approach to Child Protection: Does Theory Reflect Reality in Protracted Refugee Situations? In: ENSOR, Marisa; GOZDZIAK, Elzbieta M.. *Children and forced migration: Durable solution during transiet years*. Washington: Palgrave macmillan, 2016.

LEDWITH, Alison. *Zaatari: The Instant City*. Affordable Housing Institute, Boston, 2014. Disponível em: < <http://sigus.scripts.mit.edu/x/files/Zaatari/AHIPublication.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

LEE, Laurie. *Syrian refugees in Jordan: Living in limbo*. CARE, 2016. Disponível em: < <https://www.careinternational.org.uk/stories/syrian-refugees-jordan-living-limbo>>. Acesso em: 18 set. 2021.

LOKOT, Michelle *et al.*. Conceptualizing “agency” within child marriage: Implications for research and practice. *Child & Abuse*, v. 117, n. 1, 2021, p. 01-08.

MACHADO, Leda Maria Vieira. *Políticas públicas e gênero: a questão das necessidades práticas e estratégicas*. São Paulo: Editora FGV EAESP, 1997.

MARCH, Candida; SMYTH, Ines; MUKHOPADHYAY, Maitrayee. *A Guide to Gender-Analysis*. Oxford: Oxfam, 1999.

MARIE CLAIRE. *Réfugiées syriennes vendues à 16 ans*. MARIE CLAIRE, 2013. Disponível em: < <https://www.marieclaire.fr/refugiees-syriennes-vendues-a-16-ans,716529.asp/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

_____. *Living in Limbo: The Women of Jordan's Zaatari Refugee Camp*. MARIE CLAIRE, 2014. Disponível em: < <https://www.marieclaire.com/politics/news/a8967/women-jordan-zaatari-refugee-camp-living-in-limbo/>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

MIEDEMA, Esther *et al.*. The Struggle for Public Recognition: Understanding Early Marriage through the Lens of Honour and Shame in Six Countries in South Asia and West Africa. *Progress in Development Studies*, v. 20, n. 4, 2020, p. 328-346.

MIEDEMA, Esther; KOSTER, Winny; POUW, Nicky. Taking choice seriously: Emic understandings of decision-making about child marriage. *Progress in Development Studies*, v. 20, n. 4, 2020, p. 261–269.

MOLYNEUX, Maxine. Analysing Women's Movements. *Development and change*, v. 29, n. 01, 1998, p. 219-245.

_____. Justicia de Género, ciudadanía y diferencia em América Latina. In: PRIETO, Mercedes (ed). *Mujeres y escenarios ciudadanos*. Quito: FLACSO, 2008.

_____. Mobilization without Emancipation? Women's Interests, the State and Revolution Nicaragua. *Feminist Studies*, v. 11, n. 02, p. 227 – 254, 1985.

_____. *Women's Movements in International Perspective: Latin America and Beyond*. London: Palgrave Macmillan, 2001.

JHAPPAN, Radha. Post-Modern Race and Gender Essentialism or a Post-Mortem of Scholarship. *Studies in Political Economy*, v. 51, n. 1, p. 15–63, 1996.

MOMSEN, Janet. *Gender and Development*. New York: Routledge, 2010.

MOPIC. Jordan Response Plan for the Syria Crises 2020-2022. *Ministry of Planning and International Cooperation*, 2020. Disponível em: < <https://reliefweb.int/report/jordan/jordan-response-plan-syria-crisis-2020-2022>>. Acesso em: 17 set. 2021.

MOSER, Caroline O. N. *Gender Planning and Development: Theory, practice and training*. London: Routledge, 1993.

_____. Gender Planning in the Third World: Meeting Practical and Strategic Gender. *World Development*, v. 17, n. 11, p. 1799 – 1825, 1989.

ONU BRASIL. *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*. ONU BRASIL, 2021. Disponível em: < <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>>. Acesso em: 23 dezembro 2021.

NAOC. *Combating Gender-Based Violence in Zaatari Refugee Camp*. NAOC, 2013. Disponível em: < <https://natoassociation.ca/combating-gender-based-violence-in-zaatari-refugee-camp/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

OCHA. *Humanitarian response*. OCHA, 2021. Disponível em: <<https://www.humanitarianresponse.info/en/coordination/clusters/what-cluster-approach>>. Acesso em: 18 set. 2021.

_____. *Preventing and eliminating child, early and forced marriage*. HCR, 2014. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/EN/Issues/Women/WRGS/Pages/EarlyAndForcedMarriage.aspx>>. Acesso em 25 dez. 2021.

ONU MULHERES. *Restoring dignity and building resilience: monitoring report on un women's programming in Za'atari refugee camp*. ONU MULHERES, 2016. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2016/3/restoring-dignity-and-building-resilience-in-jordan>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

_____. *Syrian Women Refugees Stitch Together Trust and Hope*. ONU MULHERES, 2013. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/en/news/stories/2013/6/syrian-women-refugees-face-forced-early-marriages-and-restricted-mobility-un-women-report>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

OXAM. *La vie dans le camp de réfugiés de Zaatari, quatrième ville de Jordanie*. OXFAM, 2019. Disponível em: <<https://www.oxfam.org/fr/la-vie-zaatari-le-plus-grand-camp-de-refugie-e-s-syrien-ne-s-au-monde>>. Acesso em: 17 set. 2021.

QASMIYEH, Elena Fiddian. Ideal women, invisible girls? The challenges of feminist solidarity in the Sahrawi refugee camps. In: ROSEN, Rachel; TWAMLEY, Katherine. *Feminism and the politics of childhood: friends or foes*. London: UCL Press, 2018.

RAEMDONCK, An Van; REGT, Marina de. Early Marriage in Perspective: Practicing an Ethics of Dialogue with Syrian Refugees in Jordan. *Progress in Development Studies*, v. 20, n. 4, 2020, p. 312-327.

RAI, Shirin M. *The Gender of Development: Essays in hope and despair*. London: Zed Books, 2008.

ROSEN, Rachel; TWAMLEY, Katherine. Introduction The woman– child question: A dialogue in the borderlands. In: ROSEN, Rachel; TWAMLEY, Katherine. *Feminism and the politics of childhood: friends or foes*. London: UCL Press, 2018.

ROTH, Hanna; NIMEH, Zina; ZANKER-HAGEN, Jessica. *A mapping of social protection and humanitarian assistance programmes in Jordan: What support are refugees eligible for?*, 2017. Disponível em: <<https://odi.org/en/publications/a-mapping-of-social-protection-and-humanitarian-assistance-programmes-in-jordan/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAPIRO, Virginia. Research Frontier Essay: When Are Interests Interesting? The Problem of Political Representation of Women. *The American Political Science Review*, v. 78, n. 01, p. 701 – 716, 1981.

SALDAÑA, Johnny. *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. London: SAGE, 2009.

SAVE THE CHILDREN. TOO YOUNG TO WED: *The growing problem of child marriage: among Syrian girls in Jordan*. SAVE THE CHILDREN, 2014. Disponível em: <<https://resourcecentre.savethechildren.net/document/too-young-wed-growing-problem-child-marriage-among-syrian-girls-jordan>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SHON, Anna-Mara *et al.* Developing a camp performance indicator system and its application to Zaatari, Jordan. *Journal of Humanitarian Logistics and Supply Chain Management*, v. 1, n. 1, 2018.

SMITH, Merrynl. International citizenship and women's interests. In: CHAPPELL, Louise; HILL, Lisa. (Eds.). *The Politics of Women's Interests: New Comparative perspectives*. Routledge: London, 2006.

SMOOTH, Wendy. Standing for Women? Which Women? The Substantive Representation of Women's Interests and the Research Imperative of Intersectionality. *Politics and Gender*, v. 07, n. 03, p. 436 – 441, 2011.

SPHERE. *O Manual Esfera: Carta Humanitária e Normas Mínimas para Resposta Humanitária*. Sphere, 2018. Disponível em: <<https://spherestandards.org/wp-content/uploads/Sphere-Handbook-2018-BRPortuguese.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEGHTSOONIAN, Katherine. Disparate fates in challenging times: women's policy agencies and neoliberalism in Aotearoa/New Zealand and British Columbia. In: CHAPPELL, Louise; HILL, Lisa. (Eds.). *The Politics of Women's Interests: New Comparative perspectives*. Routledge: London, 2006.

THE GUARDIAN. *Rape and domestic violence follow Syrian women into refugee camps*. THE GUARDIAN, 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jul/25/rape-violence-syria-women-refugee-camp>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

THE NEW YORKER. *City of the Lost in the world's second-largest refugee camp, Syrians and that it's not easy to flee the war*. THE NEW YORKER, 2013. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2013/08/26/city-of-the-lost>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

TICKNER, J. Ann. What Is Your Research Program? Some Feminist Answers to International Relations Methodological Questions. *International Studies Quarterly*: Oxford, v. 49, p. 1-21, 2005.

TILTNES, Age A.; ZHANG, Huafeng; PEDERSEN, Jon. *The living conditions of Syrian refugees in Jordan: Results from the 2017-2018 survey of Syrian refugees inside and outside camps*. Government of Jordan, 2019. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/living-conditions-syrian-refugees-jordan-results-2017-2018-survey-syrian-refugees?gclid=CjwKCAjw->>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

TISDALL, E. Kay M.. Subjects with agency? Children's participation in family law proceedings. *Journal of Social Welfare and Family Law*, v. 38 n. 4, 2016, p. 362-379.

UNICEF; UNFPA. *Addressing child marriage in humanitarian settings*. UNFPA; UNICEF, 2021. Disponível em: < <https://www.unicef.org/documents/addressing-child-marriage-humanitarian-settings>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

UNHCR. *Operational data Port*. UNHCR, 2021a. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/situations/syria#_ga=2.204998160.1880869382.1619876912-421904027.1532018235>. Acesso em: 24 dez. 2021.

_____. *Refugee Camps*. UNHCR, 2021b. Disponível em: <<https://www.unrefugees.org/refugee-facts/camps/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

_____. *Global Trends: Forced Displacement in 2019*. UNHCR, 2020a. Disponível em: < <https://www.unhcr.org/flagship-reports/globaltrends/globaltrends2019/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

_____. *Jordan: Azraq refugee camp*. UNHCR, 2020b. Disponível em: < <https://reliefweb.int/report/jordan/unhcr-jordan-factsheet-azraq-refugee-camp-july-2020>>. Acesso em: 08 mai. 2021.

_____. *Jordan – Zaatari Refugee Camp*. UNHCR, 2020c. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/zaatari-refugee-camp-factsheet-july-2020>>. Acesso em: 08 mai. 2021.

_____. *Registered Syrians in Jordan 15 October 2019*. UNHCR, 2019a. Disponível em: < <https://reliefweb.int/report/jordan/registered-syrians-jordan-15-october-2019>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

_____. *2019 Progress Report: Regional Refugee and Resilience Plan in Response to the Syria Crisis January – June 2019*, 2019b. Disponível em: < <http://reporting.unhcr.org/syriasituation>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

_____. *Jordan: February Factsheet*. UNHCR, 2018a. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/FactSheetJordanFebruary2018-FINAL_0.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

_____. *Submission by the United Nations High Commissioner for Refugees For the Office of the High Commissioner for Human Rights' Compilation Report Universal Periodic Review: 3rd Cycle, 31st Session. JORDAN*. UNHCR, 2018b. Disponível em: < <https://www.refworld.org/docid/5b56fce37.html>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

_____. *Jordan Azraq Camp: April 2017*. UNHCR, 2017a. Disponível em: < <https://data2.unhcr.org/fr/documents/details/59761>>. Acesso: 17 set. 2021.

_____. *Assests of Refugees in Zaatari Camp: A profile of skills*. UNHCR, 2017b. Disponível em: < <https://reliefweb.int/report/jordan/assets-refugees-zataari-camp-profile-skills>>. Acesso em: 17 set. 2021.

_____. *Sexual and Gender-Based Violence against Refugees, Returnees and Internally Displaced Persons*. UNHCR, 2003. Disponível em:

<<https://www.unhcr.org/protection/women/3f696bcc4/sexual-gender-based-violence-against-refugees-returnees-internally-displaced.html>>. Acesso em: 21 jan. 2022.

UNHCR; UNFPA. *Jordan gbv ims task force 2019: annual report*. UNHCR, 2019. Disponível em: <<https://data2.unhcr.org/en/documents/details/75705>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UNHCR; UNFPA. *Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS): Annual Report 2018*. UNHCR, 2018. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/5ec7c1084.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UNHCR; UNFPA. *Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS): Annual Report 2016*. UNHCR, 2017. Disponível em: <<https://data2.unhcr.org/en/documents/download/56468>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UNHCR; UNFPA. *Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS): Annual Report 2015*. UNHCR, 2015. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/gender-based-violence-information-management-system-gbvims-annual-report-2015>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UNHCR; UNFPA. *Briefing note SGBV SWG Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS): End of Year Report 2014 Jordan*. UNHCR, 2014. Disponível em: <<https://data.unhcr.org/es/documents/download/45802>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

UNHCR; UNFPA; USCDPC; WRC. *Reproductive Health Services for Syrian Refugees in Zaatri Refugee Camp and Irbid City, Jordan: An Evaluation of the Minimum Initial Service Package March 17-22, 2013*. UNHCR; UNFPA; USCDPC; WRC, 2013. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Reproductive_Health_Services_for_Syrian_Refugees_in_Zaatri_Refugee_Camp_and_Irbid_City,_Jordan.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UNHCR; UNICEF; WFP. *Joint Assessment Review of the Syrian Refugee Response in Jordan*. UNHCR; UNICEF; WFP, 2014. Disponível em: <<https://data2.unhcr.org/en/documents/details/39484>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UNICEF. *Child marriage threatens the lives, well-being and futures of girls around the world*. UNICEF, 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/protection/child-marriage>>. Acesso em: 18 set. 2021.

_____. *Shattered lives: Challenges and Priorities for Syrian Children and Women in Jordan*. UNICEF, 2013. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/shattered-lives-challenges-and-priorities-syrian-children-and-women-jordan>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UN. *Issues of child, early marriage and forced marriage*. UN, 2020. Disponível em: <<https://digitallibrary.un.org/record/3883396>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

UNICEF; UNFPA; NHF. *Findings from the Inter-Agency Child Protection and Gender-Based Violence Assessment in the Za'atari Refugee Camp*. UNICEF; UNFPA; NHF, 2013. Disponível em: <<https://resourcecentre.savethechilidren.net/document/findings-inter-agency-child-protection-and-gender-based-violence-assessment-zaatari-refugee/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UNRIC. *Objetivo 5: Igualdade de género*. Disponível em: <<https://unric.org/pt/objetivo-5-igualdade-de-genero-2/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

VICKERS, Jill. The problem with interests: making political claims for ‘women’. In: CHAPPELL, Louise; HILL, Lisa. (Eds.). *The Politics of Women’s Interests: New Comparative perspectives*. Routledge: London, 2006.

WESTON, Phoebe. *Inside Zaatari refugee camp: the fourth largest city in Jordan*. The Telegraph, 05 agosto 2015. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/jordan/11782770/What-is-life-like-inside-the-largest-Syrian-refugee-camp-Zaatari-in-Jordan.html>>. Acesso em: 17 set. 2021.

WFP. *At the root of exodus: Food security, conflict and international migration*. WFP, 2017. Disponível em: <<https://www.wfp.org/publications/2017-root-exodus-food-security-conflict-and-international-migration>>. Acesso em: 17 set. 2021.

WRC. *Gender: The Humanitarian Response to the Syrian Refugee Crisis in Jordan*. WRC, 2014. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/jordan/unpacking-gender-humanitarian-response-syrian-refugee-crisis-jordan>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

YANNOULAS, Cristina Silvia; SILVA, Ismalia Afonso da. Necessidades práticas das mulheres x interesses estratégicos feministas (de gênero): revisitando a polêmica. *Feminismos*, v. 05, n. 02, p. 25 – 39, 2017.

YOUNG, Kate. Reflexiones sobre cómo enfrentar las necesidades de las mujeres. In: GUZMÁN, Virginia; PORTOCARRERO, Patricia; VARGAS, Virginia (Eds.). *Una nueva lectura: género en el desarrollo*. Flora Tristán: Lima, 1992.

YIN, Robert K.. *Case study research and applications: Design and Methods*. London: SAGE, 2018.

ZEHAVI, Ohad. Becoming-woman, becoming-child. In: ROSEN, Rachel; TWAMLEY, Katherine. *Feminism and the politics of childhood: friends or foes*. London: UCL Press, 2018.

APÊNDICE A – Tabela de documentos utilizados no primeiro e segundo ciclo da codificação sobre violência sexual e de gênero nos campos de refugiados sírios

Ano	#	Tipo de organização	Título	Organizações autoras
2012	1	OING	Violence against women in Syria: breaking the silence	FIDH
2013	2	OI	Mental Health/Psychosocial and Child Protection Assessment for Syrian Refugee Adolescents in Za'atari Refugee Camp	IMC UNICEF
	3	OI	Shattered lives: Challenges and Priorities for Syrian Children and Women in Jordan	UNICEF
	4	OI	Syrians flee violence and disrupted health services to Jordan	OMS
	5	OI	Gender-based violence and child protection among syrian refugees in Jordan, with a focus on early marriage	ONU Mulheres
	6	OI	Women and Girls Safe Space: A guidance note based on lessons learned from the Syrian crises	UNFPA
	7	OI	Joint Education Needs Assessment Zaatari Refugee Camp - Jordan - April 2013	UNICEF
	8	OI	Syrian Women Refugees Stitch Together Trust and Hope	ONU Mulheres
	9	ONU+	Findings from the Inter- Agency Child Protection and Gender-Based Violence Assessment in the Za'atari Refugee Camp	UNICEF UNFPA NFH
	10	ONU+	Reproductive Health Services for Syrian Refugees in Zaatri Refugee Camp and Irbid City, Jordan	UNHCR UNFPA USCDCP WRC
	11	OING	Jordanie: Les restrictions concernant les réfugiés venant de Syrie révèlent la charge endurée par les pays hôtes	Amnesty International
	12	OING	Migrantes syriennes victimes de viols et violences sexuelles	Amnesty International
	13	OING	Born into crisis: unwanted pregnancies in Syria	IRIN
	14	OING	Early marriage and harassment of Syrian refugee women and girls in Jordan	Amnesty International
	15	Mídia internacional	Réfugiées syriennes: vendues à 16 ans	Marie Claire
	16	Mídia internacional	No sanctuary for Syria's female refugees	CNN
	17	Mídia internacional	Rape and domestic violence follow Syrian women into refugee camps: Victims hide their shame to avoid being stigmatised for life after assaults by marauding gangs	The Guardian
	18	Mídia internacional	Combating Gender-Based Violence in Zaatari Refugee Camp	NAOC
	19	Mídia internacional	City of the lost: In the world's second-largest refugee camp, Syrians	The New Yorker
	20	Mídia internacional	Teenage Syrian refugees wed 'for protection': Girls as young as 14 are being married off, fearing attacks in the world's second-largest refugee camp.	Al-Jazeera
	2014	21	OI	Joint Assessment Review of the Syrian Refugee Response in Jordan
22		OI	Woman alone: the fight for survival by Syria's refugee women	UNHCR

	23	OI	Briefing note SGBV SWG - Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS) End of Year Report 2014	UNHCR UNFPA
	24	ONU+	Baseline Assessment of Child Labour among Syrian Refugees in Za'atari Refugee Camp - Jordan	UNICEF Save the Children
	25	OING	Unveiling Gender Based Violence against Syrian Women Refugees in Jordan and Lebanon	AWO
	26	OING	Are we listening? Acting on our commitments to women and girls affected by the Syrian conflict	IRC
	27	OING	Too Young to Wed: The growing problem of child marriage among Syrian girls in Jordan	Save the Children
	28	OING	Refugee Perceptions Study: Za'atari Camp and Host Communities in Jordan	OXFAM
	29	OING	Unpacking Gender: The Humanitarian Response to the Syrian Refugee Crisis in Jordan	WRC
	30	Mídia internacional	Living in Limbo: The Women of Jordan's Zaatari Refugee Camp	Marie Claire
	31	Mídia internacional	Combatting gender-based violence against Syrian refugees in Jordan and Lebanon	Daily Sabah
	32	Mídia internacional	Domestic Violence on the rise among Syrian Refugees	The New Yorker
2015	33	OI	Unpacking Gender: The Humanitarian Response to the Syrian Refugee Crisis in Jordan	WRC
	34	OI	Cash-for-work programme empowers Syrian refugees	ONU Mulheres
	35	OI	UN women's programme: Syria crisis response in Jordan	ONU Mulheres
	36	OI	Sexual and Gender-Based- Violence Refugees in Jordan in June 2015	UNHCR UNFPA
	37	OI	Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS) Annual Report 2015	UNHCR UNFPA
	38	ONU+	Independent Programme Evaluation (IPE) of UNHCR's Response to the Refugee Influx in Lebanon and Jordan	TRANSTEC UNHCR
	39	OING	Adolescent girls assessment: Needs, Aspirations, Safety and Access	IRC
	40	Mídia internacional	Financial burden, risk of violence pressure Syrian girls to marry	AI Monitor
	41	Mídia internacional	Marrying Syrians: Communication sites are witness to hell	AI Araby
2016	42	OI	Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS) Annual Report 2016	UNHCR UNFPA
	43	OI	Report of the Special Rapporteur trafficking in persons, especially women and children, on her mission to Jordan	HRC
	44	OI	Regional overview: responding to gender-based violence in the Syria crisis	UNFPA
	45	OI	Restoring dignity and building resilience: monitoring report on UN women's programming in Za'atari refugee camp	ONU Mulheres
	46	OI	Norwegian Refugee Council Jordan Youth Programme Evaluation	NRC
	47	Mídia Internacional	Omaima Hoshan, cette "nouvelle Malala" se bat contre les mariages précoces en Syrie	Huffington Post
2017	48	OI	Examining Barriers to Workforce Inclusion of Syrian Refugees in Jordan	ILO IFC
	49	OI	Gender-Based Violence Information Management System (GBVIMS) Annual Report 2017	UNHCR UNFPA

	50	OING	Creating Jobs for Syrian Refugees: A Case Study of the Jordan Compact	IRC
2018	51	OI	JORDAN GBV IMS Task Force Annual: Report 2018	UNHCR UNFPA
	52	OI	SGBV & Child Protection SWG Meeting Minutes 13.03.2018	UNHCR UNFPA
	53	OI	SGBVSWG - Gap Analysis 2017/2018	UNHCR UNFPA
	54	OI	UN WOMEN'S PROGRAMME: ZA'ATARI REFUGEE CAMP	ONU Mulheres
	55	OI	Regional situation report: for the syrian crisis	UNFPA
	56	OI	Prevention and Response to Sexual and Gender Based Violence (SGBV)	UNHCR
	57	OI	Syrian refugees in Jordan, A protection overview	Jordan INGO Forum
2019	58	OI	JORDAN GBV IMS TASK FORCE ANNUAL REPORT 2019	UNHCR UNFPA
	59	OI	Jordan – Zaatari Refugee Camp	UNHCR
	60	OI	Photo essay: Syrian women in Jordan share stories of war and hope	ONU Mulheres
	61	OI	Leave no adolescent behind: the gender- and age-specific vulnerabilities of adolescent refugees and IDPs	GAGE
2020	62	OI	Preliminary Analysis of Gender Based Violence trends during COVID 19	UNHCR UNFPA

APÊNDICE B – Tabela da categorização sobre casamento infantil nos campos de refugiados sírios

Grupo	Explicação	Categoria	Códigos	Localização	Informação	Código in vivo	Autor (a)	Ano
OI	1. Explicar local/perfil do CI	CI afeta meninas/adolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campos	CI representa maior número de CF afetando meninas de 15 a 17 anos em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Qualitativas	Child marriages made up the largest number of forced marriages, predominantly affecting girls of 15-17 years old (p. 06).	UNHCR UNFPA	2019
	1. Explicar local/perfil do CI	Meninas/adolescentes são as mais afetadas por CI em cidades/campos	CPSWG identifica que meninas foram mais afetadas por CI em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Overall, girls and boys were similarly represented while girls have been highest in cases reported of child marriage and boys were prominently reported as child labor cases; other child protection concerns included violence and/or neglect faced by children as well as children experiencing psychosocial needs (p. 05).	UNHCR UNFPA	2018
	1. Explicar local/perfil do CI	Meninas/adolescentes são as mais afetadas por CI em cidades/campos	SGIVG identifica que 97,8% das sobreviventes de CI foram meninas em 2018 em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Quantitativas	97,8% of child marriage survivors were women and girls (p. 06).	UNHCR UNFPA	2018
	1. Explicar local/perfil do CI	Meninas/adolescentes são as mais afetadas por CI em cidades/campos	CI é a principal forma de VSG que afeta adolescentes em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	According to GBV IMS data which have been consistent for the last 3 years, this [child marriage] is the main form of GBV affecting adolescent girls (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017

	5. Explicar denúncias/reclamos/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denuncia m/relatam CI	Refugiadas jovens (18-24) relataram sentir preocupadas sobre CI no Zaatari	Zaatari	Relato	Adolescents aged 15-24 years old make up 25% of the Za'atari camp's population. Multiple psychosocial issues have been reported for youth in the camp, among them are early marriages (in Syria, the legal age to marry is 16, but many marry as young as 13) [...] (p. 04).	IMC UNICEF	2013
	5. Explicar denúncias/reclamos/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denuncia m/relatam CI	Refugiadas jovens (18-24) relataram sentir preocupadas sobre CI no Zaatari	Zaatari	Relato	Frequently cited problems for younger women (age 18-24) in Za'atari camp [...] worry (about early marriage, disrupted school attendance, not knowing anything about Family back home) [...] (p. 35).	UNICEF	2013
	3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI enfrentam divórcio/CT de homens mais velhos/estrangeiros	Adolescentes relatam que sauditas as abandonam e se divorciam por telefone em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Relato	Divorced and widowed girls frequently report physical and emotional abuse perpetrated by their family members in the context of pressure to re-marry or stigma and discrimination from family of origin and forced marriage. This group includes cases of girls married with Saudi men who are divorced by telephone once the husband travels back to the country of origin (p. 09).	UNHCR UNFPA	2019
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Refugiado relatou presenciar homens sauditas/jordanos visitar o Zaatari para casarem temporariamente com meninas de menos de 13 anos.	Zaatari	Relato	One male participant from the Za'atari described how he had seen older Saudi and Jordanian men visit Za'atari camp with the intention of marrying Syrian girls as young as 13, sometimes they would leave with a bride and then come back to the camp to return her later.	ONU Mulheres	2013

1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Meninas refugiadas se casam com homens muito mais velhos na Jordânia	Jordânia	Informações Qualitativas	There is anecdotal evidence of a shift from girls marrying boys their own age in Syria to girls marrying much older men in Jordan (p. 14).	UNICEF	2013
1. Explicar local/perfil do CI	CI é ilegal na Jordânia	Casamento de menores de 15 anos é ilegal na Jordânia mas permitem em casos de gravidez	Jordânia	Informações Qualitativas	Marriages of girls below 15 years of age are illegal; however, judges can issue an exceptional marriage document if the child is pregnant to allow birth registration of newborn (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017
1. Explicar local/perfil do CI	CI afeta meninas/adolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campamentos	Jordânia permite que crianças entre 15 e 17 anos se casem	Jordânia	Informações Qualitativas	The legal framework in Jordan allows children between 15 and 17 years old to marry under exceptional circumstances; in practice, judges often allow these marriages (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017
1. Explicar local/perfil do CI	CI afeta meninas/adolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campamentos	CI afeta refugiadas sobretudo entre 15 e 17 anos em cidades/campamentos	Cidades/Campamentos	Informações Qualitativas	Child marriage has mostly affected Syrian refugee girls between the ages of 15 and 17, although some girls were also married by Sheikhs before they turned 15 years old (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017
1. Explicar local/perfil do CI	CI ocorre em cidades/campamentos na Jordânia	SGIVG indica que 43,7% das sobreviventes CI relataram que casamento ocorreu na Jordânia	Jordânia	Informações quantitativas com relato	Cases of early marriage reported by girls and boys happened in majority outside of Jordan (56.3%), and particularly in Syria (54.4%). Girls and boys reported having married in Jordan as well (43.7%) (p. 03).	UNHCR UNFPA	2014
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	SGIVG indica que 54,4% das sobreviventes CI relataram que casamento ocorreu na Síria	Síria	Informações quantitativas com relato	Cases of early marriage reported by girls and boys happened in majority outside of Jordan (56.3%), and particularly in Syria (54.4%). Girls and boys reported having married in Jordan as well (43.7%) (p. 03).	UNHCR UNFPA	2014

	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	Idade legal de casamento na Síria é de 16 anos, podendo meninas se casarem com 13 anos	Síria	Informações Qualitativas	Early marriage of girls under the age of 18 is practiced by many families in Syria where the legal age of marriage is 16 but where girls marry as young as 13.	UNICEF	2013
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	SGIVG indica que 13% dos casamentos na Síria antes do conflito eram de meninas menores de idade	Síria	Informações Quantitativas	This rate has further increased to 32% in the first quarter of 2014. In pre-war Syria, an average of 13% of marriages involved a person under 18.7(p. 02).	ACNUR UNFPA	2015
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	Sobreviventes de CI sofrem outras VSG em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	The GBVIMS data continues to suggest that survivors of child marriage are at risk of other types of SGBV (p. 04).	UNHCR UNFPA	2016
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 4% das sobreviventes de CI sofreram VF em cidades/campos em 2015	Cidades/Campos	Informações Quantitativas	Other types of SGBV reported by married children under the age of 18 in 2015, in addition to the forced marriage. During the reporting period, 4% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 2.5% reported psychosocial/emotional abuse, and 1.3% reported denial of resources (p. 03).	UNHCR UNFPA	2015
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	Sobreviventes de CI correm maior risco de sofrerem outras VSG em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	It is also important to highlight that survivors of early marriage are often at a higher risk of other types of SGBV (p. 02).	UNHCR UNFPA	2015
	1. Explicar local/perfil	CI é uma forma de CF/VSG	SGIVG considerada CI na categoria de CF	N/A	Informações Qualitativas	According to GBVIMS standard classification, incidents of early marriage are	UNHCR UNFPA	2015

	do CI					classified under the category “forced marriage”.		
	1. Explicar local/perfil do CI	CI é uma forma de CF/VSG	SGIVG considerada CI na categoria de CF	N/A	Informações Qualitativas	According to GBVIMS standard classification, incidents of child marriage are classified under the category “forced marriage.” (p. 03)	UNHCR UNFPA	2016
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	SGIVG indica que 54,4% dos CI em 2014 ocorreram na Síria	Síria	Informações Quantitativas	The majority of those happened outside of Jordan (56.3%), 54.4% of which happened in Syria (p. 02).	UNHCR UNFPA	2015
	1. Explicar local/perfil do CI	CI ocorre em cidades/campos na Jordânia	SGIVG indica que 32,7% das VSG foi CI em cidades/campos em 2013	Cidades/Campos	Informações Quantitativas	Out of all GBV incidents documented through the GBVIMS in 2014; a significant percentage (32.7%) is early marriage incidents (p. 02).	UNHCR UNFPA	2015
	3. Explicar consequências do CI	CI aumentou na comunidade síria refugiada na Jordânia	SGIVG indica que CI aumentou de 18% em 2012 para 32% em 2013 em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Quantitativas	Among Syrian refugees living in the country, the rate of child marriages has risen from 18% of total marriages in 2012 to 25% in 2013 (p. 02).	UNHCR UNFPA	2015
	3. Explicar consequências do CI	CI aumentou na comunidade síria refugiada na Jordânia	SGIVG indicou aumento de CI em cidades/campos em 2014	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	In 2014, the SGBV SWG has noted a sharp increase in early marriages of Syrians in Jordan (p. 01).	UNHCR UNFPA	2015
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Cônjuges/famíliares cometem CI/VE/VF como mecanismo de enfrentamento negativo devido a piora da situação econômica em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	In line with the high proportion of psychological/emotional abuse and physical assault reported by survivors, along with early/forced marriage, it is perhaps to be expected that virtually all perpetrators were intimate partner/former partners, primary caregivers, or family other than spouse/caregivers.	UNHCR UNFPA	2016

						Although this reflects global SGBV trends (survivors worldwide are more likely to be subjected to violence by close relatives), contributing factors in our context include the following elements: worsening of socioeconomic situation experienced by refugee families leading to increased tensions within the household which result in physical violence [...] deteriorating mental health situation among refugees due to experiencing or witnessing conflict related violence back in their country or origin and/or inability to cope with hardships of displacement in Jordan which result in negative coping mechanism such as child marriage or emotional/physical violence within the family (p. 05). (p. 05).		
2. Explicar causas do CI	CI é um mecanismo de enfrentamento negativo causado pela violência testemunhada no conflito	Cônjuges/familiares cometem CI/VE/VF como mecanismo de enfrentamento negativo devido a violência testemunhada no conflito em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	In line with the high proportion of psychological/emotional abuse and physical assault reported by survivors, along with early/forced marriage, it is perhaps to be expected that virtually all perpetrators were intimate partner/former partners, primary caregivers, or family other than spouse/caregivers. Although this reflects global SGBV trends (survivors worldwide are more likely to be	UNHCR UNFPA	2016	

						<p>subjected to violence by close relatives), contributing factors in our context include the following elements: worsening of socioeconomic situation experienced by refugee families leading to increased tensions within the household which result in physical violence [...] deteriorating mental health situation among refugees due to experiencing or witnessing conflict related violence back in their country or origin and/or inability to cope with hardships of displacement in Jordan which result in negative coping mechanism such as child marriage or emotional/physical violence within the family (p. 05). (p. 05).</p>		
2. Explicar causas do CI	CI é causado/e xacerbado pela condição de refúgio	Cônjuges/familiars cometem CI/VE/VF como mecanismo de enfrentamento negativo devido às dificuldades de deslocamento em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	<p>In line with the high proportion of psychological/emotional abuse and physical assault reported by survivors, along with early/forced marriage, it is perhaps to be expected that virtually all perpetrators were intimate partner/former partners, primary caregivers, or family other than spouse/caregivers. Although this reflects global SGBV trends (survivors worldwide are more likely to be subjected to violence by close relatives), contributing factors in our context include</p>	UNHCR UNFPA	2016	

						the following elements: worsening of socioeconomic situation experienced by refugee families leading to increased tensions within the household which result in physical violence [...] deteriorating mental health situation among refugees due to experiencing or witnessing conflict related violence back in their country or origin and/or inability to cope with hardships of displacement in Jordan which result in negative coping mechanism such as child marriage or emotional/physical violence within the family (p. 05).		
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Tradição/cultura como causa do CI em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Qualitativas	The main causes for child marriage, identified in focus groups were, traditions/culture, poverty, and broken homes/family disintegration (p. 09).	UNHCR UNFPA	2019	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Famílias permitem CI com medo de se envolver em relacionamentos extraconjugais em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Families believe that actual or perceived extra-marital relationships would bring shame to their families (p.08).	UNHCR UNFPA	2017	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI era uma prática tradicional prejudicial comum em Daraa antes do conflito	Síria	Informações Qualitativas	Child marriages were a common harmful traditional practice in Syria prior to the conflict, especially in rural areas in the southern, eastern and northern areas, including Daraa which is where the majority of refugees in Jordan	UNHCR UNFPA	2017	

						originate from (p.08).		
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	SGTVSG indica desafio de THs de prevenir CI devido a sua ampla aceitação cultural em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	The SGBV Sub-Working Group (SGBV SWG) conducted an assessment to identify capacity gaps for caseworkers who are in direct contact with survivors of early marriage. According to the assessment results, one of the biggest challenges faced by the caseworkers seeking to reduce or to respond to early marriage is how to intervene effectively in a private sphere issue that has broad cultural acceptance (p. 03).	UNHCR UNFPA	2015	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI é uma prática cultural aceita na comunidade síria	Jordânia	Informações Qualitativas	Early marriage is a culturally accepted practice for many Syrian refugees in Jordan (p. 01).	UNHCR UNFPA	2015	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI é uma prática cultural aceita na comunidade síria	Síria	Informações Qualitativas	Early marriage is considered an accepted practice in Syria[...] (p. 03).	UNHCR UNFPA	2014	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI era uma prática cultural aceita em áreas na Síria antes do deslocamento	Síria	Informações Qualitativas	[...] there is evidence that early marriage was already culturally accepted practice in certain parts of Syria (p. 08).	UNHCR UNFPA	2014	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Refugiadas relataram que CI na Jordânia é a continuação de uma	Jordânia	Relato	Some focus group participants also mentioned that forced marriage was common in Syria and continues here in	ONU Mulheres	2013	

		ma/costume social síria	prática comum síria			Jordan (p. 34).		
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI é praticado por muitas famílias sírias	Síria	Informações Qualitativas	Early marriage of girls under the age of 18 is practiced by many families in Syria where the legal age of marriage is 16 but where girls marry as young as 13.	UNICEF	2013	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI é uma prática cultural aceita na comunidade síria	Síria	Informações Qualitativas	Early marriage may be considered an accepted practice in some Syrian communities and therefore is either not considered as a form of violence by the affected population, or it does not always carry the same level of stigma as other types of SGBV (p. 03)	UNHCR UNFPA	2015	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Famílias permitem CI de adolescentes para proteger sua honra em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Some families decide to marry their adolescent daughters to preserve the family “honor” as they are concerned that girls might engage in extra-marital relationships (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Pobreza como causas do CI em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Qualitativas	The main causes for child marriage, identified in focus groups were, traditions/culture, poverty, and broken homes/family disintegration (p. 09).	UNHCR UNFPA	2019	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Falta de treinamento vocacional/oportunidades de emprego futuras para adolescentes contribuem ao CI	N/A	Informações Qualitativas	The lack of empowerment activities and vocational training, future employment opportunities for girls above 15 years old also indirectly contribute to fueling child marriage as girls do not have sustainable and concrete alternatives to marriage (p.08).	UNHCR UNFPA	2017	

	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Agravamento da situação socioeconômica leva famílias a permitirem CI como mecanismo de enfrentamento negativo em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Prolonged crisis and worsening socio-economic situation for Syrian refugees' families in Jordan forces many families to resort to child marriage as a negative coping mechanism; girls being perceived as an economic burden to the family (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Aumento CI devido falta de oportunidades econômicas no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	Incidents of domestic violence and early marriage are on the rise as well (p. 12).	ONU Mulheres	2016
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias permitem CI para aliviar dificuldades econômicas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Parents believe that marriage might secure a better future for their children and ease the financial burden on families who depend on humanitarian aid (p. 01).	UNHCR UNFPA	2015
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias permitem CI devido a perda de meios de subsistência gerada pelo conflito/deslocamento em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	There are indications that the current breakdown in social structures, loss of livelihoods and parental concerns over the ability to ensure their daughters' safety and security as a result of conflict and displacement may be exacerbating existing harmful cultural practices, including early marriage (p. 08).	ACNUR UNICEF WFP	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	CI podem aumentar conforme piora de situação econômica no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	[...] and early marriages may increase as the economic situation worsens (p. 14).	UNICEF	2013

	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Refugiadas relatam permitirem casamento de filhas para maior estabilidade financeira no Zaatari	Zaatari	Relato	Mothers stated that once married in the camp, daughters would likely become pregnant. Though mothers believed the camp was not a hospitable environment to have a baby, they believed their daughters would ultimately be safer and have a higher degree of financial stability (p. 17).	IMC UNICEF	2013
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	Refugiadas relatam consequências do CI aumento divórcio em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Relato	The consequences of child marriage have been recognised as: increased maternal and infant mortality; malnutrition [...] and increased domestic violence [...] [...] and divorce— the child divorce rate increased in 2017 compared to 2012, with the rate of divorce dependent upon the economic class of the family [...] (p. 09).	ACNUR UNFPA	2019
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	Refugiadas relatam consequências do CI aumento da VD em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Relato	The consequences of child marriage have been recognised as: increased maternal and infant mortality; malnutrition [...] and increased domestic violence [...] [...] and divorce— the child divorce rate increased in 2017 compared to 2012, with the rate of divorce dependent upon the economic class of the family [...] (p. 09).	UNHCR UNFPA	2019
	3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são submetidas a gravidez precoce/mortalidade infantil	Refugiadas relatam consequências do CI aumento da mortalidade materna/infantil em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Relato	The consequences of child marriage have been recognised as: increased maternal and infant mortality; malnutrition [...] and increased domestic violence [...] [...] and divorce— the child divorce rate increased in 2017	UNHCR UNFPA	2019

						compared to 2012, with the rate of divorce dependent upon the economic class of the family [...] (p. 09).		
3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são impedidas de acessar educação	Sobreviventes de CI são forçadas a desistir de seus estudos em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Child marriage has devastating consequences on girls: many are forced to give up their education and are subjected to early pregnancy which increases risks of maternal and child mortality as well as to intimate partner violence (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017	
3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são impedidas de acessar educação	Normas sociais impedem crianças de frequentar a escola após casadas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Once married, social norms prevent child spouse to attend school (p.08).	UNHCR UNFPA	2017	
3. Explicar consequências do CI	CI submetem meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	Sobreviventes de CI são submetidas a violência pelos cônjuges em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Child marriage has devastating consequences on girls: many are forced to give up their education and are subjected to early pregnancy which increases risks of maternal and child mortality as well as to intimate partner violence (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017	
3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são submetidas a gravidez precoce/mortalidade infantil	Sobreviventes de CI são submetidas aos riscos de mortalidade materna/infantil em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Child marriage has devastating consequences on girls: many are forced to give up their education and are subjected to early pregnancy which increases risks of maternal and child mortality as well as to intimate partner violence (p. 08).	UNHCR UNFPA)	2017	
3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são submetidas a gravidez	Sobreviventes de CI são submetidas à gravidez precoce em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Child marriage has devastating consequences on girls: many are forced to give up their education and are	UNHCR UNFPA	2017	

	CI	precoce/mortalidade infantil	pos			subjected to early pregnancy which increases risks of maternal and child mortality as well as to intimate partner violence (p. 08).		
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	Crise prolongada leva famílias a permitirem CI como mecanismo de enfrentamento negativo em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Prolonged crisis and worsening socio-economic situation for Syrian refugees' families in Jordan forces many families to resort to child marriage as a negative coping mechanism; girls being perceived as an economic burden to the family (p. 08).	UNHCR UNFPA	2017
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	Prolongamento da crise e aumento da insegurança social/financeira exacerbam CI como um mecanismo de enfrentamento negativo em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	The prolonged nature of the Syrian crisis and increasing social and financial insecurity can exacerbate pressures on families to adopt early marriage as a negative coping mechanism (p. 03)	UNHCR UNFPA	2015
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	CI é uma prática cultural aceita na comunidade síria	Síria	Informações Qualitativas	As Child marriage is considered as an accepted traditional practice in some Syrian communities, therefore it does not always carry the same level of stigma as other types of SGBV which facilitates disclosing	UNHCR UNFPA	2016
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	Prolongamento da crise e aumento da insegurança social/financeira exacerbam CI como um mecanismo de enfrentamento negativo	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	The prolonged nature of the Syrian crisis and increasing social and financial insecurity is exacerbating pressures on families to adopt child marriage as a negative coping mechanism (p. 04).	UNHCR UNFPA	2016

			em cidades/campos					
2. Explicar causas do CI	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	Famílias permitem CI devido ao colapso nas estruturas sociais geradas pelo conflito/deslocamento em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	There are indications that the current breakdown in social structures, loss of livelihoods and parental concerns over the ability to ensure their daughters' safety and security as a result of conflict and displacement may be exacerbating existing harmful cultural practices, including early marriage (p. 08).	UNHCR UNICEF WFP	2014	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	Desintegração/lares defeitos como causas do CI em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Qualitativas	The main causes for child marriage, identified in focus groups were, traditions/culture, poverty, and broken homes/family disintegration (p. 09).	UNHCR UNFPA	2019	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Taxas de CI são altas pois são identificadas pelo ACNUR no registro em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Survivors of child marriage are often identified by UNHCR during registration (or follow-up activities such as adding newborns in files). For these reasons, the percentages of forced marriage are relatively high compared to other type of SGBV incidents (p. 03).	UNHCR UNFPA	2016	
2. Explicar causas do CI	Refugiadas não consideram CI uma VSG	CI não é considerado uma forma de VSG para as refugiadas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Early marriage may be considered an accepted practice in some Syrian communities and therefore is either not considered as a form of violence by the affected population, or it does not always carry the same level of stigma as other types of SGBV (p. 03)	UNHCR UNFPA	2015	
2.	Refugiada	Refugiadas	Cidade	Inform	[...] and therefore is	UNHCR	2014	

	Explicar causas do CI	s não considera m CI uma VSG	não consideram CI como uma forma de VSG em cidades/campos	s/Camp os	ações Qualitativas	either not considered as a form of SGBV or does not usually carry the same level of stigma as other types of SGBV (p. 03).	UNICEF WFP	
	2. Explicar causas do CI	CI é causado para garantir segurança/proteção de meninas	Famílias permitem CI para garantir um futuro melhor para filhas em cidades/campos	Cidades/Camp os	Informações Qualitativas	Parents believe that marriage might secure a better future for their children and ease the financial burden on families who depend on humanitarian aid (p. 01).	UNHCR UNFPA	2015
	2. Explicar causas do CI	CI é causado para garantir segurança/proteção de meninas	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção gerada pelo conflito/deslocamento meninas em cidades/campos	Cidades/Camp os	Informações Qualitativas	There are indications that the current breakdown in social structures, loss of livelihoods and parental concerns over the ability to ensure their daughters' safety and security as a result of conflict and displacement may be exacerbating existing harmful cultural practices, including early marriage (p. 08).	UNHCR UNICEF WFP	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado para garantir segurança/proteção de meninas	Refugiadas relatam permitir casamento no Zaatari de filhas adolescentes pois teriam uma vida melhor sendo cuidadas por um homem	Zaatari	Informações Qualitativas	Moreover, parents reported concern for their children's safety. In one focus group, mothers reported overwhelming concern about their girl adolescents. They unanimously agreed that they wanted daughters to be married in the camp [Zaatari], believing life would be better if their daughters were taken care of by a man (p. 17).	IMC UNICEF	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado para garantir segurança/proteção de	Refugiadas relatam permitirem casamento de filhas pois estariam	Zaatari	Informações Qualitativas	Mothers stated that once married in the camp, daughters would likely become pregnant. Though mothers believed the camp was not a	UNICEF	2013

		meninas	mais seguras no Zaatari			hospitable environment to have a baby, they believed their daughters would ultimately be safer and have a higher degree of financial stability (p. 17).		
5. Explicar denúncias/reclamações/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denunciaram/relataram CI	Refugiadas relataram presenciarem/ouvir relatos de CI no Zaatari	Zaatari	Relato	Some of the other participants corroborated this account, stating that they had either witnessed similar occurrences during their time in the camp, or heard about them from family members in the camp (p. 34).	ONU Mulheres	2013	
5. Explicar denúncias/reclamações/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denunciaram/relataram CI	SGIVG identifica que 44,9% SVSG meninas denunciaram CI em 2019 em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Quantitativas	The main SGBV type faced by girls who were assisted by the GBV IMS Task Force members, was: child marriage (44.9%) (p. 06).	UNHCR UNFPA	2019	
5. Explicar denúncias/reclamações/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denunciaram/relataram CI	SGIVG identifica que 46.9% das VSG denunciadas pelas adolescentes foi CI em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Quantitativas	The main SGBV type faced by girls assisted by the GBV IMS Task Force members is child marriage (46.9%), followed by denial of resources, opportunities and services (p. 05).	UNHCR UNFPA	2018	
5. Explicar denúncias/reclamações/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denunciaram/relataram CI	SGIVG identifica que 69,2% das meninas SVSG denunciaram CI em cidades/campos em 2017	Cidades/Campos	Informações Quantitativas	As indicated in attached chart, the main SGBV type faced by girls assisted by the GBV IMS Task Force members is child marriage (69.2%), followed by physical assault and emotional abuse (p. 05).	UNHCR UNFPA	2017	
1. Explicar local/perfil do CI	CI é uma forma de CF/VSG	CI é a terceira VSG mais denunciada em 2017	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Forced marriage is the third most reported type of SGBV (p. 04).	UNHCR UNFPA	2017	

5. Explicar denúncias/reclusas/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denuncia m/relatam CI	SGIVG identifica que meninas casadas entre 15-19 denunciam mais VSG do que meninas abaixo dos 15	N/A	Informações Qualitativas	Older and married adolescent girls (15-19) are more likely to seek help in comparison to younger age groups (reporting emotional and physical abuse by the husband as well as incidents of forced marriage) (p. 09).	UNHCR UNFPA	2019
5. Explicar denúncias/reclusas/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denuncia m/relatam CI	SGIVG identifica que 18,2% das SVSG denunciaram CT/CI em cidades/campos em 2016	Cidades/Campos	Informações Quantitativas	[...] and forced marriage including child marriage (18.2%) (p. 04).	UNHCR UNFPA	2017
5. Explicar denúncias/reclusas/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denuncia m/relatam CI	SGIVG identifica que SVSG meninas denunciaram CI/abuso emocional/negação de recursos em 2019 em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Qualitativas	The main SGBV type faced by girls who were assisted by the GBV IMS Task Force members [...] followed by emotional abuse and denial of resources and opportunities (p. 06).	UNHCR UNFPA	2019
5. Explicar denúncias/reclusas/relato do CI	THs relatam preocupação com CI	ONU Mulheres relata especulação da mídia sobre mercados de CI/CT no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	There has been a great deal of media speculation about the frequency and nature of early marriage among Syrian refugees in Jordan, with some journalists providing stories of marriage markets in the Za'atari refugee camp, or of matchmakers who arrange temporary marriages between young Syrian brides and suitors from the Gulf (p. 30).	ONU Mulheres	2013
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 4,2% das sobreviventes de CI relataram VPE em cidades/campos em 2016	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	During the reporting period, 5.8% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 4.2% reported psychosocial/emotional abuse, 0.7% reported sexual assault, 0.6%	UNHCR UNFPA	2016

						reported denial of resources and 0.5% reported rape (p. 04).		
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 5,8% das sobreviventes de CI relataram VF em cidades/campos em 2016	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	During the reporting period, 5.8% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 4.2% reported psychosocial/emotional abuse, 0.7% reported sexual assault, 0.6% reported denial of resources and 0.5% reported rape (p. 04).	UNHCR UNFPA	2016	
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG indica que 1,1% das sobreviventes de CI relataram sofrer VS em cidades/campos em 2014	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	It is important to highlight that survivors of early marriage are often at a higher risk of other types of SGBV as denial of resources (5.1%), psychological/emotional abuse (4,5%), physical assault (4,3%), 1,1% (sexual violence) (p. 03).	UNHCR UNFPA	2014	
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG indica que 4,3% das sobreviventes de CI relataram sofrer VF em cidades/campos em 2014	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	It is important to highlight that survivors of early marriage are often at a higher risk of other types of SGBV as denial of resources (5.1%), psychological/emotional abuse (4,5%), physical assault (4,3%), 1,1% (sexual violence) (p. 03).	UNHCR UNFPA	2014	
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG indica que 4,5% das sobreviventes de CI relataram sofrer VPE em cidades/campos em 2014	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	It is important to highlight that survivors of early marriage are often at a higher risk of other types of SGBV as denial of resources (5.1%), psychological/emotional abuse (4,5%), physical assault (4,3%), 1,1% (sexual violence) (p. 03).	UNHCR UNFPA UNFPA	2014	

3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG indica que 5,1% das sobreviventes de CI relataram sofrer VE em cidades/campos em 2014	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	It is important to highlight that survivors of early marriage are often at a higher risk of other types of SGBV as denial of resources (5.1%), psychological/emotional abuse (4,5%), physical assault (4,3%), 1,1% (sexual violence) (p. 03).	UNHCR UNFPA	2014
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 2,5% das sobreviventes de CI relataram VPE em cidades/campos em 2015	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	Other types of SGBV reported by married children under the age of 18 in 2015, in addition to the forced marriage. During the reporting period, 4% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 2.5% reported psychosocial/emotional abuse, and 1.3% reported denial of resources (p. 03).	UNHCR UNFPA	2015
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 0,7% das sobreviventes de CI relataram AS em cidades/campos em 2016	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	During the reporting period, 5.8% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 4.2% reported psychosocial/emotional abuse, 0.7% reported sexual assault, 0.6% reported denial of resources and 0.5% reported rape (p. 04).	UNHCR UNFPA	2016
3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 0,6% das sobreviventes de CI relataram VE em cidades/campos em 2016	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	During the reporting period, 5.8% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 4.2% reported psychosocial/emotional abuse, 0.7% reported sexual assault, 0.6% reported denial of resources and 0.5% reported rape (p. 04).	UNHCR UNFPA	2016

	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 0,5% das sobreviventes de CI relataram estupro em cidades/campos em 2016	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	During the reporting period, 5.8% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 4.2% reported psychosocial/emotional abuse, 0.7% reported sexual assault, 0.6% reported denial of resources and 0.5% reported rape (p. 04).	UNHCR UNFPA	2016
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	SGIVG identifica que 1,3% das sobreviventes de CI relataram VE em cidades/campos em 2015	Cidades/Campos	Informações quantitativas com relato	Other types of SGBV reported by married children under the age of 18 in 2015, in addition to the forced marriage. During the reporting period, 4% reported physical assault (the most commonly experienced form of SGBV), while 2.5% reported psychosocial/emotional abuse, and 1.3% reported denial of resources (p. 03).	UNHCR UNFPA	2015
	5. Explicar denúncias/reclamas/re relato do CI	Refugiadas relatam CI pois não a consideram VSG	Refugiadas relatam mais CI pois não consideram uma VSG em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	For these reasons, incidents are relatively easily disclosed by survivors through safe spaces, registration, referral, outreach and protection monitoring (p. 03).	UNHCR UNFPA	2015
	5. Explicar denúncias/reclamas/re relato do CI	Refugiadas relatam CI pois não a consideram VSG	Refugiadas falam sobre CI pois não o consideram uma VSG em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	Due to the fact that early marriage does not usually carry the same level of stigma as other types of SGBV, survivors of early marriage disclosed this type of incidents relatively easily through safe spaces, registration, referrals, outreach and protection monitoring (p. 02).	UNHCR UNFPA	2015
	5. Explicar denúncias/reclamas/re relato do CI	Refugiadas relatam CI pois não a consideram	Refugiadas falam sobre CI pois não é carregado mesmo	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	As Child marriage is considered as an accepted traditional practice in some Syrian communities,	UNHCR UNFPA	2016

	casas/ relato do CI	m VSG	estigma que outras VSG em cidades/cam pos			therefore it does not always carry the same level of stigma as other types of SGBV which facilitates disclosing		
	4. Explicar programas/a ções/ monit oramento do CI	Mitigação de CI é prioridade	CPSWG identifica prevenção/ mitigação de CI como prioridade em cidades/cam pos	Cidade s/Camp os	Inform ações Qualita tivas	Prevention and responses to child marriage and child labor concerns will continue to be a major concern with structured response needed and stronger linkages shall be established to the national TFs in place for both concerns (p. 06).	UNHCR UNFPA	2013
	4. Explicar programas/a ções/ monit oramento do CI	Necessida de de informar/e mpoderam ento econômico para prevenir CI	ACNUR/PM A/UNICEF indicam necessidade de informar sobre riscos físicos/ psicológicos de CI por meio de grupos de apoio em cidades/cam pos	Cidade s/Camp os	Inform ações Qualita tivas	Facilitating integrated Peer Support Groups for information dissemination and conflict prevention will increase outreach to families and increase awareness about the physical and psychological risks of early marriage (p. 25-6).	UNHCR UNICEF WFP	2014
	4. Explicar programas/a ções/ monit oramento do CI	Necessida de de informar/e mpoderam ento econômico para prevenir CI	THs relatam necessidade de expandir atividades de empoderame nto econômico para adolescentes a fim de prevenir CI em cidades/Zaat ari/Azraq	Cidade s/Zaat ari/Azraq	Relato	Expand targeted empowerment activities for adolescent girls to provide concrete alternatives to child marriage (literacy classes, traineeships, peer led support groups etc.) (p. 06).	UNHCR UNFPA	2018
	4. Explicar programas/a ções/ monit oramento do CI	Dificultad e em medir CI no Zaatari	CI requer monitorame nto no Zaatari	Zaatari	Relato	The practice of early marriage requires careful, on-going monitoring (p. 14).	UNICEF	2013
	4. Explicar	Dificultad e em medir CI	CI requer monitorame nto no	Zaatari	Relato	The practice of early marriage requires careful, on-going	UNICEF	2013

	progr mas/a ções/ monit orame nto do CI	no Zaatari	Zaatari			monitoring (p. 14).		
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Dificuldade em medir CI no Zaatari	Dimensão de CI no Zaatari é desconhecida	Zaatari	Informações Qualitativas	The extent of early marriage of Syrian girls below the age of 18 is not known but requires careful, ongoing monitoring, particularly as economic conditions worsen (p. 10).	UNICEF	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Necessidade de monitorar CI à medida que as condições econômicas pioram	Necessidade de monitorar CI no Zaatari à medida que as condições econômicas pioram	Zaatari	Informações Qualitativas	The extent of early marriage of Syrian girls below the age of 18 is not known but requires careful, ongoing monitoring, particularly as economic conditions worsen (p. 10).	UNICEF	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Necessidade de monitorar CI à medida que as condições econômicas pioram	Relatórios documentam preocupação com CI no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	Reports document concern for youth from female-headed households and those without access to safe spaces, children exploited for labor, and early marriage (p. 04).	IMC UNICEF	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Sobreviventes de CI buscaram assistência	SGIVG identifica que 8% das adolescentes sobreviventes de CI buscaram ajuda em cidades/Zaatari/Azraq	Cidades/Zaatari/Azraq	Informações Quantitativas	In terms of child marriage, 8% of adolescent girls report as survivors of this traditional practice (p. 09).	UNHCR UNFPA	2019
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Sobreviventes de CI e VD tem dificuldade de acessar serviços	Dificuldade de sobreviventes de CI e VD acessarem serviços pois moram com o agressor em cidades/campo	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	In addition, since most survivors were subjected to child marriage and intimate partner violence, the fact that they live with the perpetrator is an additional hurdle for them to access services (p. 05).	UNHCR UNFPA	2016

OING	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	ONU Mulheres indica que famílias permitem CI devido a costumes sociais em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	According to a UN Women assessment focusing on early marriages among Syrian refugees in Jordan and which was published in July 2013, social customs and family “honour” still appear to be the main motivation behind Syrians marrying off their daughters when still children – factors which appear to be more significant than their current economic deprivation and poverty (sem paginação).	Amnesty International	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	ONU Mulheres indica que famílias permitem CI devido a honra familiar em cidades/campos	Zaatari	Informações Qualitativas	According to a UN Women assessment focusing on early marriages among Syrian refugees in Jordan and which was published in July 2013, social customs and family “honour” still appear to be the main motivation behind Syrians marrying off their daughters when still children – factors which appear to be more significant than their current economic deprivation and poverty (sem paginação).	Amnesty International	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	ONU Mulheres indica que famílias permitem CI devido a costumes sociais em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	The study found that social customs and the motive of preserving family honour are still among the main reasons prompting Syrians to marry off their daughters at a very early age (p. 06).	AWO	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume	ONU Mulheres indica que famílias permitem CI devido a honra	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	The study found that social customs and the motive of preserving family honour are still among the main reasons prompting	AWO	2014

		me social síria	familiar em cidades/campos			Syrians to marry off their daughters at a very early age (p. 06).		
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI é uma prática cultural aceita na comunidade síria	Síria	Informações Qualitativas	It should be pointed out here that early marriage is a prevalent and accepted phenomenon in the Syrian community [...] (p. 15).	AWO	2014	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Save the Children indica CI era uma prática cultural aceita na comunidade síria	Síria	Informações Qualitativas	Child marriage existed in Syria before the crisis – 13% of girls under 18 in Syria were married in 2011 (p. 01).	Save the Children	2014	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI está ligada aos papéis/designalidades tradicionais de gênero em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	However, while child marriage is often arranged in order to ‘protect’ girls, this motivation is often intimately linked to traditional gender roles and inequalities, where a girl’s value is largely determined by her upholding family honour, producing children and remaining within the home (p. 04-05).	Save the Children	2014	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	CI está ligada ao valor da menina determinado pela honra da família em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	However, while child marriage is often arranged in order to ‘protect’ girls, this motivation is often intimately linked to traditional gender roles and inequalities, where a girl’s value is largely determined by her upholding family honour, producing children and remaining within the home (p. 04-05).	Save the Children	2014	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social	ONU Mulheres indicam CI como prática cultural de regiões rurais da Síria	Síria	Informações Qualitativas	Studies by UN Women have shown that this is a cultural practice that many refugees brought with them from rural Syria. The custom often entailed both	WRC	2014	

		síria				men and women marrying at a young age (p. 11).		
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Anistia Internacional indica CI é uma tradição da população rural síria praticada no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	It is important to remember that getting married at a young age is a long-standing practice in Syria, particularly among the rural population. The refugees have simply imported this tradition to Jordan.	Amnesty International	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Refugiadas relatam que famílias permitem CI para melhorar a renda no Zaatari	Zaatari	Relato	Other Syrian women refugees I met in Za'atri camp – Jordan's biggest refugee camp, hosting around 130,000 people – also mentioned that some Jordanian men visit the camp looking for brides. Yet it appears that many of these men end up leaving the camp disappointed.	AWO	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias permitem CI devido a dificuldades econômicas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	There are a number of reasons why families are opting for child marriage for their daughters. As refugees, Syrian families are reliant on dwindling resources and are lacking economic opportunities (p.01).	Save the Children	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias permitem CI para aliviar dificuldades econômicas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Reducing the economic burden on families – by reducing the number of 'mouths to feed' in a household – has been identified as a motivating factor for families to seek marriages for daughters (p. 05)	Save the Children	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias permitem CI para aliviar dificuldades econômicas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	“There are indications that the current breakdown in social structures, loss of livelihoods and parental concerns over the ability to ensure their daughters' safety and	WRC	2014

						security as a result of conflict and displacement may be exacerbating existing harmful cultural practices, including early marriage.” (p. 11).		
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias relatam permitem CI para segurança social/financeira de suas filhas em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	In-depth qualitative interviews by Tdh revealed that for families, marriage seemed the only option for their daughters to be safe and provided for, even at 14 years old4 (p. 17).	Jordan INGO Forum	2018	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias relatam que permitem CI devido às necessidades econômicas em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	Some of the participants said they are now considering marrying their daughters earlier due to financial need (p. 17).	Jordan INGO Forum	2018	
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI pela insegurança/falta de privacidade	THs relatam que famílias permitem CI devido à falta de privacidade no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	According to discussions I had with UN and aid workers, in the Za’atri camp the almost non-existent privacy due to proximity between tents, as well as widespread gang activity and the lack of security have played a significant role in the continuation of this practice by the families living there (sem paginação).	Amnesty International	2013	
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI pela insegurança/falta de privacidade	THs relatam que famílias permitem CI devido à insegurança no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	According to discussions I had with UN and aid workers, in the Za’atri camp the almost non-existent privacy due to proximity between tents, as well as widespread gang activity and the lack of security have played a significant role in the continuation of this	Amnesty International	2013	

						practice by the families living there (sem paginação).		
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI pela insegurança/falta de privacidade	Famílias permitem CI para garantirem segurança das meninas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	“There are indications that the current breakdown in social structures, loss of livelihoods and parental concerns over the ability to ensure their daughters’ safety and security as a result of conflict and displacement may be exacerbating existing harmful cultural practices, including early marriage.” (p. 11).	WRC	2014	
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção contra VS	Famílias permitem CI para proteger meninas de VS nos campos	Campos	Informações quantitativas com relato	Particularly among those living in the camps, general insecurity and sexual harassment are commonly reported as reasons for arranging for girls to be married at a young age (p. 04).	Save the Children	2014	
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção contra VS	Famílias permitem CI para proteger meninas de VS em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Parents see child marriage as a way to protect their daughters – and their family’s honour – from possible sexual assault and other kinds of hardship. ²¹ This has been exacerbated by the conflict (p. 04).	Save the Children	2014	
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção contra VS	Famílias permitem CI para proteger meninas de VS em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	At the same time, they are all too aware of the need to protect their daughters from the threat of sexual violence. Given these pressures, some families consider child marriage to be the best way to protect their female children and ease pressures on the family resources (p. 01).	Save the Children	2014	
2. Explicar causas	CI é causado/e exacerbado pela	Refugiadas relatam CI de meninas comum	Zaatari	Relato	It was a clear from the focus groups at Zaatari camp that the marriage of young	AWO	2014	

	do CI	condição de refúgio	devido a situação do refúgio no Zaatari			girls and minors is a common issue facing Syrian refugees in view of the asylum circumstances (p. 15).		
	2. Explicar causas do CI	CI é causado/e xacerbado pela condição de refúgio	Famílias permitem CI para proteger meninas de VS em cidades/campos foi exacerbado pelo conflito	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Parents see child marriage as a way to protect their daughters – and their family’s honour – from possible sexual assault and other kinds of hardship. ²¹ This has been exacerbated by the conflict (p. 04).	Save the Children	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado/e xacerbado pela condição de refúgio	Conflito e deslocamentos exacerbam CI em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	“There are indications that the current breakdown in social structures, loss of livelihoods and parental concerns over the ability to ensure their daughters’ safety and security as a result of conflict and displacement may be exacerbating existing harmful cultural practices, including early marriage.” (p. 11).	WRC	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado/e xacerbado pela condição de refúgio	Famílias relatam que permitem CI devido às condições do refúgio em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	Most of the families interviewed explicitly said that they only agreed to marry their children before 18 because of the conditions they find themselves in exile (p. 17).	Jordan INGO Forum	2018
	2. Explicar causas do CI	CI é causado/e xacerbado pela condição de refúgio	Aprofundamento do conflito aumentou negociações de CI em cidades/campos	Zaatari	Informações Qualitativas	The deepening conflict has given a new sense of urgency and desperation to child marriage negotiations, which has weakened the thoroughness of the investigations Syrian families usually make into the character and background of potential husbands for their daughters (p. 06).	Save the Children	2014

	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela busca de uma vida fora dos campos	Refugiadas relatam que famílias permitem CI em busca de uma vida fora do Zaatari	Zaatari	Relato	While participants in other focus group mentioned that they heard about the marriage of girls and minors of 10 and 12 at Zatari camp with the aim of enabling the child's family to leave the camp and to live in other areas of the Kingdom, in addition to obtaining an additional income (p. 15).	AWO	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela busca de uma vida fora dos campos	Famílias permitem CI como oportunidade para saírem do Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	It was also reported that marriage of Syrian refugee women in Za'atari refugee camp to Jordanian husbands was viewed as a way of securing sponsorship that would allow her and her family to move out of the camp. Syrian girls and women living in camps in Jordan who marry men residing outside the camp are able to leave their camp and to live in a host community (p. 05).	Save the Children	2014
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	CI coloca meninas em risco de CT/ES nas cidades/Zaatari	Cidades/Zaatari	Informações Qualitativas	It should be pointed out here that early marriage is a prevalent and accepted phenomenon in the Syrian community, but such marriages of young girls in the country of refuge is considered an exploitation of the circumstances of the female and male refugees, especially when small girls and married to older man of various Arab nationalities for specific goals, such as temporary marriage or marriage for pleasure (p. 15).	AWO	2014

	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	Noivas menores de idade as colocam em risco de ES devido sua idade e status de refugiadas no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	The brides' young age and the perception of their inferior status as refugees put them at risk of sexual exploitation and other abuse within these marriages, some of which may be temporary (sem paginação).	Amnesty International	2013
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	CI aumenta ES contra meninas em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	A focus on short-term financial security, instead of on character and suitability, increases the risk of matches that put girls at risk and lead to sexual or other exploitation (p. 06).	Save the Children	2014
	3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são impedidas de acessar educação	"Juro por Deus, seu pai casou ela, a fez deixar a oitava série no seu primeiro dia de 16 anos, por causa do assédio verbal de seus colegas [no Zaatari]"	Zaatari	Depoimento	A Syrian mother from Zaatari refugee camp noted: 'I swear to God, her father married her, made her leave eighth grade ... her first day of 16 years, because of the verbal harassment of her peers' (p. 08).	GAGE	2019
	3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são impedidas de acessar educação	Meninas casadas têm mais probabilidade de abandonar escola em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	Girls' and women's roles may be restricted in many ways, such as decision-making on family issues, including household income, and their educational opportunities may be limited. Syrian married girls are more likely to drop out of school and not engage in work outside the home(p. 04-05).	Save the Children	2014
	5. Explicar denúncias/reclamos/relato	Refugiadas relatam ressentir imagem de meninas como	Refugiadas relatam ressentir a imagem de meninas como fáceis/baratas	Cidades/Campos	Relato	The report adds that women "resented the image being perpetuated of Syrian girls as 'easy and cheap' (p. 02).	Save the Children	2014

	do CI	fáceis e baratas para casar	s para casar em cidades/campos					
	3. Explicar consequências do CI	CI perpetua desigualdade de gênero	CI perpetua desigualdade de gênero em cidades/campos	Cidades/Campuses	Informações Qualitativas	Child marriage thus serves to perpetuate and reinforce gender inequality across a broad spectrum of a girl's rights (p. 05).	Save the Children	2014
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pelo colapso das estruturas sociais da crise prolongada	Famílias permitem CI devido ao colapso nas estruturas sociais em cidades/campos	Cidades/Campuses	Informações Qualitativas	"There are indications that the current breakdown in social structures, loss of livelihoods and parental concerns over the ability to ensure their daughters' safety and security as a result of conflict and displacement may be exacerbating existing harmful cultural practices, including early marriage." (p. 11).	WRC	2014
	3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são submetidas a gravidez precoce/mortalidade infantil	"[No Zaatari] Eu me casei aos 15 anos e fiz dois abortos ... não consegui pensar com clareza e não sabia se a culpa era minha. Agora tenho 19 anos com um bebê de nove meses, tive um parto muito difícil ... ainda sinto que sou jovem demais para ser mãe"	Zaatari	Depoimento	In Za'atari refugee camp, Jordan, one young woman told us: "I was married when I was 15 years and had two abortions...I was not able to think clear and did not know if it was my fault. I am 19 now with a nine-month-old baby, (I) had a very hard delivery... I still feel I am too young to be a mother." (p. 08).	Save the Children	2014
	2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção contra VS	"Eu queria fazê-la se casar só porque estou preocupada com ela, não porque	Zaatari	Depoimento	"I worry so much about my daughter and I thought maybe if she got married she would be well looked after. My husband is physically disabled	Save the Children	2014

			acredito em CI [no Zaatari]”			and I am so scared that he won't be able to protect or look after her. I wanted to make her get married just because I'm worried about her, not because I believe in early marriage at all.		
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Refugiadas relatam CI de meninas com homens sírios ou do golfo no Zaatari	Zaatari	Relato	Most of the participants mentioned that they had heard of a girl who was married as a child whether to a Syrian from inside the camp or from another Arabic country such as Saudi Arabia, Qatar and Kuwait (p. 15).	AWO	2014	
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	AWO relata grupos que negociam CI de meninas com homens do Golfo em cidades/Zaatari	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	There are groups that may be organized, working on proposing to Syrian women and girls by men from the Gulf like Qatar, Saudi Arabia and Kuwait (p. 14).	AWO	2014	
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Refugiadas relatam existir grupos que negociam CI de meninas com homens do Golfo no Zaatari	Zaatari	Relato	One of the participants remarked that she knows about a group of people who arrange such marriages to people from Qatar and Saudi Arabia by taking 500 JD from bridegroom and 200 JD from the bride's family in return for the efforts of arranging such marriages (p. 15)	AWO	2014	
1. Explicar local/perfil do CI	CI afeta meninas/adolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campos	Refugiadas relatam CI de meninas menores nas cidades/Zaatari	Cidades/Zaatari	Relato	GBV against Syrian refugee women in Jordan, from the point of view of the women can be summarized as temporary and forced marriage of girls and minors. (p. 37).	AWO	2014	
1. Explicar local/perfil do CI	CI ocorre em cidades/campos na Jordânia	OHS indicaram CI/AS em cidades/Zaatari	Cidades/Zaatari	Informações Qualitativas	The form of violence that came in after the 3 main forms of violence was the marriage of minors	AWO	2014	

	do CI					and sexual harassment		
	1. Explicar local/perfil do CI	CI afeta meninas/adolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campamentos	UNICEF relata que 25% das refugiadas noivas são menores de idade em cidades/campamentos	Cidades/Campamentos	Relato	Now, among Syrian refugees in Jordan – who are the main focus of this report – official statistics show that one in every four registered marriages is of a girl under the age of 18 (p. 03).	Save the Children	2014
	1. Explicar local/perfil do CI	CI ocorre em cidades/campamentos na Jordânia	OHS relatam CI no EJC	EJC	Informações Qualitativas	For example, in the Emirati Jordanian camp, INGOs report a prevalence of SGBV, including child marriage while no dedicated service providers is present (p. 17).	Jordan INGO Forum	2018
	1. Explicar local/perfil do CI	CI é ilegal na Jordânia	Lei jordana permite CI de meninas de 13 anos em algumas circunstâncias	Jordânia	Informações Qualitativas	Syria’s Personal Status Law allows, in some circumstances, for marriages of girls as young as 13 (sem paginação).	Amnesty International	2013
	3. Explicar consequências do CI	CI aumentou na comunidade de síria refugiada na Jordânia	CI aumentou em comunidade de refugiados em cidades/Zaatari	Cidades/Campamentos	Informações Qualitativas	But now, three years into the conflict, official statistics show that among Syrian refugee communities in Jordan, child marriage has increased alarmingly, and in some cases has doubled (p. 01).	Save the Children	2014
	3. Explicar consequências do CI	CI aumentou na comunidade de síria refugiada na Jordânia	CI aumentou de 12% em 2011 na Síria para 25% em 2013 em cidades/Zaatari	Cidades/Zaatari	Informações Qualitativas	In Jordan, the proportion of registered marriages among the Syrian refugee community where the bride was under 18 rose from 12% in 2011 (roughly the same as the figure in pre-war Syria) to 18% in 2012, and as high as 25% by 2013 (p.01).	Save the Children	2014
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	Save the Children indica que 13% de casamentos na Síria foram de	Síria	Informações Qualitativas	Child marriage existed in Syria before the crisis – 13% of girls under 18 in Syria were married in 2011 (p. 01).	Save the Children	2014

			meninas menores de idade					
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	Anistia Internacional indica que refugiadas de Daraa tendem a se casar com menos de 18 anos	Síria	Informações Qualitativas	It is true that Syrian refugee women and girls in Jordan – most of whom are from the southern Syrian governorate of Dera'a – tend to marry under the age of 18 (sem paginação).	Amnesty International	2013	
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	Anistia Internacional indica refugiadas que se casaram ainda crianças na Síria	Síria	Informações Qualitativas	While we were in Jordan, my colleagues and I met a number of women refugees of different age groups who were children when they got married back in Syria (sem paginação).	Amnesty International	2013	
1. Explicar local/perfil do CI	Meninas/adolescentes se preocupam mais com CI no Zaatari do que homens	Refugiadas relatam que é mais provável que mulheres e meninas tenham preocupações com CI em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	Focus group discussions indicate that women and girls are more likely to have concerns about girls getting married at a young age, but these concerns are often overruled by fathers who are much more likely to be in favour of child marriage. It is important to acknowledge the variation in these attitudes though, with some fathers rejecting child marriage for their daughters (p. 05).	Save the Children	2014	
1. Explicar local/perfil do CI	Meninas/adolescentes se preocupam mais com CI no Zaatari do que homens	Refugiados relatam que pais tem maior probabilidade de favorecer CI em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	[...] But these concerns are often overruled by fathers who are much more likely to be in favour of child marriage (p. 05).	Save the Children	2014	

	5. Explicar denúncias/recusas/relato do CI	Famílias/meninas recusam CI	ACNUR relata que refugiadas recusam CI em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	While child marriage has been increasing among Syrian refugees in Jordan, there is also determined resistance within families. A recent report by UNHCR, ¹⁴ which looks at the situation of Syrian refugee women who are running households on their own in Jordan, Lebanon and Egypt, revealed mothers' resolute rejection of child marriage. Thirteen women reported receiving marriage proposals for their underage daughters (out of 135 women interviewed), but all refused (p. 02).	Save the Children	2014
	5. Explicar denúncias/recusas/relato do CI	Famílias/meninas recusam CI com homens fora da comunidade de síria	"Também há exploração. Uma vez eu estava andando com meu pai no mercado [Zaatari]. Um homem saudita parou o carro e chamou meu pai. Eu posso levar você e sua família, alugar uma casa para você e sua família, se você concordar com o meu casamento com sua filha, meu pai recusou"	Zaatari	Depoimento	"There is exploitation too. Once I was walking along with my father in the market. A Saudi man stopped his car and called to my father. I can take you and your family out of the camp. I can rent a house for you and your family if you agree to my marriage to your daughter, My father refused" (p. 15).	AWO	2014
	5. Explicar denúncias/recusas/relato do CI	Famílias/meninas recusam CI por serem muito	"Não deixarei que minha filha se case com a pessoa errada,	Zaatari	Depoimento	"I will not let my daughter get married to the wrong person, even if we end up staying in this camp for 20 years. She	Save the Children	2014

	relato do CI	novas	mesmo que acabemos ficando neste campo por 20 anos. Ela não se casará, a menos que um cavalheiro faça uma proposta e quando tiver pelo menos 22 anos de idade"			won't get married unless a gentleman proposes to her, and when she's at least 22 years old" (p. 09)		
	5. Explicar denúncias/recusas/relato do CI	Famílias/meninas recusam CI por serem muito novas	ACNUR relata que refugiadas recusam casar filhas por serem novas e por terem que estudar em cidades/campos	Cidades/Campos	Relato	Among the reasons mothers gave were that their daughters were too young and that they wanted their daughters to complete their education.	Save the Children	2014
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	OHs relatam CI temporário entre refugiadas e jordanos/sauditas com grande diferença de idade nos campos	Campos	Informações Qualitativas	Organizations working in the field have reported cases of temporary marriage between Syrian girls and Jordanian and Saudi men with a significant age difference (p. 06).	AWO	2014
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	"Eu ouvi muitos casos de homens sauditas que vêm[no Zaatari] e levam as meninas por um mês ou dois e depois deixe-os aqui e volte para a Arábia Saudita. Conheço uma família que casou suas duas filhas com velhos sauditas de	Zaatari	Depoimento	I heard of many cases of Saudi men who come and take the girls for a month or two and then leave them here and return to Saudi Arabia. I know a family who married their 2 daughters to old Saudi men of 60 and 70, but one of them is going to get a divorce now" (p. 15)	AWO	2014

			60 e 70 anos, mas uma delas vai se divorciar agora"					
4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS realizam treinamentos sobre CI com comunidade de síria	Desenho de menina feito em workshop sobre perigos e conscientização do CI no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	The girl is saying, "Daddy, where is this man taking me? Is it to the park?" The scroll that the man on the left is holding says 'Marriage Certificate'. The illustrations in this briefing are from a series of caricatures drawn by girls who attended sessions at a youth centre in Za'atari refugee camp. The sessions were held to raise awareness of the dangers of child marriage (p. 01).	Save the Children	2014	
4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS realizam treinamentos sobre CI com comunidade de síria	ACNUR fornece treinamentos para líderes religiosos denunciarem CI no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	There are cultural and logistical challenges around registration of marriages that organizations are only now beginning to address. UNHCR has done work with the sheikhs inside the Zaatari camp, providing training on mandatory reporting of underage marriages (p. 12).	WRC	2014	
4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Refugiadas/famílias mudam de ideia sobre CI devido a treinamentos de OHS	Refugiada muda de ideia sobre CI em sessão de conscientização de OHS no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	Zada changed her mind about marrying her daughter off at a young age after participating in awareness-raising sessions at an activity centre run by Save the Children and UNICEF in Za'atari refugee camp (p. 09)	Save the Children	2014	
4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Refugiadas/famílias mudam de ideia sobre CI devido a treinamentos de OHS	"Nossos vizinhos noivaram a filha de 13 anos e, quando soube das notícias, fui falar com eles. Contei	Zaatari	Depoimento	Our neighbors had engaged their 13-year-old daughter and when I heard the news I went to speak with them. I told them what I had learned at the [IRC] women's center—that she wasn't	IRC	2014	

			<p>a eles o que havia aprendido no centro de mulheres do [IRC] - que ela não era física ou mentalmente madura, que seria uma grande desvantagem se ela se casar tão jovem. Eles mudaram de idéia e romperam o noivado - o pai dela ficou tão aliviado que comemorou comprando doces para todos. Agora a mãe e a filha chegam ao centro. A filha é como uma pessoa diferente - ela saiu de sua concha - ela é extrovertida e confiante"</p>			<p>physically or mentally mature, that it would be a huge disadvantage for her to be married so young. They changed their mind and broke the engagement—her father, in fact, was so relieved he celebrated by buying everyone sweets. Now the mother and daughter come to the center. The daughter is like a different person—she has come out of her shell—she is outgoing and confident. (p. 13).</p>		
4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Refugiadas/famílias mudam de ideia sobre CI devido a treinamentos de OHs	<p>“Aqui no centro de atividades [no Zaatari], eles realizaram sessões de conscientização sobre os perigos do casamento infantil. Vi o impacto do casamento precoce nas meninas do campo ou do centro"</p>	Zaatari	Depoimento	<p>“Here at the activity centre they carried out awareness-raising sessions on the dangers of early marriage. I have seen the impact of early marriage on girls from the camp or at the centre”(p. 09).</p>	Save the Children	2014	
4. Explicar programas	OHs realizam treinamentos sobre	UNFPA realiza seminários sobre CI no	Zaatari	Informações Qualitativas	For example, UNFPA holds seminars about early marriage and family planning	IRIN	2013	

	mas/ações/monitoramento do CI	CI com comunidade de síria	Zaatari			methods in the camp.		
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS realizam treinamentos sobre CI com comunidade de síria	UNFPA/IRC oferecem atividades de conscientização para refugiadas sobre CI/AS em cidades/campos	Cidades/Campos	Informações Qualitativas	One group of girls chose to work on early marriage and another on sexual harassment; they wrote the film script and created the drawings to produce a two-minute film on each issue (p. 17).	WRC	2014
	1. Explicar local/perfil do CI	CI afeta meninas/adolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campos	Refugiadas relatam ter testemunhado o CI de meninas de 12-13 anos com sírios/jordanos/Golfo no Zaatari	Zaatari	Relato	Most women in the focus groups know girls, from Zaatari camp and outside it, who were married at the age of 12 and 13 years either to their Syrian relatives or to individuals from local community or to Saudis and Qataris who came to Jordan "to help Syrian refugees" (p. 15).	WRC	2014
ONU+	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	OHS no Zaatari relataram CI como prática cultural aceita na comunidade síria	Síria	Relato	Service providers in the camp have been aware of the issue of early marriage since the onset of the emergency, as marriage under the age of 18 is a culturally accepted practice among the Syrian community (p. 26).	UNICEF UNFPA NFH	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Refugiadas no Zaatari relataram CI um costume na Síria	Zaatari	Informações Qualitativas	Traditional marriage customs including early marriage were highlighted by the KI and reiterated in FGD sessions (p. 26).	UNICEF UNFPA NFH	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	CI aumenta perigos contra meninas devido a emergência e as dificuldades econômicas	Zaatari	Informações Qualitativas	As the emergency situation continues and the burden of economic hardship worsens, these threats to early marriage have the potential to increase and compromise girls'	UNICEF UNFPA NFH	2013

			pioram no Zaatari			rights and quality of life (p. 27).		
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Refugiadas relataram testemunhar famílias que casaram meninas devido às condições financeiras no Zaatari	Zaatari	Relato	[...] although a few groups mentioned that men from other countries were coming into the camp to marry young girls and fathers were allowing their daughters to marry to ease some of the economic hardships of refugee life (p. 21).	UNHCR UNFPA USCDP WRC	2013
	3. Explicar consequências do CI	CI submete meninas ao aumento de outras VSGs pelos cônjuges	Refugiadas meninas relataram problemas no físico/psicológico de sobreviventes de CI no Zaatari	Zaatari	Relato	In the FGDs, some girls also pointed out the difficulties of early marriage and why this practice is disadvantageous to a girl's physical and psychological development (p. 27).	UNICEF UNFPA NFH	2013
	3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI são submetidas a gravidez precoce/mortalidade infantil	“Eu era casada quando tinha 15 anos e fiz dois abortos... Não consegui pensar com clareza e não sabia se a culpa era minha. Tenho 19 anos agora com um bebê de 9 meses, tive um parto muito difícil... Ainda sinto que sou jovem demais para ser mãe [no Zaatari]”	Zaatari	Depoimento	“I was married when I was 15 years and had two abortions...I was not able to think clear and did not know if it was my fault. I am 19 now with a 9 months baby, (I) had a very hard delivery....I still feel I am too young to be a mother.” (p. 27).	UNICEF UNFPA NFH	2013
	2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para que meninas não sejam	"Os pais estão casando com as meninas porque querem que	Zaatari	Depoimento	As some of the women described in camp: “The fathers are marrying off the young girls as they want the girls to be	UNCHR UNFPA USCDP WRC	2013

	mais seu problema	as meninas sejam o problema de outras pessoas [no Zaatari]"			other people's problem." (p. 21).		
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	Refugiadas relatam que casamento entre 15-18 anos é normal na Síria	Síria	Relato	15-18 years of age is considered the normal age range for females to get married in the Syrian community, while 18-25 is the normal age for males (p. 04).	UNICEF UNFPA NHF	2013
5. Explicar denúncias/recusas/retrato do CI	Famílias/meninas recusam CI com homens fora da comunidade de síria	Refugiadas relatam rejeitarem CI com homens de fora da comunidade por serem desonrosos no Zaatari	Zaatari	Relato	There is a general agreement amongst respondents that families seem inclined to delay marriage of their girls due to the unstable environment and generally tend to reject marriage offers from outsiders because they believe these proposals are presented in a dishonourable way (p. 04).	UNICEF UNFPA NHF	2013
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	UNICEF identificou que 13% das refugiadas se casaram antes dos 18 anos na Síria	Síria	Informações Quantitativas	The 2009 UNICEF Situation Analysis of Children in Syria (SITAN) noted that 13% of women between the age of 20 and 24 had married before the age of 18 in Syria.	UNICEF UNFPA NHF	2013
1. Explicar local/perfil do CI	CI é ilegal na Jordânia	CI é ilegal mas casos excepcionais podem ser aprovados na Jordânia	Jordânia	Informações Qualitativas	Marriage under the age of 18 in Jordan is illegal, however under certain conditions it can be approved by a court (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013
1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	7% das refugiadas no Zaatari relataram conhecer meninas casadas com homens não-sírios	Zaatari	Informações quantitativas com relato	However, FGD sessions, particularly with girls and women uncovered that girls receive marriage proposals from Jordanian men and Jordanian mothers who want to marry their sons to Syrian girl [...] most of which are reportedly refused. In fact, only two (7%) KI reported	UNICEF UNFPA NHF	2013

						knowing of girls who were married outside the Syrian community (p. 27).		
1. Explicar local/perfil do CI	CI entre 13-18 é um costume/socialmente aceito na comunidade de síria	Refugiadas no Zaatari relatam ser socialmente aceitável casamento de meninas (15-18)	Zaatari	Relato	The majority of the KI believed that the socially acceptable age for marriage for girls within the Syrian community is 15-18 years (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013	
1. Explicar local/perfil do CI	CI entre 13-18 é um costume/socialmente aceito na comunidade de síria	Refugiadas no Zaatari relataram não considerar casamento entre 15 a 18 como CI	Zaatari	Relato	This is generally regarded as the accepted age range for marriage in Syria and therefore it is not necessarily considered as early marriage (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013	
1. Explicar local/perfil do CI	CI entre 13-18 é um costume/socialmente aceito na comunidade de síria	Refugiados no Zaatari relataram ser normal casamento de meninas a partir dos 13 anos	Zaatari	Relato	In FGDs, males including adolescent boys confirmed that the age considered normal for marriage for a girl ranged from 13 years and above (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013	
1. Explicar local/perfil do CI	CI entre 13-18 é um costume/socialmente aceito na comunidade de síria	Refugiadas no Zaatari relataram ser normal que homens se casam entre 18 e 25 anos	Zaatari	Relato	Both KI and FGD interviewees affirmed boys were married mainly between the ages of 18-25 years. It was raised in a FGD session that boys were generally engaged after their military service, which is usually when they are 18 years old (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013	
1. Explicar local/perfil do CI	CI entre 13-18 é um costume/socialmente aceito na comunidade de síria	Refugiadas de Irbid/Zaatari relataram média de idade para meninas se casarem é entre 13-20	Irbid/Zaatari	Relato	The participants in Zaatri and Irbid noted that the most common age to marry was approximately 15, with a range from 13 to 20, depending on the area of Syria in which they had previously resided (p. 21).	UNHCR UNFPA USDCDP WRC	2013	
1. Explicar local/perfil do CI	Idade de casamento se manteve/aumentou no deslocamento	Refugiadas de Irbid/Zaatari relataram que idade de casamento não se alterou no	Irbid/Zaatari	Relato	Most felt that the age of marriage had not changed since displacement although a few groups mentioned that men from other countries were	UNHCR UNFPA USDCDP WRC	2013	

			deslocamento			coming into the camp to marry young girls and fathers were allowing their daughters to marry to ease some of the economic hardships of refugee life (p. 21).		
1. Explicar local/perfil do CI	Idade de casamento se manteve/aumentou no deslocamento	“Quando estávamos na Síria, 15 [anos] eram aceitos para uma menina se casar e se ela tem 18 anos e ainda não é casada, as pessoas vão começar a falar mal dela, mas agora no campo depois dos 20 é uma boa idade [no Zaatari]”	Zaatari	Depoimento	“When we were in Syria, 15 was accepted for a girl to get married and if she is 18 and not married yet, people will start talking badly about her, but now in the camp after 20 is a good age (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013	
5. Explicar denúncias/reclusas/relato do CI	Famílias/meninas recusam CI por serem muito novas	"Aprendemos agora que o casamento precoce é negativo, porque uma criança nunca pode criar uma criança [no Zaatari]. De 16 a 20 anos é a idade para uma jovem viver e é seu direito pensar como uma menina"	Zaatari	Depoimento	“We learned now that early marriage is negative, because a child can never raise a child. “From 16 – 20 years is the age for a young girl to live and it is her right to think as a girl.” (p. 27).	UNICEF UNFPA NHF	2013	
5. Explicar denúncias/reclusas/relato do CI	SVSG/Meninas/Adolescentes denunciaram/relataram CI	Refugiadas relatam ter testemunhado o CI no Zaatari	Zaatari	Relato	[...] some respondents reported being aware of a few cases (p. 04).	UNICEF UNFPA NHF	2013	
5. Explicar	Famílias/meninas	Refugiadas relatam	Zaatari	Relato	There is a general agreement amongst	UNICEF UNFPA	2013	

	ar denúncias/recusas/retrato do CI	recusam CI com homens fora da comunidade de síria	rejeitarem CI com homens de fora da comunidade devido a instabilidade no Zaatari			respondents that families seem inclined to delay marriage of their girls due to the unstable environment and generally tend to reject marriage offers from outsiders because they believe these proposals are presented in a dishonourable way (p. 04).	NHF	
	5. Explicar denúncias/recusas/retrato do CI	Refugiadas relatam conhecer casos de CI de meninas	39% das refugiadas relataram conhecer meninas casadas com menos de 18 anos no Zaatari	Zaatari	Informações quantitativas com relato	Five (19%) respondents said they personally knew of 1-2 girls while another five (19%) said they knew of 2-5 girls all under the ages of eighteen who were either married or planning to get married in the camp (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013
	5. Explicar denúncias/recusas/retrato do CI	Famílias/meninas recusam CI com homens fora da comunidade de síria	Refugiadas relataram que meninas recebiam e recusavam propostas de homens jordanos no Zaatari	Zaatari	Relato	However, FGD sessions, particularly with girls and women uncovered that girls receive marriage proposals from Jordanian men and Jordanian mothers who want to marry their sons to Syrian girls [...] (p. 27).	UNICEF UNFPA NHF	2013
	5. Explicar denúncias/recusas/retrato do CI	Refugiadas relatam conhecer casos de CI de meninas	Refugiadas relatam não ter testemunhado CI no Zaatari	Zaatari	Relato	While the majority of the respondents did not know of any children from the camp that have married or were planning to get married since the opening of the camp [...] (p. 04)	UNICEF UNFPA NHF	2013
	5. Explicar denúncias/recusas/retrato do CI	Refugiadas não conhecem casos de CI de meninas	59% das refugiadas relataram não conhecer meninas casadas com menos de 18 anos no Zaatari	Zaatari	Informações quantitativas com relato	Sixteen (59%) KI respondents did not know of any girl under the age of 18 who was married or was planning to marry since after arrived in Za'atari Camp (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013
	5. Explicar	Famílias/meninas recusam	Refugiadas relatam rejeitarem	Zaatari	Relato	While FGD highlighted that offers to take girls	UNICEF UNFPA NHF	2013

	denúncias/reclusas/relato do CI	CI	ofertas de CI no Zaatari			out of the camp are usually connected to marriage proposals, there is a general sense that in the majority of cases these offers are not accepted (p. 16).		
	5. Explicar denúncias/reclusas/relato do CI	THs relatam preocupação com CI	THs relatam que CI é uma preocupação no Zaatari	Zaatari	Relato	One UN key informant said that early marriage in camp is a concern and that they have been told men from other countries come into the camp to look for girls (p. 21).	UNCHR UNFPA Centros USDCDP WRC	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS realizam treinamentos sobre CI com comunidade de síria	ACNUR aconselha família sobre consequências legais/sociais em caso de CI no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	When marriage takes place under 18 years of age, often through a Sheikh and not verified in court, UNHCR counsels the child and the family on the marriage law in Jordan as well as its legal and social consequences. When cases of children at risk of early marriage are referred, UNHCR closely coordinates with relevant authorities and actors to prevent the marriage (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Necessidade de informar/empoderamento econômico para prevenir CI	Refugiadas relataram necessidade de aumentar consciência sobre CI no Zaatari	Zaatari	Relato	FGDs with women and girls also highlighted specifically the impact of raising awareness conducted on the topic of early marriage (p. 27).	UNICEF UNFPA NHF	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS realizam treinamentos sobre CI com comunidade de síria	IFH/UNFPA fornecem informações/orientações sobre CI e gravidez infantil no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	Furthermore to prevent early marriage, IFH/UNFPA provides girls and their families' information and guidance about the social and health issues related to early marriage and pregnancies (p. 26).	UNICEF UNFPA NHF	2013

	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS têm dificuldade de debater CI na comunidade síria	TH de ONG relata que o advocacy contra CI é inútil pois é um assunto sensível na população síria	Síria	Relato	Another key informant from an international NGO said that advocacy on child marriage/trafficking is not useful or informed and has affected capacity to address other issues because of sensitivities and its impact on Syrians (p. 21).	UNHCR UNFPA USCDCW RC	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS têm dificuldade de debater CI na comunidade síria	TH ONG relata que falar CI ofende práticas culturais sírias e pode diminuir esforços de combate a VSG	Síria	Relato	She further explained there are not enough specialized organizations working on these issues, so just strong advocacy becomes dangerous as it creates a backlash from the Syrians about their cultural practices and slows efforts in addressing other areas of GBV (p. 21).	UNHCR UNFPA USDCDCP WRC	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	OHS realizam treinamentos sobre CI com comunidade síria	"Existem sessões de conscientização sobre o casamento precoce que nos ajudam a educar nossos maridos e filhos"	Zaatari	Depoimento	"There are awareness sessions on early marriage that helps us to educate our husbands and kids" (p. 27).	UNICEF UNFPA NHF	2013
		CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Depoimento TH sobre CI no Zaatari	Zaatari	Depoimento	"There is often a big age gap that is the concern," Hyde [who works closely with the refugees in Za'atari for UNICEF] said. "In Syria, a sixteen-year-old will marry an eighteen-year-old boy. Here, you see cases of a sixty-nine-year-old man marrying a sixteen-year-old girl. You are marrying a girl who should be in school and is being deprived of her childhood."	The New Yorker	2013

	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Depoimento refugiada sobre CI no Zaatari	Zaatari	Depoimento	« Chaque jour, des étrangers nous sollicitaient et venaient demander à mes parents s'ils avaient une fille », se souvient Waed.	Marie Clare	2013
	Famílias/ meninas recusam CI com homens fora da comunidade de síria	Liderança síria relata que o problema não é CI mas casamento com homens de fora do Zaatari	Zaatari	Relato	The sheikh never asks the girls if they really wanted to get married, or if they said yes because they felt pressured by family members. He says the biggest problem in this camp isn't an early marriage, but a marriage between Syrian girls and unknown men from outside the camp.	Al-Jazeera	2013
	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Liderança síria relata sobre CI no Zaatari	Zaatari	Relato	Sheikh Hussin admits that the oldest girl he married in the last couple of months was 18 years old, and the youngest just 14. Since he came to Za'atari, ten months ago, he has married thirty couples. According to him, the "standards" for men to marry a girl have lowered.	Al-Jazeera	2013
	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Jornalista indica que meninas são vendidas para CI no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	Ils repèrent les futures proies dès leur entrée dans le camp. Moyennant quelques centaines d'euros, ils indiquent aux prétendants les tentes où se trouvent des filles.	Marie Clare	2013
	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Depoimento chefe religioso que negocia casamento de meninas com homens sauditas no Zaatari	Zaatari	Depoimento	« Les Saoudiens savent qu'ils peuvent acheter n'importe quelle fille, ici », observe avec cynisme Qasim. Ancien soldat de l'Armée syrienne libre, blessé à la jambe droite, ce rebelle de 25 ans se présente comme un des nombreux chefs religieux du camp.	Marie Clare	2013

						<p>Mais, si ce n'est sa barbe foisonnante, le jeune homme n'a rien d'un sage musulman, avec ses veste de survêt, pantalon et chaussures de ville. « Vous pouvez trouver des filles pour pas cher, de quelques centaines à plusieurs milliers de dollars », assure Qasim, qui fait office d'entremetteur. Il se charge de trouver des adolescentes syriennes et arrange les rendez-vous avec des prétendants.</p>		
	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Depoimento líder sírio sobre casar o filho com uma refugiada jovem no Zaatari	Zaatari	Depoimento	<p>Sheikh Othman n. He also recounts the experience of marrying his son to a young Syrian woman, as part of his encouragement of young men on one of the pages on “Syrian Girls’ Coverage ”:“ We decided to marry my son, and his mother and I went to the Zaatari camp, and we chose for him a veiled, white girl, with green eyes, and Halaby Talat. ”</p>	Al Araby	2015	
	CI de meninas é negociado com homens mais velhos e estrangeiros	Depoimento líder sírio sobre casar o filho com uma refugiada jovem no Zaatari	Zaatari	Depoimento	<p>The sheikh extends the talk about the distinction of Syrian women from other Arab women, especially in light of the circumstances that Syrian women are going through, to reach the height of his testimony by saying: "They do not care about economic conditions, nor the form, and treatment, the important thing is to marry and cover up." Of course, the comments are of the type "May God reward you with good Sheikh," and "God</p>	Al Araby	2015	

						bless you," who will be humiliated by the testimony he wrote		
	CI é ilegal na Jordânia	CI no Zaatari não é registrado e não tem status legal na Jordânia	Zaatari	Informações Qualitativas		La majorité de ces mariages ne sont pas enregistrés et n'ont aucune valeur juridique en Jordanie, où l'âge légal du mariage est fixé à 18 ans.	Marie Clare	2013
	CI é ilegal na Jordânia	CI são celebrados por líderes religiosos no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas		Ces unions sont, le plus souvent, scellées en présence d'un des parents et d'un cheik. Aux yeux des autorités religieuses, une poignée de main, la prononciation de la fatiha (première sourate du Coran) et la signature d'un simple certificat font l'affaire.	Marie Clare	2013
	CI afeta meninas/a dolescentes refugiadas entre 12-18 anos em cidades/campos	Loja de noivas no Zaatari indica que a idade média das noivas é 15 anos	Zaatari	Informações Qualitativas		In the past three months, a bridal boutique has sprung up in a small tent in what residents ironically call Zaatari's Champs Élysées. It offers a choice of six elaborate, bedazzled bridal gowns to rent for 2,500 Syrian pounds (£15.80). The average age of the wearer is 15.	The Guardian	2013
	CI é ilegal na Jordânia	Jordânia não permite casamento de menores de 18 anos	Jordânia	Informações Qualitativas		The Jordanian court does not allow people under the age of 18 to get married, but a wedding in Za'atari doesn't require permission from the Jordanian government. As the rules stand, marriage contracts are prepared by mosque imams and sheikhs.	Al-Jazeera	2013
	CI é causado pela busca de uma vida fora dos campos	Depoimento adolescente refugiada sobre sua experiência de CI no Zaatari	Zaatari	Depoimento		«Nous vivions dans le camp de Zaatari. Un jour, il s'est présenté sous notre tente en affirmant vouloir soutenir les réfugiés syriens. Il était plutôt beau	Marie Clare	2013

						garçon, délicat et bienveillant. Ma famille s'est alors liée d'amitié avec lui. Il nous a aidés à nous installer dans cet appartement de Mafrq (une ville jordanienne proche de la frontière syrienne), en payant le loyer le temps que mon père trouve un travail », raconte la jeune fille, assise sur un des matelas à même le sol, sans chauffage d'appoint pour faire oublier le froid vif qui pénètre dans le salon. Hormis un téléviseur, constamment allumé, la famille ne possède plus rien. « Quelques jours après notre emménagement, poursuit Waed, il m'a demandée en mariage. »		
	CI é causado pela busca de uma vida fora dos campos	Depoimento refugiada sobre CI da neta para protege-la no Zaatari	Zaatari	Depoimento	Mariam, Fatima's grandmother, tells a similar story in her trailer. When another of her granddaughters, Zeina, was walking back from school, the sister of a 22-year-old refugee wondered if she would be available to marry her brother. After a long talk, Mariam and her daughter made their final decision. "Zeina's father is not here, so she doesn't have male protection," said Mariam. "Especially at night, Za'atari can be dangerous for young girls. I heard some horrible rumours about girls getting raped or kidnapped. So, when we found out that this young man had a	Al-Jazeera	2013	

						college certificate and good potential to support and protect her in the future, we decided to say yes."		
5. Explicar denúncias/reclusas/retrato do CI	Famílias/ meninas recusam CI com homens fora da comunidade de síria	Depoimento mãe de adolescente refugiada sobre CI no Zaatari	Zaatari	Depoimento	Sa mère, Mushira, n'est pas dupe et lance alors au prétendant : « Tu penses pouvoir acheter ma fille parce que tu nous as sortis du camp ! »	Marie Clare	2013	
5. Explicar denúncias/reclusas/retrato do CI	Famílias/ meninas recusam CI por serem muito novas	Depoimento refugiada sobre rejeição de CI no Zaatari para menina terminar os estudos	Zaatari	Depoimento	Yet another of Mariam's grandchildren has received more than 25 proposals since arriving in the camp just over a year ago. The girl's mother, however, rejected them all, wanting her daughter to finish her education. When asked if her 15-year-old daughter is very beautiful, she smiles tenderly.	Al-Jazeera	2013	
3. Explicar consequências do CI	CI traz efeitos prejudiciais às meninas	Depoimento refugiada ativista contra CI sobre sua experiência no Zaatari	Zaatari	Depoimento	"En sixième, j'ai commencé à voir des filles se marier à seulement 12 ou 13 ans. Elles venaient à l'école faire leurs adieux", racontait l'adolescente, aujourd'hui âgée de 15 ans, au personnel de l'Agence des Nations Unies pour les réfugiés (HCR) le mois dernier. "Je me souviens avoir pensé qu'elles faisaient une grosse erreur."	Huffington Post	2016	
3. Explicar consequências do CI	CI traz efeitos prejudiciais às meninas	Depoimento refugiada dona de loja de casamentos sobre CI no Zaatari	Zaatari	Depoimento	"I feel like I have a child between my hands and she is having to take on a responsibility bigger than she is." Ruwaida says. "I feel like her life is over, her life is ending early."	CNN	2013	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidade	Famílias forçam CI para aliviar os problemas	Campos	Informações Qualitativas	Syrian refugee girls in Jordan are being forced to get married at a young age, either to escape sexual	Al Monitor	2015	

		des/inseguranças econômicas	financeiros nos campos			violence that is widely spread in refugee camps or to ease the financial troubles of their families.		
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Famílias forçam CI para aliviar os problemas financeiros nos campos		Campos	Informações Qualitativas	For many Syrians in Jordan's urban areas and refugee camps, marrying off girls at a young age is a desperate attempt to ease the financial burden on families who have little or no income and are trapped in a vicious cycle of poverty.	Al Monitor	2015
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Save the Children indica CI para aliviar tensões financeiras da família no Zaatari		Zaatari	Informações Qualitativas	Parmi les raisons qui poussent les parents à faire ce choix, Save the Children mentionne le désir de soulager la pression sur les ressources familiales et de protéger les jeunes filles des violences sexuelles.	Huffington Post	2016
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	ONU Mulheres indica que famílias casam meninas devido a insegurança econômica e física no Zaatari		Zaatari	Informações Qualitativas	Some Syrian families marry their daughters off earlier than before to provide personal and financial safety for her.	Al-Jazeera	2013
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela falta de oportunidades/inseguranças econômicas	Depoimento chefe religioso sobre venda de meninas para casamento devido a pobreza no Zaatari		Zaatari	Depoimento	Plus la fille est jeune et jolie, plus le prix est élevé. Davantage encore si elle est vierge. « Des parents vendent leur fille car ils n'ont pas le choix, lâche Qasim. Ils vivent dans la misère et ont besoin d'argent. C'est une bouche en moins à nourrir. »	Marie Clare	2013
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção contra VS	Famílias forçam CI para proteger meninas da VS nos campos		Campos	Informações Qualitativas	Syrian refugee girls in Jordan are being forced to get married at a young age, either to escape sexual violence that is widely spread in refugee camps or to	Al Monitor	2015

						ease the financial troubles of their families.		
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/ proteção contra VS	Famílias forçam CI para proteger meninas de VS nos campos	Campos	Informações Qualitativas		Other common reasons for child marriage in Jordan are the protection of young girls — especially in the refugee camps, where girls are at risk of sexual violence — and tradition, as girls in some parts of Syria often marry at a young age.	Al Monitor	2015
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/ proteção contra VS	Depoimento refugiada que casou filha de 13 anos devido ao medo do estupro no Zaatari	Zaatari	Depoimento		"I swear I wasn't able to sleep, I was afraid for the girls." Her mother tells us. "I swear to God, I would not have let her get married this young if we were still in Syria. There were rapes" Khaled adds.	CNN	2013
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/ proteção contra VS	Famílias casam mulheres/meninas pois se sentem incapazes de protegê-las do AS/estupro no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas		. Numers families, feeling unable to protect their female family members from the sexual harassment and rape within the camp, have arranged marriages to protect them.	NAOC	2013
4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Refugiada advoga sobre riscos de CI	Refugiada ativista advoga sobre riscos de CI e desencoraja prática no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas		Elle s'est renseignée sur les risques de mariage précoce, puis a incité ses amies et camarades de classes à partager ces informations avec leurs parents afin de décourager cette pratique.	Huffington Post	2016
3. Explicar consequências do CI	CI aumentou na comunidade de síria refugiada na Jordânia	Refugiada que possui negócio de noivas no relata que CI é mais recorrente no Zaatari do que na Síria	Zaatari	Informações Qualitativas		Ruwaida dresses brides inside Zaatari - a business she had back home in Syria. She says that marriage at 13 was rare in Syria, but here she sees it more and more frequently. Across the board, even for what should be a joyous occasion there is always	CNN	2013

						sorrow. When the brides are children themselves, it's even worse.		
2. Explicar causas do CI	Famílias permitem CI para garantir segurança/proteção contra VS	Save the Children indica CI para proteger as meninas da VS no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	Parmi les raisons qui poussent les parents à faire ce choix, Save the Children mentionne le désir de soulager la pression sur les ressources familiales et de protéger les jeunes filles des violences sexuelles.	Huffington Post	2016	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Famílias forçam CI devido a costumes sociais sírios nos campos	Campos	Informações Qualitativas	Other common reasons for child marriage in Jordan are the protection of young girls — especially in the refugee camps, where girls are at risk of sexual violence — and tradition, as girls in some parts of Syria often marry at a young age.	Al Monitor	2015	
3. Explicar consequências do CI	CI aumentou na comunidade de síria refugiada na Jordânia	Save the Children/UNICEF indicam que CI aumentou de 12% em 2011 para 31,7% em 2014 na Jordânia	Jordânia	Informações Quantitativas	La pratique des mariages précoces en Syrie date d'avant la guerre. On estime que 13% des Syriennes de moins de 18 ans ont été mariées contre leur gré en 2011. D'après l'association caritative britannique Save the Children, le taux d'épouses mineures parmi les réfugiées syriennes en Jordanie connaît une augmentation "alarmante", de 12% en 2011 à 25% en 2013. Et un rapport de l'Unicef révèle que le taux a atteint 31,7% au premier trimestre 2014.	Huffington Post	2016	
2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume	Jornalista indica que família aceita CI devido a prática comum na	Síria	Informações Qualitativas	L'homme insiste et promet de prendre soin de toute la famille. Originnaire d'une région syrienne conservatrice, où le mariage précoce est	Marie Clare	2013	

		me social síria	Síria			pratique courante, la famille finit pas accepter.		
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Jornalista relata história de CI no Zaatari	Zaatari	Relato	In one trailer we meet 13-year-old Najwa. She curls back in the corner next to her husband, 19-year-old Khaled, and her mother, hardly saying a word. Najwa is the youngest of three, her two older sisters in their late teens are also recently married.	CNN	2013
	4. Explicar programas/ações/monitoramento do CI	Refugiada advoga sobre riscos de CI	Refugiada ativista organiza aulas de arte, música e teatro para incentivar educação/combater CI no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	L'adolescente a également organisé des cours d'arts plastiques et des ateliers de musique et de théâtre pour les filles de son âge, dans l'espoir de combattre le problème par des exercices artistiques. Elle pense avoir réussi à persuader plusieurs de ses camarades de refuser le mariage afin de poursuivre leur scolarité.	Huffington Post	2016
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	ONU Mulheres indica que 51% das meninas de Daraa e 13% dos meninos no Zaatari se casaram antes dos 18 anos e de chegar à Jordânia	Zaatari	Informações Quantitativas	Around 51 percent of the girls from Daraa in Za'atari, and 13 percent of the boys, were married before the age of 18 - most before their arrival in Jordan.	Al-Jazeera	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Jornalista indica que famílias casam meninas devido a conservação da honra no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	In a culture where conserving honor is central, everyone says they had no other choice.	CNN	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela busca de uma vida fora dos	Família aceitou casamento de jovem devido a oportunidade	Zaatari	Informações Qualitativas	Rihab, 19, is marrying her 27-year-old camp neighbour tomorrow. Five months ago she met his sister, who	The Guardian	2013

		campos	de sair do Zaatari			made the match. Her family had refused the marriage initially, the boutique owner explains under her breath. It's going ahead now only because the groom's family have arranged for the new couple to be "bailed out" of Zaatari to start a new life in Jordan.		
	1. Explicar local/perfil do CI	CI de meninas ocorria na Síria antes e durante o conflito	Depoimento refugiada sobre idade do casamento de meninas entre 14 ou 15 anos na comunidade síria	Síria	Depoimento	"Our girls are most likely to get married at the age of 14 or 15," she told Al Jazeera. "This is not a new trend for refugees, as some organisations say."	Al-Jazeera	2013
	1. Explicar local/perfil do CI	Idade de casamento se manteve/aumentou no deslocamento	Al-Jazeera indica que não há evidências que refugiadas se casam mais cedo na Jordânia do que na Síria	Síria	Informações Qualitativas	While there is no conclusive evidence that Syrian refugees are marrying early at a higher rate in Jordan than in Syria, a UN Women study notes that the sense of economic and physical insecurity which, among other factors, drives early marriage is amplified in displacement.	Al-Jazeera	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	Depoimento refugiada de que CI não é novo no Zaatari mas é um costume sírio	Zaatari	Depoimento	"Our girls are most likely to get married at the age of 14 or 15," she told Al Jazeera. "This is not a new trend for refugees, as some organisations say."	Al-Jazeera	2013
	3. Explicar consequências do CI	Sobreviventes de CI enfrentam divórcio/CT de homens mais velhos/estrangeiros	Depoimento adolescente refugiada sobre sua experiência de CI no Zaatari	Zaatari	Depoimento	Waed, 17 ans, n'a conservé aucun souvenir de son mariage, mais a gardé une profonde amertume de sa brève union avec Mohamed, trentenaire saoudien. « Je veux que cette histoire sorte de ma tête, confie l'adolescente au visage poupin cerclé	Marie Clare	2013

						d'un élégant hidjab. Je voudrais retrouver ma vie d'avant, retourner à l'école et redevenir une enfant. »		
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela prática cultural/tradição/norma/costume social síria	ONU Mulheres indica que CI é costume em Daraa, área da qual muitos refugiados são originários no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	An early marriage is a common experience for Syrian girls from Daraa province, an area many of the refugees here fled from. Most of the girls in that province get married under the age of 18, according to UN Women.	Al-Jazeera	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado pela busca de uma vida fora dos campos	Famílias vendem jovens para CI para tirá-las do Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	Some parents of young girls in Za'atari, eager to get their daughters out of the camp, sell off girls of 14 or 15 to men looking for a wife.	The New Yorker	2013
	2. Explicar causas do CI	CI é causado para garantir segurança/proteção de meninas	Jornalista indica casamentos para proteção de meninas no Zaatari	Zaatari	Informações Qualitativas	This dark underbelly of crisis has led to a disturbing growing phenomenon: "sutra" marriages, or marriages for protection. Families who feel like they are unable to safeguard their female family members, their daughters, are marrying them off.	CNN	2013